

**Universidade de Évora - Escola de Artes**

Mestrado Integrado em Arquitectura

Trabalho de Projeto

Termas Vale dos Cucos . Da Viagem ao Lugar

Rui Miguel Carvalho Silvestre

Orientador | Daniel Nicolas Ferrera

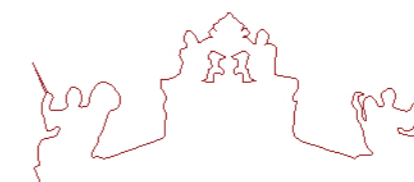
Évora, 2021

---

---

---

---



**Universidade de Évora - Escola de Artes**

Mestrado Integrado em Arquitectura

Trabalho de Projeto

Termas Vale dos Cucos . Da Viagem ao Lugar

Rui Miguel Carvalho Silvestre

Orientador | Daniel Nicolas Ferrera

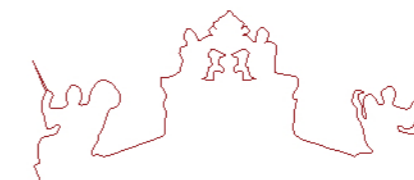
Évora, 2021

---

---

---

---



O trabalho de projeto foi objecto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Director da escola de Artes:

**Presidente**

João Barros Matos (Universidade de Évora)

**Vogais**

Daniel Nicolas Ferrera (Universidade de Évora) (Orientador)

João Gabriel Soares (Universidade de Évora) (Orientador)

Évora, 2021

---

---

---

---

DA VIAGEM AO LUGAR



T E R M A S  
VALE DOS CUCOS

TOMO



DA VIAGEM AO LUGAR

## AGRADECIMENTOS

Quero começar por deixar expresso o agradecimento ao meu orientador, Professor Daniel Nicolas Jiménez Ferreira, pelo incentivo, motivação, orientação e apoio na condução deste trabalho.

Agradeço também a todos os Professores que no decorrer da minha formação contribuíram para o meu enriquecimento pessoal e cultural.

Deixo um especial agradecimento aos Proprietários das Termas do Vale dos Cucos, o Sr. Paulo Neiva e o Sr. José Neiva, pela partilha de histórias e documentos inestimáveis para o desenvolvimento desta investigação. Não fica esquecido o Sr. Ramiro, antigo funcionário das termas.

Agradeço aos meus colegas e amigos, pelo apoio, companheirismo, compreensão e força que me deram ao longo destes árduos meses de trabalho. Entre todos destaco o Pedro, o Gonçalo, o Cláudio e o Marco, pela troca de conhecimentos, pelos momentos e histórias vividas, que fazem, sem dúvida, parte da minha aprendizagem.

A todos estes o meu sentido e sincero OBRIGADO.

Por fim, dedico à minha família;

Saliento a minha Mãe e o meu Pai, pois sem eles não seria possível. Nesta morosa e fascinante investigação, foram eles, o meu esteio, e que sempre me deram força, motivação e apoio incondicional

Ao meu irmão.

Aos meus avós, à de cá e aos que estão lá, sei bem que este também era um sonho vosso.

A estes que sempre manifestaram o desejo da minha prosperidade, eu, em forma de agradecimento e retribuição, a eles DEDICO TODA ESTA INVESTIGAÇÃO.

Esta Dissertação está escrita segundo o novo Acordo Ortográfico, exceto nas citações que foram transcritas da fonte bibliográfica, conforme a escrita original.

Todos os desenhos deste documento foram realizados pelo autor com base em interpretações provenientes da investigação, cartografia recolhida e levantamentos *in situ*.

O documento é originalmente desenvolvido em formato B4 (250x353mm).

Este é composto por 3 Tomos:

- I DA VIAGEM AO LUGAR
- II TERMAS VALE DOS CUCOS
- III DESENHOS DE INVESTIGAÇÃO (tomo anexo)

## 00 | INTRODUÇÃO

- .1 RESUMO \_ ABSTRACT
- .2 MOTIVAÇÃO
- .3 OBJECTO
- .4 OBJECTIVO
- .5 METODOLOGIA

## DA VIAGEM AO LUGAR

### 01 | O TERMALISMO

- 01.1 | EUROPA OCIDENTAL
  - .1 CRONOLOGIA HISTORICA \_ pag.06
  - .2 TERMALISMO \_ pag.07
- 01.2 | TERMALISMO OCIDENTAL
  - .1 IDADE ANTIGA \_ pag.08
  - .2 IDADE MEDIA \_ pag.10
  - .3 IDADE MODERNA \_ pag.12
  - .4 IDADE CONTEMPORÂNEA \_ pag.14
  - .5 ACTUALIDADE \_ pag.16
  - .6 CRONOLOGIA SÍNTESE \_ pag.18
- 01.3 | PORTUGAL
  - .1 TERRITÓRIO E SUAS ÁGUAS \_ pag.23
- 01.4 | ÁGUAS TERMAIS PORTUGUESAS
  - .1 AS INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS \_ pag.25
  - .2 LUGAR DAS ÁGUAS \_ pag.26
  - .3 AS CARACTERÍSTICAS \_ pag.28
- 01.5 | TERMALISMO PORTUGUÊS
  - .1 ORIGENS TERMAIS \_ pag.30
  - .2 CLÁSSICO OITOCENTISTA \_ pag.32
  - .3 SOCIAL E MEDICINAL \_ pag.34
  - .4 SAÚDE E BEM-ESTAR \_ pag.36
  - .5 CRONOLOGIA DAS TERMAS \_ pag.38
  - .6 CRONOLOGIA SÍNTESE \_ pag.40
  - .6 TERMAS COM ATIVIDADE SUSPensa \_ pag.42
- 01.6 | NOTAS DE REFERÊNCIA
  - .1 BIBLIOGRAFIA DE CAPÍTULO \_ pag.44
  - .2 ICONOGRAFIA DE CAPÍTULO \_ pag.45

### 02 | A VIAGEM

- 02.1 | ENQUADRAMENTO HISTORICO
  - .1 PRÉ REVOLUÇÃO INDUSTRIAL \_ pag.52
  - .2 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL \_ pag.54
  - .3 PÓS REVOLUÇÃO INDUSTRIAL \_ pag.57
- 02.2 | VIAGEM COMO TERAPIA
  - .1 DESTINOS TERMAIS \_ pag.59
- 02.3 | PORTUGAL
  - .1 PRÉ CAMINHOS DE FERRO \_ pag.60
  - .2 UMA VIAGEM EM 1875 \_ pag.62
- 02.4 | CAMINHOS DE FERRO
  - .1 CONSTRUÇÃO DE UMA REDE FERROVIÁRIA \_ pag.64
  - .2 DEMOCRATIZAÇÃO DA VIAGEM \_ pag.68
  - .3 LINHAS DINAMIZADORAS DO TERMALISMO \_ pag.70
- 02.5 | LINHA DO OESTE
  - .1 POTENCIAL LINHA TERMAL \_ pag.72
- 02.6 | NOTAS DE REFERÊNCIA
  - .1 BIBLIOGRAFIA DE CAPÍTULO \_ pag.74
  - .2 ICONOGRAFIA DE CAPÍTULO \_ pag.75

### 03 | O LUGAR

- 03.1 | UM LUGAR DE ÁGUAS
  - .1 PROVENIENTES DA SERRA DE MONTEJUNTO \_ pag.82
- 03.2 | TORRES VEDRAS
  - .1 O CONSELHO \_ pag.84
  - .2 A CIDADE \_ pag.86
- 03.3 | LUGAR DAS NASCENTES
  - .1 O SÍTIO DO CARPINTEIRO \_ pag.88
- 03.4 | PRIMEIRA NOTÍCIA DO LUGAR
  - .1 MEMÓRIAS PAROQUIAIS \_ pag.91
- 03.5 | O LUGAR DOS CUCOS
  - .1 O VALE \_ pag.92
  - .2 ORTOFOTOMAPA DO LUGAR DOS CUCOS \_ pag.96
  - .3 PLANTA DO LUGAR DOS CUCOS \_ pag.94
- 02.6 | NOTAS DE REFERÊNCIA
  - .1 BIBLIOGRAFIA DE CAPÍTULO \_ pag.98
  - .2 ICONOGRAFIA DE CAPÍTULO \_ pag.99

## || TERMAS VALE DOS CUCOS

### 04 | OS PROPRIETÁRIOS

- 04.1 | MIGUEL E JOSÉ LOURENÇO PEREZ
  - .1 QUINTA DA MACHÊA \_ pag.16
- 04.2 | JOÃO GONÇALVES DIAS NEIVA
  - .1 MODESTAS INSTALAÇÕES BALNEARES \_ pag.18
  - .2 A CHEGADA DO COMBOIO \_ pag.20
  - .3 PRESSÃO DA IMPRESSA LOCAL \_ pag.22
- 04.3 | JOSÉ GONÇALVES DIAS NEIVA
  - .1 PLANO DA VILA NEIVA DOS CUCOS \_ pag.23
  - .2 CONSTRUÇÃO DO BALNEÁRIO TERMAL \_ pag.25
  - .3 INAUGURAÇÃO DO BALNEÁRIO TERMAL \_ pag.27
  - .4 O PLANO NÃO EDIFICADO \_ pag.30
- 04.4 | JOSÉ ANTÓNIO VIEIRA
  - .1 CONTINUIDADE DO PLANO \_ pag.31
- 04.5 | JOSÉ ANTÓNIO NEIVA VIEIRA
  - .1 ANOS CONTURBADOS \_ pag.33
- 04.6 | SOC. TERMAL VALE DOS CUCOS
  - .1 FECHAR DAS PORTAS \_ pag.35
- 04.7 | CRONOLOGIA SÍNTESE
  - .1 PLANTAS DE EVOLUÇÃO DO LUGAR DAS TERMAS \_ pag.37
  - .2 PROVENIÊNCIA DAS FAMÍLIAS PEREZ, NEIVA \_ pag.39

### 05 | AS TERMAS

- 05.1 | EDIFICADO TERMAL
  - .1 BALNEÁRIO TERMAL \_ HOTEL \_ pag.56
  - .2 CASINO \_ pag.71
  - .3 CHALET D. FELICIANA E D. MARIA \_ pag.79
  - .4 BUVETE \_ FONTE TERMAL \_ pag.87
- 05.2 | BIODIVERSIDADE DO PARQUE
  - .1 FAUNA E FLORA \_ pag.93
- 05.3 | COMPLEXO TERMAL
  - .1 GEOMORFOLOGIA DO VALE DOS CUCOS \_ pag.97
  - .2 AQUIFERO DO VALE DOS CUCOS \_ pag.99
- 05.4 | NASCENTES TERMAIS
  - .1 CAPTAÇÕES \_ pag.101
  - .2 CUCOS NOVOS QUENTE E FRIA \_ pag.103
  - .3 CUCOS MODERNO \_ pag.105
  - .4 MINAS DAS LAMAS \_ pag.107
  - .5 FURO DA NOVA CAPTAÇÃO \_ pag.109
- 05.5 | TERAPIAS
  - .1 A ÁGUA DO VALE DOS CUCOS \_ pag.113
  - .2 BANHOS DE ÁGUAS E LAMAS \_ pag.115
  - .3 DESTINO TERAPÊUTICO \_ pag.121

### 06 | PROJETO

- 06.1 | TERMAS VALE DOS CUCOS
  - .1 LUGAR EXPECTANTE \_ pag.128
  - .2 RAÍZES DO LUGAR \_ pag.129
- 06.3 | PONTOS DE PARTIDA
  - .1 MINA DE LAMAS \_ pag.131
  - .2 FURO DE CAPTAÇÃO \_ pag.132
  - .3 REFERÊNCIAS DO LUGAR \_ pag.133
  - .4 TORRE \_ REFERÊNCIAS EXTERNAS \_ pag.135
  - .5 POÇO \_ REFERÊNCIAS EXTERNAS \_ pag.137
  - .6 A TORRE E O POÇO \_ pag.139
  - .7 MATERIALIDADE \_ pag.141
- 06.3 | DEFINIÇÃO DO PROJECTO
  - .1 PROGRAMA EXISTENTE \_ pag.143
  - .2 PROGRAMA PROPOSTO \_ pag.144
- 06.4 | DESENHOS DA PROPOSTA
  - .1 DESENHO DO LIMITE \_ pag.145
  - .2 PLANTA GERAL DE COBERTURAS \_ pag.147
  - .3 PLANTA GERAL DO PISO TÉRREO \_ pag.149
  - .4 PLANTA GERAL DO PISO -1 \_ pag.151
  - .5 CORTES GERAIS DA PROPOSTA \_ pag.153
  - .6 AXONOMETRIA GERAL \_ pag.157
  - .7 AXONOMETRIAS EXPLODIDAS \_ pag.159
  - .8 PLANTA\_ALÇADO DO BALNEÁRIO DE BANHOS \_ pag.163
  - .9 CORTES DO BALNEÁRIO BANHOS \_ pag.165
  - .10 PLANTA\_ALÇADO DO BALNEÁRIO DE LAMAS \_ pag.167
  - .11 CORTES DO BALNEÁRIO DE LAMAS \_ pag.169
  - .12 DETALHES CONSTRUCTIVOS \_ pag.171
- 06.5 | IMAGINÁRIO DA PROPOSTA
  - .1 FOTOMONTAGENS \_ pag.175
  - .2 MAQUETIAS \_ pag.175

### 07 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

- 07.1 | CONCLUSÃO
- 07.2 | TÉRMINO
- 07.3 | NOTAS DE REFERENCIA
  - .1 BIBLIOGRAFIA GERAL DE TOMO
  - .2 ICONOGRAFIA GERAL DE TOMO





Todos os Projetos começam com uma **IDEIA**  
e uma **FOLHA BRANCA**

December  
2016

primeiros traços da ideia da presente dissertação

## 00 .1 | RESUMO

TÍTULO . TITLE  
Termas Vale dos Cucos  
the Vale dos Cucos Thermae

SUBTÍTULO . SUBTITLE  
da Viagem ao Lugar  
*from the Voyage to the Place*

NOME . NAME  
Rui Miguel Carvalho Silvestre

EQUIPA ORIENTADORA . THESIS ADVISOR  
Dtr. Arq. Daniel Nicolás Jiménez Ferreira

Dissertação/Projecto elaborado para a obtenção  
do Grau de Mestre em Arquitectura

Évora, Dezembro 2020

A linha ferroviária do Oeste constituiu um poderoso elemento estruturador de uma vasta região. Funcionando regularmente a partir de 1880, foi outrora eixo de um mercado regional dinâmico, tecendo novas articulações económicas, culturais e turísticas. O caminho-de-ferro assume-se também como um elemento histórico relevante, para uma região expectável em seu redor.

O objetivo é conseguir promover uma relação entre o complexo termal dos Cucos e o restante tecido urbano e rural, procurando criar e conjugar neste território um mosaico cultural pontuado por grandes marcos, os termais, os patrimoniais, os sociais e os culturais.

Partindo de uma base prática operativa, relativa à Paisagem e Património Termal ainda hoje existente, mas que atualmente permanece devoluto, pretende-se conceber uma base de estudo de relações entre a arquitetura (termas) e a infraestrutura (ferrovia). Com base nesta investigação procura-se estabelecer uma hipotética relação da evolução morfológica do complexo termal dos Cucos (Torres Vedras 1893 - 1998), com o desenvolvimento da linha de caminho-de-ferro, oriunda de Lisboa, que liga a cidade de Torres Vedras às restantes cidades termais, procurando assim contribuir para uma enunciação de uma possível interpretação crítica e criação arquitetónica.

Esta metodologia de análise, interpretação e intervenção proposta, procura revitalizar e integrar o atual edifício num conjunto edificado, que possa revitalizar e proporcionar novos ambientes propícios à promoção da saúde, lazer e bem-estar comum, de uma cidade, de uma paisagem, de um território expectante.

## ABSTRACT

The Portuguese Western railroad line was a powerful structuring element for a vast region. Operating regularly since 1880, it was once the axis of a dynamic regional market, weaving new economic, cultural and tourist connections. Today, the railroad still stands as a relevant historical element, for an expecting region surrounding it.

The objective is to be able to promote a relationship between the Cucos thermal facilities and the rest of the urban and rural fabric, seeking to create and combine in this territory a cultural mosaic punctuated by major landmarks, thermal baths, historic heritage, social and cultural.

Starting from a practical operational base, related to the Landscape and Thermal Heritage that still stands today, but which currently remains vacant, it is intended to conceive a basis for studying the relationship between architecture (thermal baths) and infrastructure (railroad). Based on this investigation, an attempt is made to establish a hypothetical relationship between the morphological evolution of the Cucos thermal baths (Torres Vedras 1893 - 1998), with the development of the railroad line from Lisbon, which links the city of Torres Vedras to the remaining thermal cities, thus seeking to contribute to the enunciation of a possible critical interpretation and architectural creation.

This analysis methodology, interpretation and proposed intervention, seeks to revitalize and integrate the current building within a facilities compound, which can revitalize and provide new environments leading to the promotion of health, leisure and common well-being, of a city, of a landscape, of an expectant territory.

SOMOS ONDE NASCEMOS



## 00.2 | MOTIVAÇÃO

Começo por transcrever José António Neiva Vieira, pois eu, tal como ele...

*"Nascemos nesta região e os nossos olhos estão impregnados deste calmo panorama estremenho, com suave ondulação, com as suas vinhas e os seus pomares, o ondular dos seus trigos, o chorar dos seus moinhos, que alvejam pelos altos isolados ou em grupos, e a palavra mística das suas capelinhas, nas quebradas encostas."*

É às minhas origens que eu quero voltar, é sobre elas que eu quero investigar. No meu entender, tão avultada investigação, que dá termo a minha jornada académica, só faria sentido sendo relativa a algo da minha Terra Natal. **Torres Vedras**, é a cidade de que sou orgulhosamente filho e é sobre ela que vou dissertar.

Sabendo desde cedo que a minha investigação se relacionaria com a minha região, a decisão passaria apenas por escolher e decidir concretamente, qual seria o objeto de estudo específico. Com a evolução dos tempos a decisão tornou-se óbvia, recaindo a preferência pela carismática **Estância Termal do Vale dos Cucos**.

Sobre estas, Júlio Vieira, na sua obra bibliográfica "*Torres Vedras antiga e moderna*", do ano 1926, dizia que a História das Termas do Vale dos Cucos ainda se está por fazer.

Em resposta, José António Neiva Vieira, proprietário destas Termas, de forma a colmatar tal lacuna, fez por sua mão as seguintes publicações:

*"Termas dos Cucos e as Suas Indicações Terapêuticas" (1945)*  
*"Termas dos Cucos - Estação Antirreumática" (1955)*  
*"História das Termas do Vale dos Cucos" (1964)*

Neste trabalho, trago como motivação saber que estou a dar continuidade a um trabalho e a uma história, que nunca será demais relembrar, quem sabe colmatar e acrescentar em alguns aspetos. Na presente data, à semelhança de José António Neves, trago em mim a vontade de alguma forma contribuir para as dar a conhecer e ficar também a saber um pouco mais sobre um lugar no Vale dos Cucos e da Cidade de Torres Vedras.

### 00 .3. | OBJECTO



As **TERMAS DO VALE DOS CUCOS**, mantêm e ainda revelam nos dias de hoje, um valor estético, técnico e material, que suscita um interesse social e cultural, revelador de um passado que as memórias vão desvanecendo em romances e enigmas, e muito mais glamoroso do que na atualidade se apresenta. De enquadramento rural, inserido no vale que lhes dá nome, distam a 2 quilómetros para a cidade de Torres Vedras

A sua localização situa-se na margem direita do rio Sizandro, no sopé da Serra dos Cucos, nos terrenos da quinta da Macheia. A utilização inicial desta propriedade privada destinava-se à saúde e ao lazer do complexo termal, que está atualmente em desuso, pois as termas encontram-se encerradas desde 1998.

Os registos históricos apontam para que a utilização das águas minerais que assomavam à superfície neste local, já existiria a partir de 1746. No entanto muitos anos passariam antes que fossem realizados os primeiros estudos sobre estas fontes, que só foram efetuados em 1866. Cerca de 20 anos depois, é projetada a construção da estância termal, em concordância com a chegada do primeiro comboio na linha do Oeste.

Na escala permitida pela realidade portuguesa então existente, as termas do Vale dos Cucos desenvolveram-se seguindo o rasto do crescente interesse e procura das atividades ligadas ao termalismo no século XIX, que se tinham vindo a afirmar por toda a Europa. A sua importância arquitetónica, topográfica e urbana consolidam e justificam a classificação do imóvel como Monumento de Interesse Público.

O projeto do edifício central foi da autoria do arquiteto António Jorge Freire. Como elementos de a salientar, nele se destacam as fachadas em estilo neoclássico do complexo original termal, que revelam numerosos e variados pormenores arquitetónicos, únicos e de relevante valor estilístico.

Atualmente, após um processo que se decorria desde 2007, o conjunto edificado está finalmente classificado como Monumento de Interesse Público (MIP), pela portaria 318/2013, de 3 de Junho de 2013, da Direção Geral do Património Cultural, que incluía também uma Zona de Especial de Proteção, proposta desde 2010, de forma a proteger toda a zona envolvente em que os edifícios se inserem.

### 00 .4. | OBJECTIVO

Pretende-se com este trabalho de projeto prático:

1. Esta dissertação tem como principal finalidade desenvolver uma proposta de requalificação para as Termas do Vale dos Cucos, adaptando-o a funções similares, mas em resposta necessidades diferenciadas, compatíveis com as exigências atuais e pelo avanço da imaginativa oferta termal.
2. Analisar criticamente a situação atual das Termas dos Cucos (condições de manutenção; estado de conservação do património arquitetónico e paisagístico do complexo; relações entre o edificado e os espaços envolventes - público; semipúblico e privado; relações entre meios - urbanos e periurbanos.)
3. Propor um projeto de arquitetura que potencie as relações entre cidade e as termas em ligação com a ferrovia, devolvendo a vitalidade do conjunto edificado.
4. Demonstrar a relevância da intervenção a propor, com base em análises sobre o Património Termal, intercalada com o conceito de viagem, em que se desenvolverá a pertinência do projeto proposto para as Termas.
5. Propor uma intervenção que englobe o restaurar dos edifícios antigos e a construção de novos espaços, de forma a responder ao mercado atual, num projeto de arquitetura dê resposta aos problemas encontrados durante a investigação. (Consolidar com a produção de um documento síntese, da investigação realizada e de elementos gráficos de representação do projeto proposto, próprios do conhecimento da arquitetura).
6. Procurar alcançar com este trabalho um anteprojecto válido de requalificação e ampliação das Termas do Vale dos Cucos, que considerando e respeitando o edificado existente, compatibilize uma proposta de intervenção arquitetónica, em que seja possível conseguir acomodar sem desvirtuar, a implementação de novos espaços e de sistemas modernizados.

### 00 .5. | METODOLOGIA

A descrição da metodologia seguida nesta investigação considera-se como meramente indicativa, uma vez que assenta num trabalho contínuo de pesquisa, interpretação crítica e criação arquitetónica, próprias de um projeto de arquitetura (research by design). Como tal, dá origem à existência de um diário de investigação no qual se regista cronologicamente todo o processo, que assim incidirá principalmente em quatro grandes momentos:

1. A Metodologia deste documento desenvolve-se essencialmente em torno de uma pesquisa sobre a origem e o desenvolvimento do termalismo, o Património referente às Estâncias Termais, e em que serão abordados alguns acontecimentos nacionais e internacionais, relevantes para o caso de estudo e a análise histórica, para entender toda uma globalidade da temática termal.
2. A pesquisa de informação, direcionada à investigação de conceitos e metodologias associados à temática da viagem, estabelecendo o paralelismo com o desenvolvimento termal.
3. A Análise crítica, compreendendo: Processo de sintetização da informação; seleção sistemática; Comparação de elementos escritos e gráficos; comparação e recolha de referências; tomada de posição perante o problema; formulação de uma estratégia de intervenção e de possíveis programas arquitetónicos a resolver na proposta prática.
4. A execução de diferentes levantamentos "in situ", fotográfico, dimensional, percetivo, entre outros, considerados necessários ao desenvolvimento da investigação, e como elementos auxiliares na interpretação e re-elaboração de cartografia e desenhos base, preparatórios, enquanto bases para uma proposta de intervenção arquitetónica.
5. Por fim, desenhar. Nesta fase o desenho assume um papel de investigação e experiência, tendo assim um objetivo de descoberta para a possibilidade de um nova proposta. Este "desenhar", deve ir sendo acompanhado com modelos tridimensionais, físicos (maquetas), enquanto meios de experiência arquitetónica. Permite-se desta forma testar, verificar soluções, comprovar escolhas, que serão depois novamente expressas em desenhos, num refinar progressivo da futura proposta.

**01**

# 01 | O TERMALISMO

01.1	<b>EUROPA OCIDENTAL</b>
.1	CRONOLOGIA HISTÓRICA
.2	TERMALISMO
01.2	<b>TERMALISMO OCIDENTAL</b>
.1	IDADE ANTIGA
.2	IDADE MÉDIA
.3	IDADE MODERNA
.4	IDADE CONTEMPORÂNEA
.5	ACTUALIDADE
.6	CRONOLOGIA SÍNTESE
01.3	<b>PORTUGAL</b>
.1	TERRITÓRIO E SUAS ÁGUAS
01.4	<b>ÁGUAS TERMAIS PORTUGUESAS</b>
.1	AS INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS
.2	LUGAR DAS ÁGUAS
.3	AS CARACTERÍSTICAS
01.5	<b>TERMALISMO PORTUGUÊS</b>
.1	ORIGENS TERMAIS
.2	CLÁSSICO OITOCENTISTA
.3	SOCIAL E MEDICINAL
.4	SAÚDE E BEM-ESTAR
.5	CRONOLOGIA DAS TERMAS
.6	CRONOLOGIA SÍNTESE
.6	TERMAS COM ATIVIDADE SUSPensa
01.6	<b>NOTAS DE REFERÊNCIA</b>
.1	BIBLIOGRAFIA DE CAPÍTULO
.2	ICONOGRAFIA DE CAPÍTULO

01.1 | EUROPA OCIDENTAL



fig.001 | Europa Ocidental

## 01.1.1 | EUROPA OCIDENTAL CRONOLOGIA HISTÓRICA



## 01.1.2 | TERMALISMO

Pode-se definir “Termalismo” como o conjunto de todos os meios medicinais, sociais, sanitários, administrativos e de acolhimento, devidamente estruturados, com vista à utilização para fins terapêuticos das águas minerais e de lamas. O Termalismo implica, desde logo, a indicação e utilização de uma água termal com virtudes curativas reconhecidas pela classe médica, através dos seus efeitos químicos, térmicos e mecânicos.<sup>001</sup>

Para uma melhor compreensão do termalismo atual, particularmente em Portugal torna-se relevante fazer uma análise mais abrangente. Por isso este estudo procura ir ao encontro das origens do termalismo, e dissertará sobre a sua evolução, história e os seus fundamentos, numa evolução da sua História de forma a ter uma compreensão mais abrangente em escala temporal e territorial.

No capítulo seguinte será feita uma divisão das várias épocas termais, contextualizando os vários períodos da utilização das águas, sendo referenciados acontecimentos históricos que influenciaram a evolução termal no território ocidental.

De forma cronológica o capítulo seguinte divide-se em quatro partes: Idade Antiga, Idade Media, Idade Moderna e Idade Contemporânea, terminado com um capítulo relativo a atualidade recente.

<sup>001</sup> | RAMOS, A. (2005) *O Termalismo em Portugal. Dos Fatores de Obstrução à Revitalização pela Dimensão Turística*, Tese de Doutoramento, Universidade do Aveiro.



## 01.2.1 | TERMALISMO OCIDENTAL IDADE ANTIGA



fig.002 | O Batismo de Cristo © Piero della Francesca

A ÁGUA para além da sua importância como elemento de manutenção da vida na Terra, adquiriu também, ao longo dos tempos, significados geralmente relacionados ao nascimento, cura, pureza e renovação em diversas religiões e culturas por todo o mundo. Fonte de purificação para os hindus e islâmicos através de banhos e rituais religiosos, para os judeus pela imersão em água (mikvá) em diversas ocasiões religiosas, e para os cristãos através do acto do baptismo.

No início, o homem pensava que o seu estado de saúde era definido por entidades sobrenaturais, onde bem ou mal-estar eram entendidos como recompensas ou castigos de um divino, baseando-se em crenças teológicas. Mais tarde, os povos antigos como os Egípcios, Sumérios, Babilónios e Aztecas, verificaram que determinados rituais medicinais e religiosos estavam intrinsecamente ligados ao bem-estar físico e espiritual, muitos destes ligados à água.

Na antiguidade clássica, com os Gregos, as propriedades curativas nas águas eram consideradas uma dádiva dos deuses, e por isso, detentoras de poderes mágicos. De um modo particular, os gregos eram adeptos do bem-estar físico e do culto do corpo, tendo privilegiado os banhos públicos, e para isso construído,<sup>002</sup> junto a estes, templos e santuários em locais bem enquadrados pela vegetação e perto de cursos de água, todos estes com fortes propriedades medicinais, proporcionando assim verdadeiros locais de culto do corpo.<sup>003</sup>

Posteriormente os Romanos, que tinham desde os seus antecessores fortes ligações à água e ao banho por diversas influências, não só Gregos como também Orientais, tiveram ao longo dos tempos e através dos seus imperadores, o objetivo de dotar Roma e todo o seu império de fabulosos e requintados estabelecimentos termais, uma vez que o banho tinha grande importância na vida social. Além do prazer da boa forma física, aprenderam também o prazer da convivialidade, que levaram ao extremo através da construção de grandes edifícios termais.<sup>004</sup>

AS Termas de Caracalla, edificadas no Séc.III d.C. apresentam-se como o mais perfeito exemplo da monumentalidade Termal. Todo o conjunto recintado media 351m por 378m. O edifício principal, inserido na zona norte do complexo, media 228 m por 116 m. Na zona sul, no eixo central do edifício, situava-se o *caldarium*, de forma circular e abobadada, com nichos perimetrais que nesta sala albergavam as piscinas de água quente. No mesmo eixo, mais a norte encontrava-se o *tepidarium* e em sequência encontramos o *frigidarium*, lugar para o banho frio, terminando no *natatio*, lugar exterior com uma grande piscina. Nas laterais deste eixo encontramos a *palaestra* e outros espaços de banho tais como o *soudatorium*, *laconicum* e o *unctorium*. No perímetro exterior em torno das termas encontravam-se lojas, restaurantes, ginásios, bibliotecas e grandiosos jardins repletos de estátuas e numerosas esculturas.<sup>005</sup>

Nesta época, os complexos termais eram construídos e mantidos com fundos imperiais, sendo a sua utilização gratuita. Tinham como principal objetivo definir padrões de higiene e saúde da população, promovendo-se também como espaços de sociabilidade e de convívio. Tendo em conta a extensa influência Romana na Europa, surgem termas romanas por todo o império, nomeadamente Baden-Baden (Alemanha), Vichy (França), Bath (Reino Unido), Aquincum (Hungria), entre muitas outras. Na Península Ibérica, temos o caso das termas no norte da Espanha, de Campo Valdés e Gijón, nas Astúrias, e já em território português, são vastamente conhecidas as termas romanas de Chaves, São Pedro do sul, termas de Monfortinho e Évora, entre outras.<sup>006</sup>



fig.003 | Pintura demonstrativa das Termas de Caracalla ©Virgilio Mattoni de la Fuente

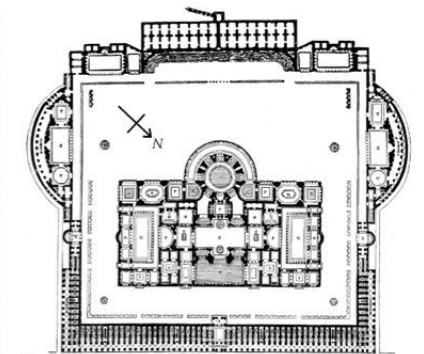


fig.004 | Planta das Termas de Caracalla



fig.005 | Corte Longitudinal das Termas de Caracalla

002 | ROUTH, H. B., BHOWMIK, K. R., PARISH, L. C., WITKOWSKI, J. A. (1996). *Balneology, Mineral Water, and Spas in Historical Perspective in Clinics in Dermatology*, pag551 a 554.

003 | PITA, J. R. (1998). *História da Farmácia*. Coimbra, Livraria Minerva Editora.

004 | GINOUVES, R. (1962). *Balnéologie: Recherches sur le bain dans l'antiquité grecque* Paris.

005 | ROTH, L. M. (1999). *Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado*. 2ª ed. Barcelona Editorial Gustavo Gili SA, pag225 a 250

006 | Kerrigan, M. (2001). *Ancient Rome and Roman Empire*. BBC Worldwide. Londres.

## TERMALISMO OCIDENTAL

### 01.2.2 IDADE MEDIA



fig.006 | O Banho Medieval © Jena Antithesis Christi et Antichrist

Durante a Idade Média os ocidentais abandonaram os hábitos de higiene, principalmente por conta da religião, era suficiente tomar banho uma vez por ano. Para a igreja o ritual do banho era tratado como orgias pecaminosas, nessa época havia muitas doenças por falta de higiene. Os banhos eram raros e nas famílias pobres eram feitos em uma tina onde a água banhava a família inteira, começando pelo homem, depois filhos e por último a mulher.

Na idade média os médicos achavam que a água quente acabava com os órgãos, deixando o corpo exposto a insalubridades, que se penetrasse através dos poros, podia contrair várias doenças. Também tinha a ideia de que a sujeira formava uma camada no corpo que protegia contra doenças e que por isso os métodos de higiene deveriam ser feitos "a seco", com uma toalha limpa para limpar as partes expostas do corpo humano.

007 | ALPOIM, M. (2010), *Análise à Procura Termal*, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.

008 | MARTINS, M. (2009), *Agglomerados Termois Portugueses - Provelho da sua Revitalização na Competitividade Urbana*, FEUP.

009 | VIGARELLO, G. (1988), *O Limpo e o Sujo - A higiene do corpo desde a Idade Média*, pag.35.

Com a queda do Império Romano do Ocidente e com crescente expansão do cristianismo e do constante ganho de importância da Igreja, o termalismo vai abrando, uma vez que esta última via esta atividade com desaprovação, associando-a à imoralidade e à luxúria.<sup>007</sup> Com as invasões bárbaras, após milénios de valorização das águas, estas caem no esquecimento.

Na Idade Média, com a ascensão da Igreja as termas são associadas à "perdição, deboche e bruxaria", o que levou a que o património se fosse progressivamente degradando e abandonado.<sup>008</sup> A Igreja Católica considerava o termalismo como um ato pagão, e por isso os banhos termais perderam o seu papel social e começaram a ser empregues apenas sob o ponto de vista apenas terapêutico e medicinal. Na época, a pele era vista como um revestimento permeável, que exposto ao mundo se tornava num elemento de fácil absorção, e em que a porosidade era considerada uma fraqueza corporal que permitia a absorção de doenças. Como tal, a água era encarada como uma ameaça ao corpo, os banhos evitados. A higiene era agora protagonizada e simbolizada pelo vestuário que revestia e protegia a pele, onde a limpeza e a brancura exteriorizavam a higiene do indivíduo.<sup>009</sup>

Com a entrada dos muçulmanos na Península Ibérica em 711, o termalismo neste território ganhou um novo espírito, influenciado pela cultura oriental vindoura das primeiras civilizações das margens do Tigre, Eufrates e do Nilo, onde o banho era parte integrante do ritual religioso e quotidiano. O território ocidental que naquele período esteve sob influência árabe, vê reaparecer gradualmente os espaços de utilização de águas termais. Nesta época, aparecem as termas Judaicas associando a imersão nas águas à purificação. A água e o vapor são elementos cruciais no banho Islâmico, Turco e Mourisco, como parte integrante da higiene e como um ritual de preparação para as orações. Contudo, os banhos serviam também um propósito de relaxamento e de interação social, semelhante aos banhos termais Romanos.

Nestas culturas, os banhos eram normalmente compostos por um amplo hall de entrada, um vestíbulo de transição, e banhos de calor seco ou calor húmido. Ao longo do edifício, existiam bancos e fontes, abóbadas e cúpulas, com pequenas aberturas de luz. No centro da sala de calor seco, o corpo era massajado numa plataforma de mármore. Depois da massagem, tomavam banho com água das fontes para retirar os óleos e regressavam ao hall de entrada, zona de descanso e contemplação. Os espaços mais amplos, no interior do banho turco, eram os vestiários, onde as pessoas trocavam de roupa, descansavam e relaxavam a seguir ao banho, tomavam bebidas e conversavam.

No desenrolar da Idade Média e com a progressiva expulsão dos mouros do território europeu, a água perde novamente a relevância e surgem novos tratamentos por meio de plantas, que conhecem um desenvolvimento impressionante na altura. As águas só voltam a se considerar "santas e milagrosas pela credence popular", quando associadas ao divino cristão, uma vez que a igreja se apercebe das suas potencialidades terapêuticas e passa a controlar estes espaços termais, reconstruindo-os e dirigindo-os clinicamente. Surge então uma mudança de utilização das águas, desvalorizando-se a vertente social e lúdica dos espaços termais e surgem novos espaços para aproveitamento medicinal.

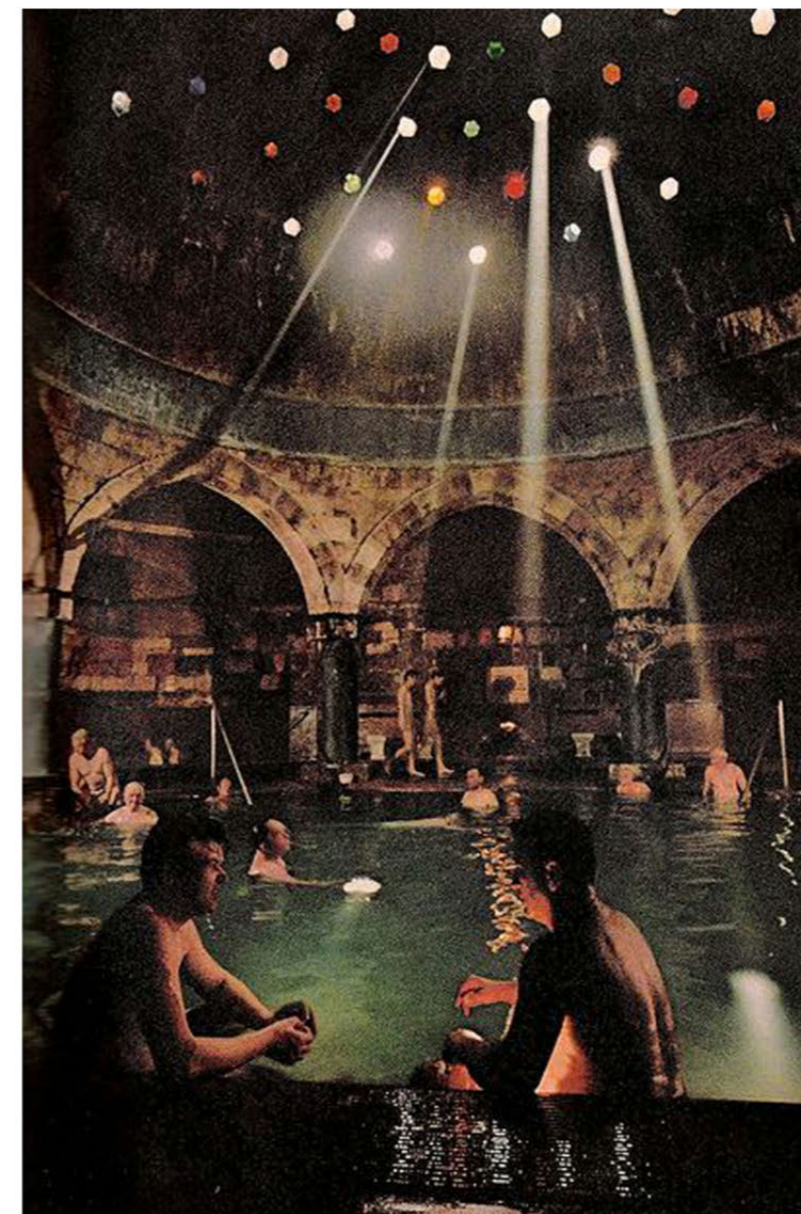
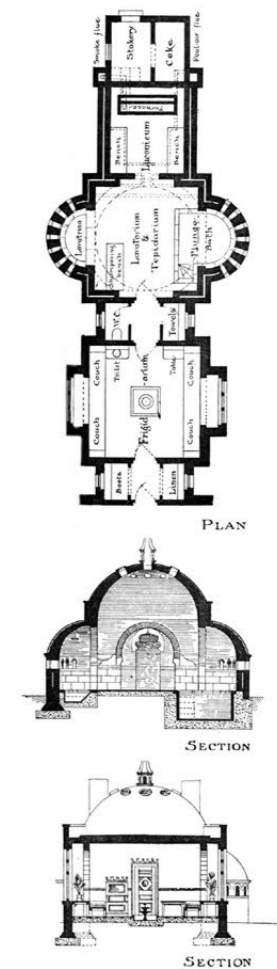


fig.007 | Rudas Baths, Budapeste



## TERMALISMO OCIDENTAL

### 01.2.3 IDADE MODERNA



fig.009 | Cartaz Publicitário \_ Termas de Royat

No século XI, foi instaurado um período mais favorável, de maior desenvolvimento económico, em que a presença árabe deixa suas influências, sendo integrado o comércio de feiras e mercados, herança promotora do renascer económico da Europa.<sup>010</sup>

A partir do Séc.XIII, o renascimento fica marcado por novas expressões de culto, motivadas por um impulso intelectual, em oposição ao medieval. No Séc.XVII, surge o gosto pelas viagens, da viagem como aprendizagem. Nesta época alguns dos jovens ingleses da alta sociedade marcam a sua transição para a vida adulta com uma viagem, roteiro incluía outras cidades como Amsterdão, Munique, Viena ou Praga, com o tempo a designação desta viagem evolui para o *Grand Tour*.

No século XVIII, com a Revolução Industrial, o barco a vapor, o caminho-de-ferro e a construção de novas estradas, facilitam as viagens, sendo agora mais acessível e mais fácil conhecer novos destinos. O *Grand Tour*, viagem longa, demorada e dispendiosa é substituído pelas viagens de ida e volta, mais curtas e económicas, que torna acessível aos novos burgueses. Na época as estâncias balneares termais entram nos itinerários das viagens.<sup>011</sup> A "viagem da cura e do prazer" estava associada à "mudança de ares" necessária à manutenção da saúde. Interligada com a cura termal, sobretudo para aqueles que viviam nas cidades e viajavam para o campo, o distanciamento através da viagem correspondia a uma nova forma escape emocional.<sup>012</sup>

Nesta altura, ganham destaque, vários balneários termais, como Vichy em França, Baden-Baden na Alemanha e Bath na Inglaterra.<sup>013</sup> Nos anos decorrentes surgem novas classes de viajantes que se "deslocavam por snobismo e extravagância", permitindo o desenvolvimento da hidroterapia e o "engrandecimento da arquitetura e do urbanismo termal". Esta "euforia termal" espalha-se pela Europa e define "um novo modelo urbano, separando a vila termal da população local e onde os elementos deste novo local se distribuíam por muitos edifícios, parques, jardins, casinos, hotéis, salas de teatro fortemente caracterizados por atrações distintas".<sup>014</sup>

Os estabelecimentos termais tornam-se mais luxuosos, adquirindo igualmente novos e melhores equipamentos; novos hotéis são construídos, os salões de baile engrandecem, enquanto as salas de teatro e os casinos começam-se a impor-se na vida social e na animação das "estâncias de cura". Para além do balneário era necessário complementar a cura do corpo com o bem-estar lúdico. Surgem edifícios destinados aos luxuosos divertimentos, e um conjunto de fatores contribuiu para o desenvolvimento de um novo conceito: o de Vila Termal, que revela claramente uma tendência de se expandir para fora das localidades. Este novo conceito procurou preservar os espaços e as construções termais, mantendo-as afastadas dos centros urbanos e das populações locais, procurando situá-las em locais frescos e saudáveis, envolvidos pela natureza. Todos os países europeus com tradições termais adotaram progressivamente este conceito e aumentaram o número de estâncias termais com diversas dimensões.<sup>015</sup>

010 | PINTO, A., MEIRELES, F., CAMBOTAS, M. (2002), *Cadernos de História da Arte*, Porto Editora, pag.4

011 | BARROS, V. (2015). *Turismo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

012 | THOMAS, K. (1988), *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*, São Paulo, Companhia das Letras.

013 | MARTINS, M. (2009) *Aglomerados Termais Portugueses - Proveito da sua Revitalização na Competitividade Urbana*. FEUP.

014 | ALPOIM, M. (2010), *Análise à Procura Termal*, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.

015 | RAMOS, A. (2005) *O Termalismo em Portugal. Dos Fatores de Obstrução à Revitalização pela Dimensão Turística*, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.



fig.010 | Bilhete de Desconto Chemins de Fer PLM \_ Termas de Vichy



fig.011 | Cartaz Publicitário \_ Termas de Vichy

## 01.2.4 | TERMALISMO OCIDENTAL IDADE CONTEMPORÂNEA

No Séc. XVIII a cura termal torna-se moda, e a segunda metade deste século marcou a idade de ouro das termas, tornando-se estas mais uma vez em locais de lazer, convívio, recreação e de certo exibicionismo social.<sup>016/</sup> Nesta altura, a nova burguesia criada pela expansão industrial da época, procurava reconhecimento social e rapidamente imitou a aristocracia, alugando casas de campo ou aposentos em hotéis para gozar alguns dias de repouso e veraneio. Nos meses de mais calor, surgiu a moda da prática da viagem até ao lugar dos banhos de termas, procurando-se o distanciamento geográfico da confusão das cidades modernas da altura. Nas cidades ficavam aqueles que não o podiam fazer. O facto de se frequentar espaços da natureza era já um elemento de ostentação e distinção social na época.<sup>017</sup>

No início do Séc. XIX, mesmo afetada pelas Guerras Napoleónicas, a atividade termal era cada vez mais procurada. Em simultâneo desenvolve-se o estudo científico da hidroterapia e a sua comprovação laboratorial, o que confere credibilidade aos tratamentos termais, agora já cientificamente apoiados.<sup>018</sup> Na época o termalismo introduziu a ideia de “cura climática” em que a natureza era representada como um sanatório, estando o clima e a qualidade do ar ligados ao tratamento. Ou seja, a natureza era representada como a fábrica de produtos que cuidavam da saúde e curavam a doença. Desse modo, atribuiu-se à Natureza um elemento de continuidade na construção social das termas, quer se falasse da cura, da manutenção da saúde ou da recreação e do repouso.<sup>019</sup>

No início do séc.XX, o reconhecimento científico da terapêutica termal provoca alterações na frequência termal, deixando estes locais de ser essencialmente para as elites, surgindo assim o termalismo social. Após a Primeira Guerra Mundial deparamo-nos com uma estagnação das termas europeias, que deixam de ser preferidas pelos clientes do glamour. As águas mineromedicinais passam a ser “prescritas e aplicadas como qualquer outro medicamento” de acordo com a sua composição e a procura das termas reveste-se com uma intenção essencialmente medicinal.<sup>020</sup>

É por esta altura, nos meados do séc.XX que o termalismo social ganha um impulso crescente, com a afirmação de direitos sociais de saúde e bem-estar, acessíveis a toda a população. Em paralelo é também durante este período que o turismo e o veraneio balnear começam a crescer, “roubando” clientes das termas, e isto, associado ao desenvolvimento dos tratamentos através de fármacos, foi o “golpe fatal” para muitos estabelecimentos termais, que a pouco e poucos começam a fechar por falta de clientela.<sup>021</sup>

Com a evolução dos tempos e das modas, dá-se uma total alteração do perfil do termalista, pois as elites, famílias adinheiradas, por esta altura procuravam já novos destinos turísticos. A partir de 1974, as termas passam a ser frequentadas progressivamente apenas pelas classes mais pobres, uma vez que se estabelece nesta altura a comparticipação dos tratamentos pela Segurança Social.<sup>022</sup> Este novo tipo de clientela mais envelhecida, não contribuiu para a recuperação do setor, uma vez que o envelhecimento dos utentes, associado a um estado de degradação geral das termas, não proporcionavam uma imagem atrativa para um estrato mais jovem da população.<sup>023</sup>

016 | MARTINS, M., (2009), *Agglomerados Termais Portugueses - Provelto da sua Revitalização na Competitividade Urbana*. FEUP.

017 | QUINTELA, M., (2004), *Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal e no Brasil in História, Ciências, Saúde*, pag.239-260.

018 | CUNHA, L., (2010), *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: os Primórdios*, pag.127-149.

019 | GONÇALVES M., (2011), *As férias. Breve panorâmica história*.

020 | MARTINS, M., (2009), *Agglomerados Termais Portugueses - Provelto da sua Revitalização na Competitividade Urbana*. FEUP.

021 | FÜSTER, L., (1991), *Introducción a la teoría y técnica del turismo*. Madrid, Alianza Editorial.

022 | GUSTAVO, N., (2010), *Os Novos Espaços de Lazer, Turismo e Saúde em Portugal: O caso dos spa*. Coimbra.

023 | CARVALHEIRO, S., (2009) *Estudo Comparativo de textos online das estâncias termais portuguesas e alemãs*. Tese de Mestrado, Universidade de Aveiro.



fig.012 | Banhos de Praia \_ Anos 1900s



fig.013 | Banhos de Choque \_ Termas Ais-Les-Bains França



fig.014 | Massoterapia Local \_ Termas Ais-Les-Bains França

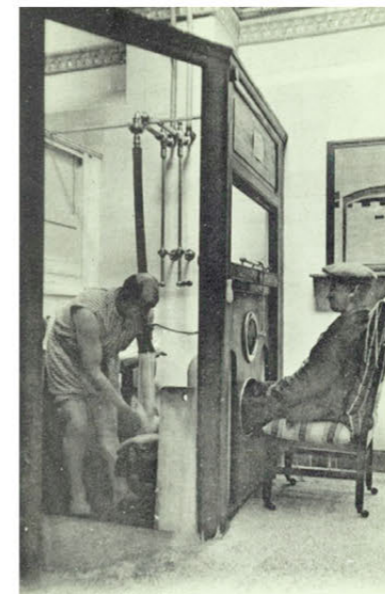


fig.015 | Massoterapia Local \_ Termas Ais-Les-Bains França



fig.016 | Banho Circular \_ Termas Ais-Les-Bains França

01.2.5 | TERMALISMO OCIDENTAL  
ACTUALIDADE



fig.017 | Termas de Vals \_ Suíça



fig.018 | Planta piso 1 \_ Termas de Vals

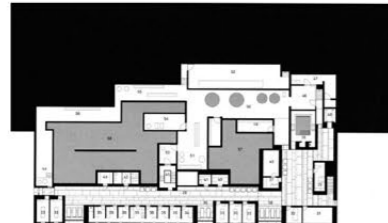


fig.019 | Planta piso-1 \_ Termas de Vals

Atualmente assiste-se a um regresso às origens no que respeita ao termalismo, isto é, uma mudança de mentalidades que procura métodos alternativos de cura, fazendo da prática de exercício físico e de momentos de lazer e bem-estar, uma alternativa terapêutica à farmacológica. Foi neste âmbito que surgiu o conceito de SPA da expressão latina "Sanitas per Aquam", que combina o uso da água de modo a restabelecer o equilíbrio físico e mental onde se procura a recuperação dos desequilíbrios psicológicos provocados pela agitação da vida moderna ou pela intensidade do trabalho.

Nos últimos anos, tem-se avançado para um novo conceito de termalismo, denominado de Termalismo de Saúde e Bem-estar, que se define por associar o conceito de termalismo terapêutico tradicional com outro conjunto de ofertas de saúde, não especificamente centradas nas características das águas mineromedicinais e por associar o termalismo de bem-estar com ofertas de lazer complementares intimamente ligadas ao conceito de Turismo de Saúde.<sup>024</sup>

Assiste-se nos dias de hoje à reabilitação e construção de edifícios, com base nestes novos conceitos de utilização dos recursos das águas termais. São contemporâneos a nível formal, funcional e estético, representando novos avanços na hidrologia médica, trazendo novas terapias e novos programas de bem-estar. Os recentes programas termais abrem-se para a criação de relações entre o antigo e o novo através da luz, água, uso de novos materiais de comportamento térmico superior, bem como transparências, cor e movimento, oferecendo tranquilidade e conforto, e aplicando novas noções de carácter ecológico e sustentável.<sup>025</sup>

Neste contexto surgem balneários que se revelaram exemplos inovadores do termalismo, como é referencia as termas de Vals na Suíça. Construídas em 1996, projetadas por Peter Zumthor, apresentam plena integração na topografia, sábios jogos de luz e sombra, som, água, utiliza simplicidade e materiais, que proporcionam uma atmosfera de calma e serenidade. O equilíbrio na composição de cheios e vazios transmite uma aparente ordem, numa organização baseada na liberdade, na descoberta do espaço e da experiência sensorial.<sup>026</sup>

"...This architectural design work has meant always think bathing rituals. The Architecture that we have developed step by step inspired us to see the bathing experience in a new light, to find new options and ways to let go of some things to rediscover the original forms. Instead, the study of the art of bathing has influenced our architecture. a certain openness and radicalism marked the path we take, accompanied by a group of people who Vals community had the responsibility to oversee the project..."<sup>027</sup>

Este novo conceito de termalismo, cada vez mais é procurado nas estâncias termais, permite redefinir o produto termal como um produto turístico moderno, oferecendo vários serviços relacionados com produtos termais e relaxamento que alteram o conceito tradicional dos balneários, de modo a convertê-los em modernos centros turísticos, através de uma oferta e uma clientela mais diversificada.

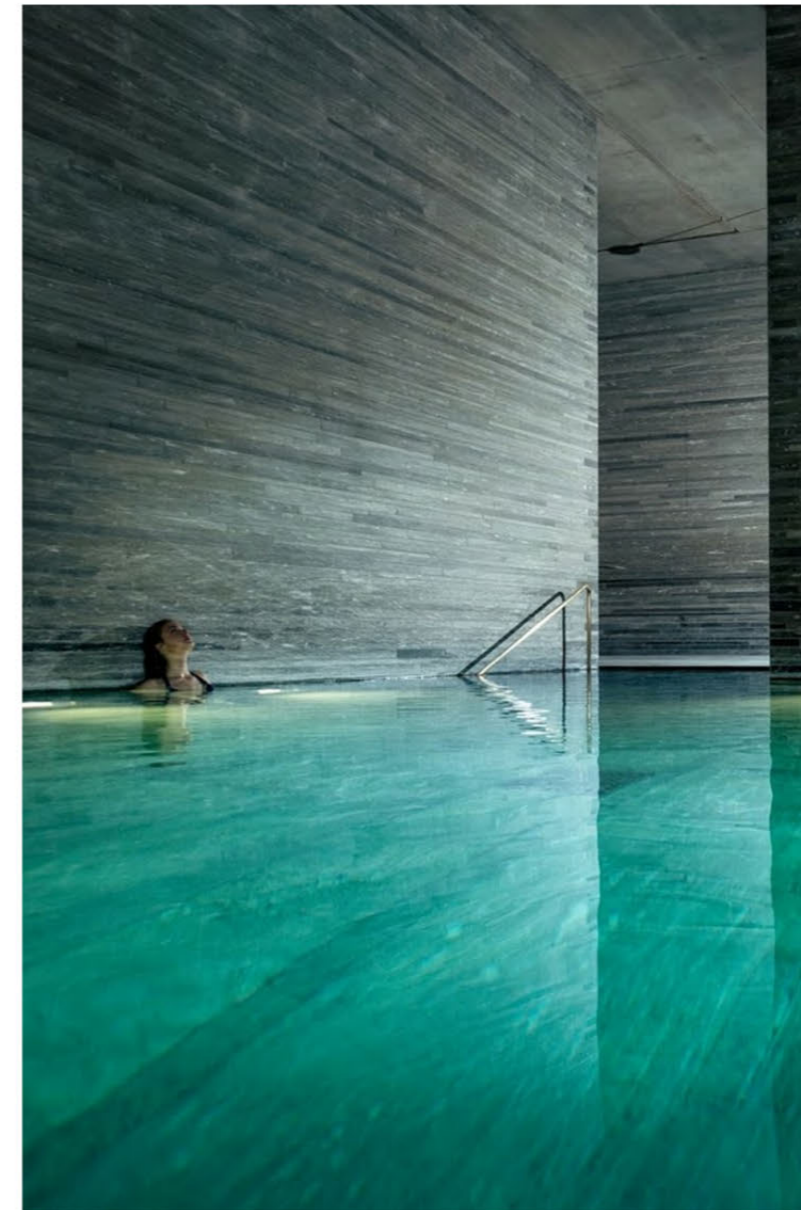


fig.020 | Termas de Vals \_ Suíça

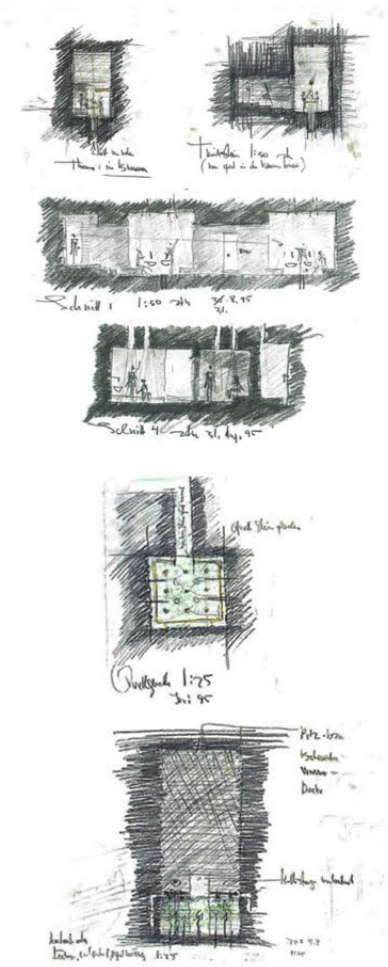


fig.021 | Esquícios de Peter Zumthor das Termas de Vals

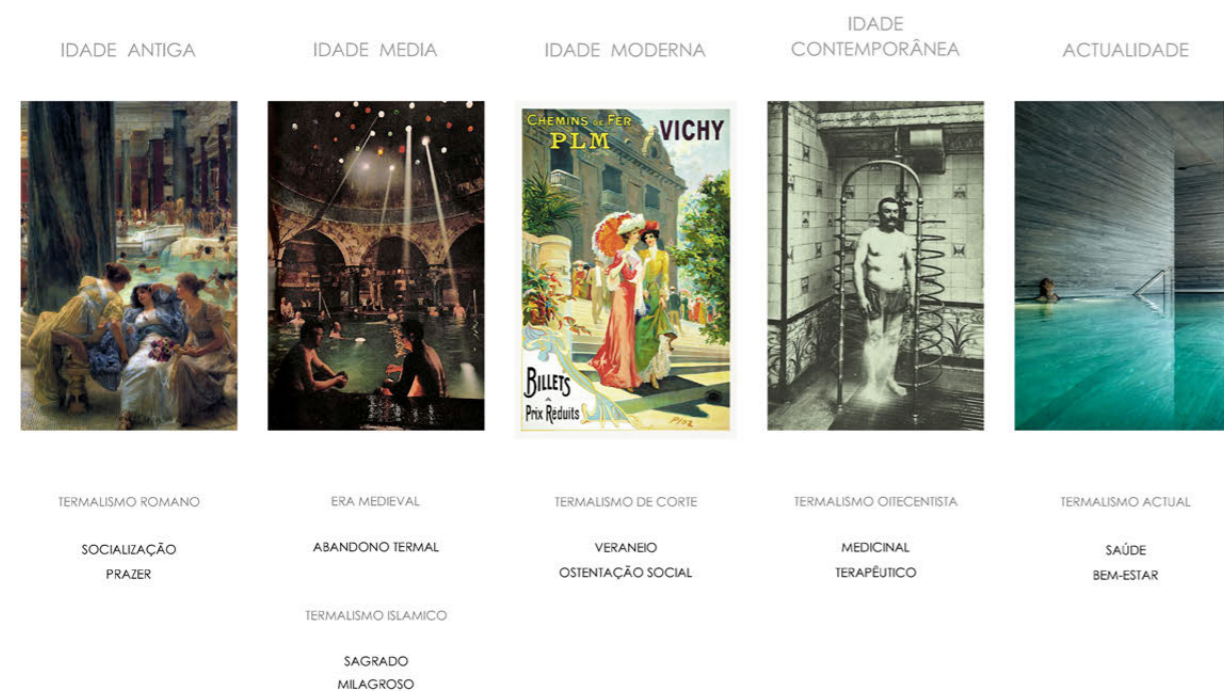
024 | VARGAS, R. GIL A. (2002). Las estaciones termales en andalucía: de la explotación tradicional a la configuración de un nuevo producto turístico integral, Cuadernos de Turismo nº10, pag101.122.

025 | PINTO, N. (2009). Arquitetura termal portuguesa: benefícios da sua recuperação, Tese de Mestrado, FEUP.

026 | ZUMTHOR, P. (2007). Peter Zumthor: terme Vals. Zurich: Verlag Scheidegger & Spiess AG, pag15.209

027 | ibidem

01.2.6 | TERMALISMO OCIDENTAL  
CRONOLOGIA SÍNTESE



Observando a evolução ao longo dos tempos, verifica-se que cultura termal ocidental é influenciada por um passado que remonta à antiguidade e que se liga fortemente ao culto da água. Baseada na experiência greco-romana, a água torna-se progressivamente numa das principais referências no que diz respeito ao aumento da saúde e do bem-estar físico e psíquico.

De tradições milenares, o uso das águas mineromedicinais para o banho e para cuidados de saúde, é de importância inegável, não só como meio de cura, mas também como elemento de purificação dos ritos religiosos disseminados um pouco por todas as civilizações antigas.

Existem raízes comuns ao termalismo no conjunto de países europeus, verificando-se que muitos destes têm como origem a ocupação Romana, e que só mais tarde deriva para características específicas, de acordo com diferentes ritmos de evolução que se influenciam pelas condições naturais, ambientais, climatológicas e sociais de cada país.

De forma resumida entende-se que o Termalismo começou por ser associado a momentos de higiene e purificação na época Pré-romana, socialização e prazer com os Romanos, profana na era medieval, sagrada e milagrosa na Idade Média, terapêutica no Renascimento e de saúde e bem-estar na idade contemporânea.

Fica claro que ao longo da história, o termalismo do ocidente, os estabelecimentos foram alternando a sua imagem entre centros de cura, espaços de lazer, socialização e divertimento. A evolução histórica do termalismo é assim caracterizada por uma série contínua de altos e baixos que se estende até aos dias de hoje, e que se baseiam em diversas razões que se relacionaram com os vários acontecimentos históricos, que assim definiram em certa medida a história termal.

### 01.3 | PORTUGAL

*PORTUGAL é a "varanda" da Europa, nação mais a ocidente do continente europeu, é muito apreciado como destino turístico. (...) com climas moderados e possuindo um rebordo marítimo que ocupa todo o Sul/Oeste. Nos 89 000 Km<sup>2</sup> de território continental, Portugal reúne mais de 400 nascentes de água mineral, o que na proporção de área, permite considerá-lo na vanguarda dos valores a nível mundial.*

*Jorge Mangorrinha\_2000*



fig.022 | Portugal Continental

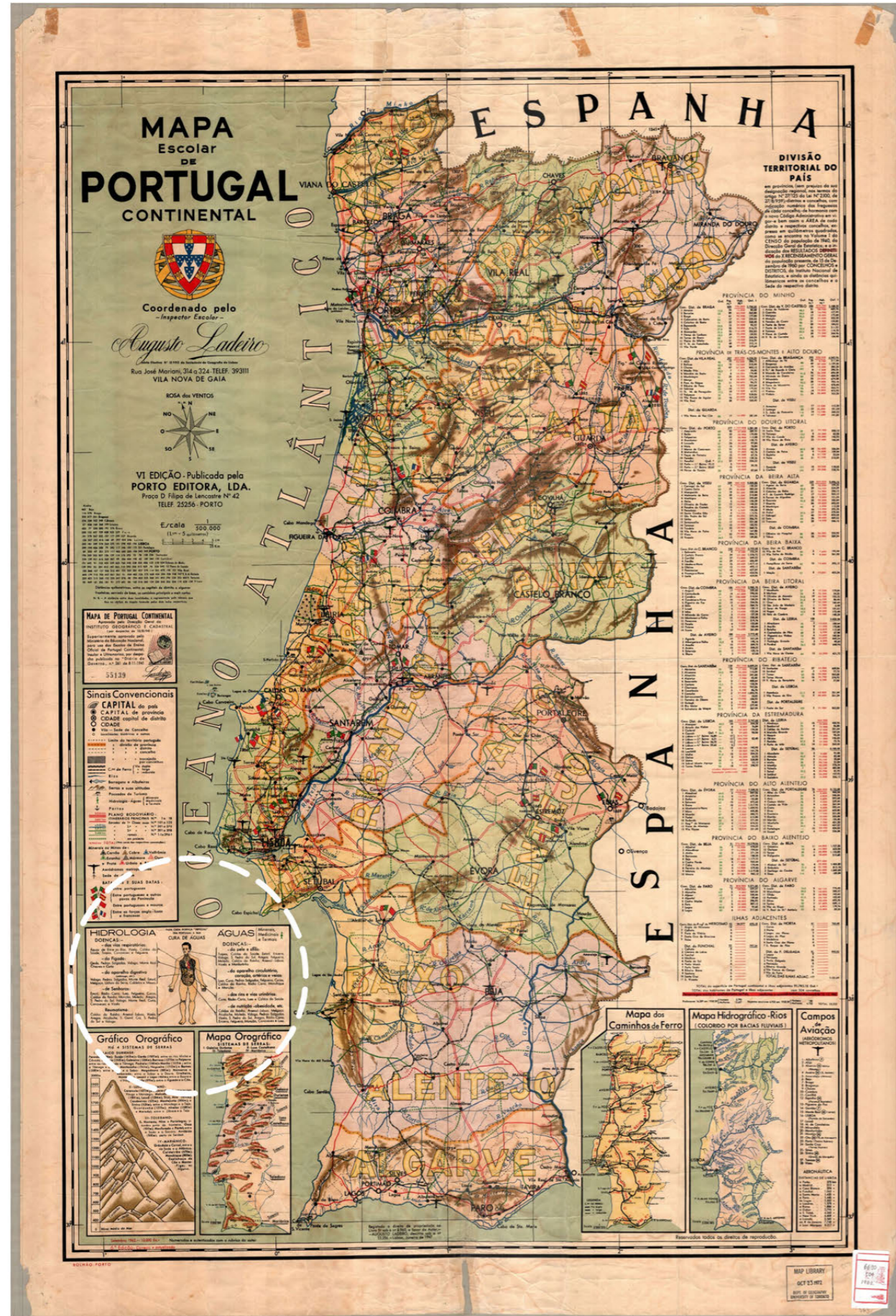


fig.023 | Mapa Escolar de Portugal Continental 1962

## PORTUGAL 01.3.1 TERRITÓRIO E SUAS ÁGUAS

O território Português, de generosa geografia, confere ao país um clima dócil, e a orografia brindou-o com os mais diversos declives, proporcionando assim paisagens bem distintas, num território de tamanho tão reduzido. Em conjunto com a riqueza histórica, patrimonial e cultural, podemos afirmar que Portugal reúne as características necessárias para se identificar como destino de excelência.<sup>028</sup>

Portugal possui requisitos naturais inigualáveis, devido à sua geologia particular e é munido de águas minerais de grande qualidade: "fraturada por movimentos orogénicos (...) toda a metade norte do país é abundantíssima de águas de origem profunda (...) as regiões baixas (...) do litoral são abundantes também destas águas, ainda que de origem mais superficial (...)"<sup>029</sup>



"Em PORTUGAL, para cada MAL existe um tipo de ÁGUA TERMAL"<sup>030</sup>

É desta forma resumida, assertiva e muito sábia, que o povo Português descreve as águas minerais de Portugal, e desta forma percebem-se a vasta variedade e respetivas propriedades curativas das águas minerais do nosso território. De forma a reforçar este provérbio popular, na página anterior ilustra-se um mapa escolar de Portugal continental do ano de 1972, e deste destaca-se um quadro relativo às águas minerais, medicinais e termais de Portugal. Neste pode-se ver como título "Para cada doença especial tem em Portugal a sua cura de Águas"

028 | MANGORRINHA, J., (2000), *Lugar das Termas*. Livros Horizonte, Lisboa, pag.33

029 | NARCISO, A., (1945), *Dias Médicos em Paris - notas de reportagem*. Editora Médica, Lisboa.

030 | PROVÉRBIO POPULAR



## 01.4.1 | ÁGUAS TERMAIS PORTUGUESAS INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS

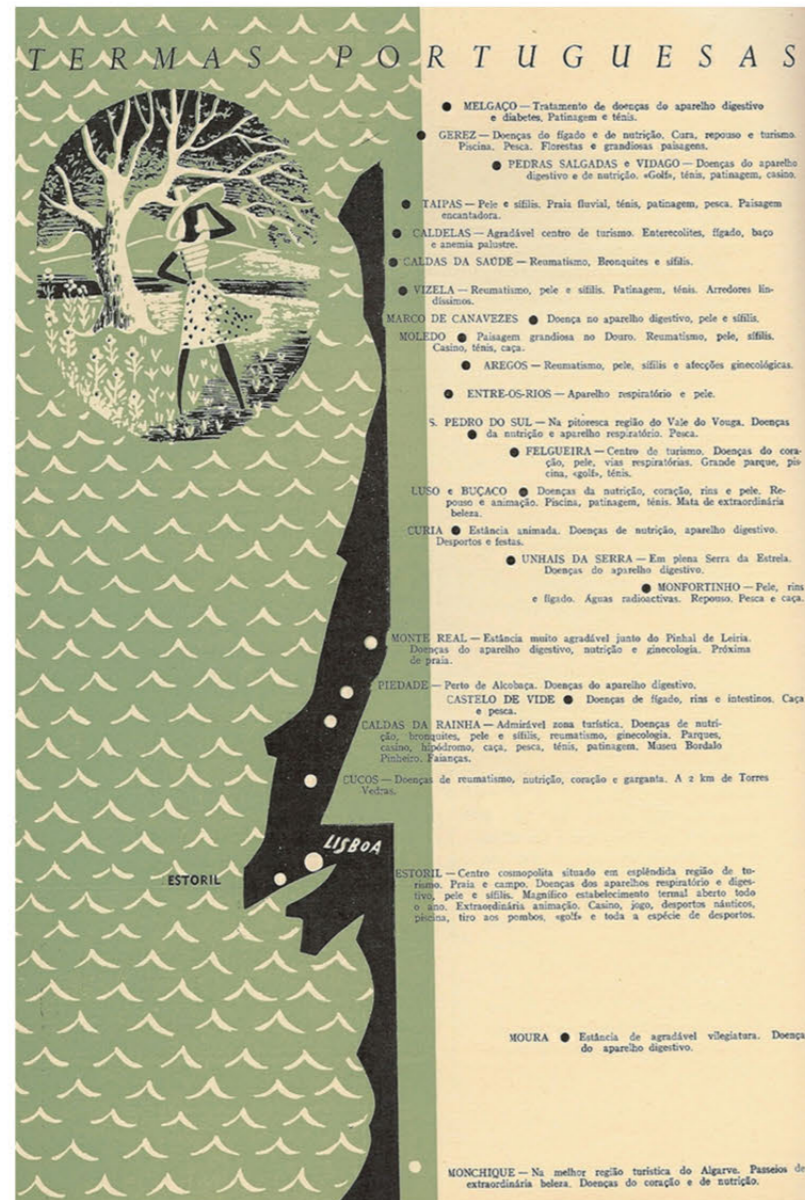


fig.024 | Mapa das Termas Portuguesas

	Metabólico-endócrinas	Sangue	Sistema Nervoso	Aparelho Circulatório	Aparelho Respiratório	Aparelho Digestivo	Aparelho Nefro-urinário	Dermatológico	Reumatológico	Ginecológico
<b>N O R T E</b>										
1. Termas de Melgaço	●				●	●				
2. Caldas de Monção					●					
3. Caldas do Gerês	●			●	●	●			●	
4. Termas de Caldelas			●	●	●		●		●	●
5. Termas do Eirogo				●	●				●	
6. Caldas das Taipas					●			●	●	
7. Caldas de Vizela				●	●			●	●	
8. Caldas de Chaves					●	●			●	
9. Termas de Carvalhelhos				●	●			●	●	
10. Termas de Vidago			●	●	●	●		●	●	
11. Fonte Campilho			●		●	●		●	●	
12. Termas de Pedras Salgadas	●				●	●			●	
13. Termas da Terronha					●	●				
14. Fonte Romana					●	●				
15. Caldas de Carlião					●	●				
16. Caldas de Moledo					●	●				
17. Caldas da Saúde					●	●				
18. Caldas das Murtas					●	●				
19. Caldas de Canaveses					●	●		●	●	
20. Termas de S. Vicente					●	●			●	
21. Termas de Entre-os-rios					●	●		●	●	
<b>C E N T R O</b>										
22. Caldas de S. Jorge						●			●	
23. Termas da Curia	●			●		●				
24. Termas do Vale da Mó		●				●				
25. Termas do Luso				●	●	●		●		
26. Caldas de Aregos					●	●			●	
27. Termas do Carvalhal					●	●		●	●	
28. Termas de S. Pedro do Sul					●	●		●	●	
29. Caldas de Sangemil					●	●		●	●	
30. Caldas da Felgueira					●	●		●	●	
31. Banho de Alcafache	●				●	●		●	●	
32. Água da Abrunhosa				●	●	●		●	●	
33. Caldas da Cavaca					●	●		●	●	
34. Termas da Longroiva					●	●		●	●	
35. Termas da Fonte Santa					●	●		●	●	
36. Caldas do Cró					●	●		●	●	
37. Águas Radium					●	●		●	●	
38. Caldas de Manteigas					●	●		●	●	
39. Termas de Unhais da Serra				●	●	●		●	●	
40. Termas da Touca					●	●		●	●	
41. Termas de Monfortinho	●			●	●	●		●	●	
42. Caldas de S. Paulo					●	●		●	●	
43. Termas do Bicanho					●	●		●	●	
44. Caldas da Amieira					●	●		●	●	
45. Banhos da Azenha					●	●		●	●	
<b>LISBOA E VALE DO TEJO</b>										
46. Termas Monte Real					●	●			●	
47. Termas Salgadas da Batalha					●	●				
48. Termas da Piedade					●	●				
49. Águas de Salir					●	●				
50. Águas da Serra do Bourro	●				●	●			●	
51. Águas Santas					●	●			●	
52. Caldas da Rainha					●	●			●	
53. Termas do Vimeiro				●	●	●		●	●	
54. TERMAS VALE DOS CUCOS					●	●		●	●	●
55. Termas do Estoril					●	●		●	●	
56. Banhos da Pôça					●	●		●	●	
57. Banhos de S. Paulo					●	●		●	●	
58. Águas de Alfama					●	●		●	●	
59. Fagadosa de Mação					●	●		●	●	
60. Termas da Ladeira de Envidos					●	●		●	●	
<b>A L E N T E J O</b>										
61. Fagadosa de Nisa	●				●	●			●	●
62. Castelo de Vide						●		●	●	
63. Fagadosa de Marvão						●		●	●	
64. Termas do Monte da Pedra						●		●	●	
65. Termas da Sulfúrea						●		●	●	
66. Termas de Moura						●		●	●	
67. Termas de S. João do Deserto				●	●	●		●	●	
<b>A L G A R V E</b>										
68. Caldas de Monchique					●	●			●	

## 01.4.2 | ÁGUAS TERMAIS PORTUGUESAS LUGAR DAS ÁGUAS

### NORTE

- VIANA DO CASTELO  
1. Termas de Melgaço  
2. Caldas de Monção

#### BRAGA

3. Caldas do Gerês  
4. Termas de Caldelas  
5. Termas do Eirogo  
6. Caldas das Taipas  
7. Caldas de Vizela

#### VILA REAL

8. Caldas de Chaves  
9. Termas de Carvalhelhos  
10. Termas de Vidago  
11. Fonte Campilho  
12. Termas de Pedras Salgadas  
13. Termas da Terronha  
14. Fonte Romana  
15. Caldas de Carlão  
16. Caldas de Moledo

#### PORTO

17. Caldas da Saúde  
18. Caldas das Murtas  
19. Caldas de Canaveses  
20. Termas de S. Vicente  
21. Termas de Entre-os-rios

### CENTRO

- AVEIRO  
22. Caldas de S. Jorge  
23. Termas da Curia  
24. Termas do Vale da Mó  
25. Termas do Luso

#### UISEU

26. Caldas de Aregos  
27. Termas do Carvalhal  
28. Termas de S. Pedro do Sul  
29. Caldas de Sangemil  
30. Caldas da Felgueira  
31. Banho de Alcafache  
32. Água da Abrunhosa

#### GUARDA

33. Caldas da Cavaca  
34. Termas da Longroiva  
35. Termas da Fonte Santa  
36. Caldas do Cró  
37. Águas Radium  
38. Caldas de Manteigas

#### CASTELO BRANCO

39. Termas de Unhais da Serra  
40. Termas da Touca  
41. Termas de Monfortinho

#### COIMBRA

42. Caldas de S. Paulo  
43. Termas do Bicanho  
44. Caldas da Amieira  
45. Banhos da Azenha

### LISBOA E VALE DO TEJO

#### LEIRIA

46. Termas Monte Real  
47. Termas Salgadas da Batalha  
48. Termas da Piedade  
49. Águas de Salir  
50. Águas da Serra do Bouro  
51. Águas Santas  
52. Caldas da Rainha

#### LISBOA

53. Termas do Vimeiro  
**54. TERMAS VALE DOS CUCOS**  
55. Termas do Estoril  
56. Banhos da Póça  
57. Banhos de S. Paulo  
58. Águas de Alfama

#### SAMTARÉM

59. Fagadosa de Mação  
60. Termas da Ladeira de Envendos

### ALENTEJO

#### PORTALEGRE

61. Fagadosa de Nisa  
62. Castelo de Vide  
63. Fagadosa de Marvão  
64. Termas do Monte da Pedra  
65. Termas da Sulfúrea

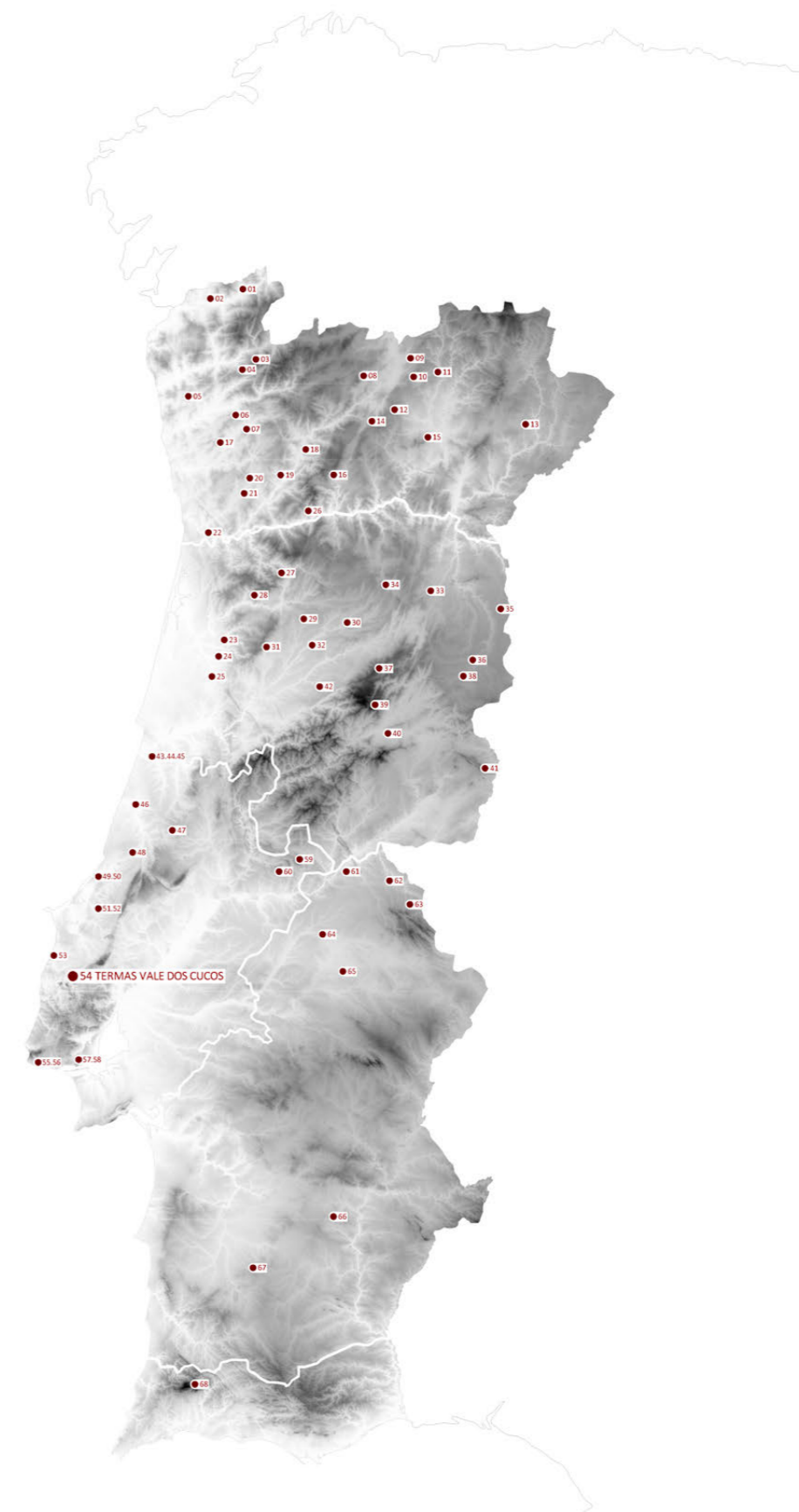
#### BEJA

66. Termas de Moura  
67. Termas de S. João do Deserto

### ALGARVE

#### FARO

68. Caldas de Monchique



0 50 100 200 300 400 500 600 700 800 900 1000

fig.025 | Mapa das ocorrências termais de Portugal continental

01.4.3 | ÁGUAS TERMAIS PORTUGUESAS  
CARACTERÍSTICAS DAS ÁGUAS

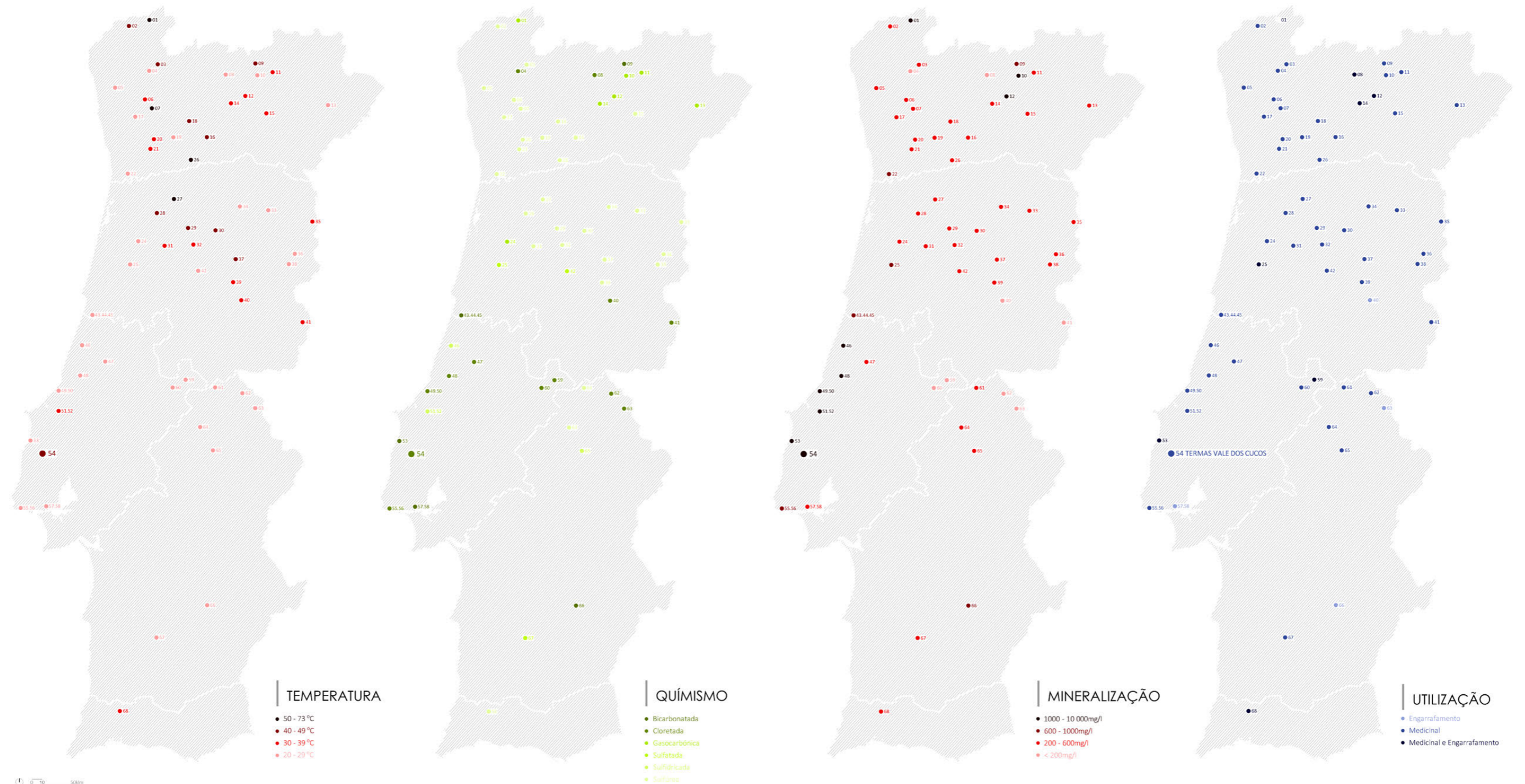


fig.026 | Mapa das características das águas termais

## 01.5.1 | TERMALISMO PORTUGUÊS ORIGENS TERMAIS



fig.027 | Planta da Cidade Romana de Conímbriga

Se nos focarmos na história das termas em Portugal, podemos identificar diversos pontos em comum com a história do termalismo ocidental. Embora muito vagos, existem vestígios de que os primeiros utilizadores das águas termais portuguesas foram os Celtas e os Iberos, mas os primeiros verdadeiros promotores das termas em território Português foram os romanos. Estes construíram várias termas no que seria mais tarde o território português, e destas podem ainda observar-se diversos conjuntos de ruínas, como é o caso das termas romanas de Maximinos (Braga, antiga Bracara Augusta), das termas romanas dos Cássios-Olissipo em Lisboa, as Termas da Muralha em Conímbriga, as Termas Romanas em Évora, sem esquecer as de São Pedro do Sul (Aqua Sulis) e as termas de Chaves (Aqua Flaviae), Vidago e Briteiros.<sup>031</sup>

No período Pós - Romano, em que se sucedem as invasões bárbaras, os povos germânicos e deixaram ao abandono, ou mesmo deitaram por terra vários dos edifícios que se destinavam a banhos, e só mais tarde a civilização Visigoda demonstrou algum interesse por este tipo de edificado, tendo reconstruído alguns dos restantes edifícios. No entanto o ressurgimento do culto das águas só voltou à Península Ibérica com o domínio Muçulmano, em 711. Nas zonas conquistadas por estes povos, tanto nas rurais como urbanas, passaram a existir banhos públicos, que serviam como espaços de higiene, mas também como espaços de convívio e que foram em algumas zonas preservados.

O despertar da Idade Média, marca uma nova fase de decadência do termalismo em Portugal, sendo nesta época que "as águas começaram a ser associadas a poderes sagrados."<sup>032</sup> Com a Reconquista Cristã, muitos destes banhos foram encerrados por se entenderem que eram locais propícios a conspirações e atos imorais e profanos. Com o decorrer do tempo, os povos foram mudando a sua relação com a água, e devido ao misticismo que marcou a época, a igreja apropriou-se de parte das nascentes, tornando-as em eremitérios, que agora eram locais de retiro espiritual, e onde as águas passam a ser vistas como santas, um remédio apenas para a alma. Esta decadência termal perdurou por longos anos, até à Fundação da Nacionalidade, data em que o primeiro rei português, ferido na Batalha de Badajoz, foi aconselhado a tratamento com as águas termais, nas Caldas de Alafões em S. Pedro do Sul.<sup>033</sup>

A partir do séc. XI e durante o séc. XII, a crescente consciência das propriedades curativas das águas termais, levou a que algumas estruturas termais abandonadas focem alvo de recuperação e exploração por parte das então ordens religiosas, muitas destas associadas às gafarias e a albergarias, destinadas ao tratamento dos doentes leproso.<sup>034</sup>

É no séc.XV que se destaca o exemplo mais singular das termas em Portugal, por iniciativa da Rainha D. Leonor. Preocupada com a saúde, higiene e com o bem-estar da população manda erguer o primeiro hospital termal do mundo, com cuidados médicos: as termas das Caldas da Rainha (iniciadas em 1485 e terminadas em 1488, data em que entraram em funcionamento). Configurou-se a primeira "ida a banhos", uma prática que viria a ser usual na vida dos nobres e também de outras classes.

031 | RODRIGUES, C. (2011). Estância termal. Espaço verde termal. Catalisador urbano das Caldas da Rainha. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, Portugal.

032 | *ibidem*

033 | MANGORRINHA, J. (2000). O lugar das termas: património e desenvolvimento regional: as estâncias termais da Região Oeste. Livros Horizonte, Lisboa.

034 | PINTO, H. & MANGORRINHA, J. (2009). O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação, pag.18.



fig.028 | Ilustração do Banhos das Caldas da Rainha

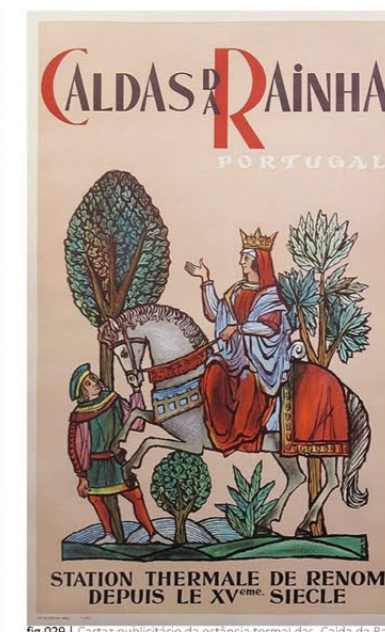


fig.029 | Cartaz publicitário da estância termal das Caldas da Rainha

## 01.5.2 | TERMALISMO PORTUGUÊS CLÁSSICO OITOCENTISTA



fig.030 | Cartaz publicitário \_ Termas da Curia

035 | RAMOS, A., (2001), *Termalismo/Turismo Termal – Contextos, Impactos, e Potencialidades*, Livro de Actas (do seminário Investigação em Turismo), Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, Lisboa.

036 | ORTIGÃO, R., (1875), *Banhas de Caldas e Águas Minerais*. Clássica Editora, Lisboa.

037 | ESCADA, P., (1999), *Turismo termal e desenvolvimento em Monte Real*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra.

038 | PINTO, H., SERÉN, M., MANGORRINHA, J., & VINAGRE, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

039 | *ibidem*

040 | *ibidem*

041 | PINTO, H. & MANGORRINHA, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação.

042 | *ibidem*

043 | PINTO, H., SERÉN, M., MANGORRINHA, J., & VINAGRE, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Apesar de no Séc.XV as Caldas da Rainha se ter tornado um importante destino termal, foi apenas no Séc.XIX que se deu a época de ouro das termas portuguesas. Por esta altura desenvolvem-se novos meios de comunicação, e surge o caminho-de-ferro. São muitas as termas que vêm a ser beneficiadas com os melhoramentos das vias de comunicação e da construção das diversas linhas ferroviárias que na altura que vieram tornar mais acessíveis e aproximar as termas das populações.

O final do século XIX, como já foi mencionado, constitui um período de grande fulgor para as termas. Em Portugal, após um período de vivência termal familiar e pacata, algumas estâncias termais transformam-se, à semelhança das estrangeiras, em lugares de importante convívio social e influência política, económica e cultural. Alvo do interesse da corte, de nobres, políticos e artistas, as termas convertem-se em lugares de encontro(s), de arte e de inspiração.<sup>035</sup>

Neste contexto, o Estado e os promotores privados despertam a sua atenção para a evolução europeia e procuram acompanhá-la, almejando agora um país moderno, dotado de novas redes viárias e de uma organização dos espaços urbanos. Surgiram assim, diversas edificações que foram dando forma à grande maioria das estâncias termais portuguesas.

Ramalho Ortigão define bem a frequência termal da altura: "(...) uns estavam doentes, outros comportavam-se como se estivessem. Estes eram lugares de prazer e de jogo, dados à moda, ao chic, ao amor fácil, à toilette."<sup>036</sup> As termas portuguesas comparavam-se às mais afamadas estâncias europeias, estabelecendo-se até, uma lista de correspondências que associava o Luso a Evian (França), o Gerês a Carlsbad (república Checa), Vidago a Vichy (França), as Caldas da Rainha a Greoux (França) e os Cucos a Royat (França).<sup>037</sup>

A este desenvolvimento não foi alheia a lei do termalismo de 1892, que trouxe novos requisitos na área da arquitetura e na necessidade de se fixarem vários edifícios com diferentes programas pela estância termal. Surgiram, então, os relatórios de reconhecimento das nascentes e projetos dos balneários, hotéis e, posteriormente, dos casinos.

Nesta época as termas tornam-se verdadeiros microcosmos termais formados por parques, hotéis, clubes, capelas, pavilhões de nascente e de engarrafamento. Mais do que simples locais de tratamento, tornaram-se também "*lugares de encontro da sociedade mais cosmopolita, em torno de cenários arquitetónicos sublimes e inconfundíveis*", caracterizados "*por acontecimentos sociais onde muitas vezes o «tomar as águas» surgia como «um pretexto»*".<sup>038</sup>

Naquele período, as principais terapias das estâncias incluíam não apenas o banho, o duche, a ingestão, a pulverização e a inalação, mas também o convívio, a distração e o veraneio. Tudo isto contribuiu para que as termas alcancem prestígio não só como estância de cura, mas como centros de lazer.

Os passeios ao ar livre tornaram-se nesta época, parte importante da estadia neste tipo de estância. O médico Pedro Chernovitz sublinhou este fato ao falar dos "*efeitos revitalizantes do contacto com a natureza próxima ao estabelecimento termal*", em passeios sempre "*moderados e nunca excessivos*". Este defende ainda que os aquistas deveriam "*conservar tanto quanto possível a tranquilidade da alma*", esquecendo "*os negócios e os estudos (...) para passar a vida tranquila, neste mundo novo a que são transportados*".<sup>039</sup>

A experiência das termas oitocentistas era completa. De tal forma, que incluía também a possibilidade de manter a prática do culto religioso nas mesmas, tendo para isso sido construídas capelas em parques termais por todo o país. Isto permitia aos aquistas a "*continuidade do culto durante o período de tratamento*" ou de descanso, conciliando assim o culto espiritual com a "*purificação física por via dos tratamentos*".<sup>040</sup>

O início do século XX trouxe às principais termas portuguesas um novo conceito que aliava a cura à arte, à música, à literatura e à moda, à semelhança do que também se verificava em algumas estâncias termais europeias. Assistiu-se ainda ao desenvolvimento de mais espaços verdes, à diferenciação dos espaços por função, inseridos num parque, à concessão de novas áreas, como a de ventilação dos espaços de banho, sempre em consonância com as exigências higiénicas da lei de 1892.<sup>041</sup>

Durante este período de desenvolvimento acentuado das estâncias termais, com o prazer e o repouso associados à cura, os seus promotores procuravam atrair portugueses e estrangeiros, que nelas desejavam encontrar o paraíso. Até ao final da década de 1910, a grande maioria das estâncias termais manteve a sua consolidação e evolução constantes, sempre tendo como charneira o seu balneário, também ele em constante renovação.<sup>042</sup>

Com a época de otimismo no turismo nacional, institucionalizado a partir de 1911, houve a necessidade de promover o país e, com ele, um reforço do investimento. Por esta altura haviam aquistas provenientes do Brasil e de África a frequentar as nossas termas de forma regular. Elas ofereciam já mais conforto e distrações, à semelhança do que já se fazia no estrangeiro, e eram mais procuradas do que aquelas que só ofereciam os recursos mínimos da cura pela água.

No início da década de 1920, passa a existir uma preocupação estética da estância termal, procurando sempre a sua promoção. Foram então organizadas em todas as estâncias Comissões de Iniciativa para divulgação do seu crescimento. Até ao final da 1.ª República (1926), o termalismo desenvolveu-se e aumentou a sua popularidade, com a criação de importantes equipamentos técnicos e artísticos essenciais à atividade termal e com a elevação das primeiras termas em Portugal a centros de lazer e turismo, alguns deles elitistas, que eram mais procurados para socialização do que para terapia.<sup>043</sup>



fig.031 | Postal ilustrado \_ Palace Hotel Vidago



fig.032 | Postal ilustrado \_ Palace Hotel Vidago



fig.033 | Postal ilustrado \_ Palace Hotel Vidago

## 01.5.3 | TERMALISMO PORTUGUÊS SOCIAL E MEDICINAL



fig.034 | Cartaz publicitário \_ Praias de Cascais

Nas décadas de 1930, apesar de investimentos esporádicos na melhoria das condições de algumas estâncias termais, torna-se evidente que o seu período dourado tinha terminado. O declínio anunciado acentuou-se a partir da segunda metade do século XX. Por essa altura, as condições político-económicas do país eram desfavoráveis, com a instabilidade causada pela II Guerra Mundial a fazer com que muitos hotéis termais fossem ocupados por refugiados da guerra, o que alterou significativamente o cenário de vivência das termas.<sup>044</sup>

Durante este período afirma-se de forma crescente uma nova cultura de férias e de outras opções de ocupações dos tempos livres, em que as praias passaram a ser a preferência. Numa altura em que o turismo de sol e praia beneficiava de mais apoios do que as termas, as praias eram procuradas até por estrangeiros; as termas, pelo contrário, eram frequentadas quase sempre só por portugueses. Nobres, burgueses e pobres de todas as faixas etárias procuravam o culto do sol, pelo que o significado de «ir a banhos» mudou, nesta altura, de sentido e de destino.<sup>045</sup>

Nos anos 40, assiste-se ainda a uma subida tímida do número de utilizadores termais, mas as características desta nova clientela nada tem a ver com a que anteriormente frequentava estes espaços. A combinação entre a vocação terapêutica e a vocação lúdica, que caracterizara o produto termal no início do século XX, desaparece, as termas perdem o *glamour* e a sua conotação com espaços de recreação, passando a ser procuradas quase exclusivamente, por quem busca a cura para as suas enfermidades. Começam, então, a ser associadas à velhice e a doenças crónicas.

Devido a estas circunstâncias, o investimento neste sector deixa de cativar os promotores turísticos, que não encontram aqui a imagem de vitalidade, juventude e beleza que torna atractivos outros pontos do país. Soma-se, também, o facto de a maior parte das termas se encontrar no interior norte do território, ou seja, demasiado afastadas dos novos circuitos turísticos e centros populacionais. Tudo isto dificulta a sua manutenção no catálogo de potenciais destinos estivais.

Nos anos 60 e 70 as termas portuguesas registaram pouco investimento na sua promoção. A procura continuou a diminuir, e com o avanço da medicina, os rituais a elas associados e os tratamentos termais ficaram praticamente descredibilizados<sup>046</sup>, passando a haver uma predominância dos fármacos na terapêutica. Os balneários começam então a degradar-se, o alojamento torna-se obsoleto e pouco atrativo, não existe animação termal e só as pessoas mais idosas frequentavam as termas. A classe médica começava a desinteressar-se e o ensino da hidrologia tendia a desaparecer dos cursos de Medicina.<sup>047</sup>

Neste contexto negro, apesar de terem havido alguns projetos de desenvolvimento das estâncias, estes não chegaram a ser executados devido à falta de apoios económicos. Foram tempos com poucos investimentos, em que as estâncias estavam cada vez mais despovoadas e as suas infraestruturas foram progressivamente entrando em declínio.<sup>048</sup>



fig.035 | Cartaz publicitário \_ Praias do Estoril

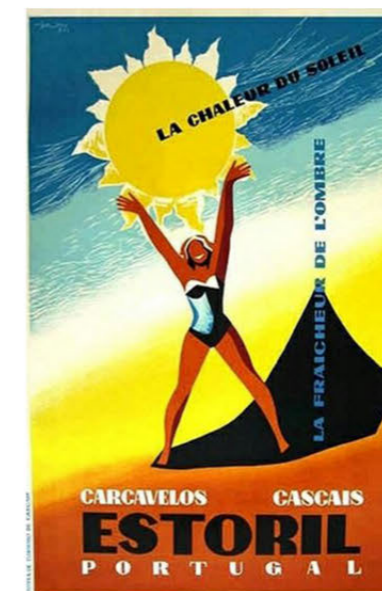


fig.036 | Cartaz publicitário \_ Praias do Estoril



fig.037 | Cartaz publicitário \_ Águas Santas Carvalhelhos

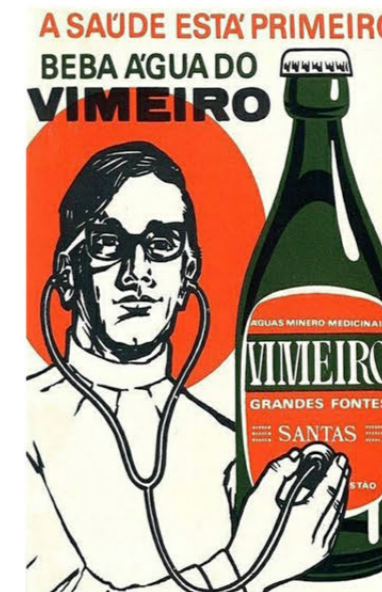


fig.038 | Cartaz publicitário \_ Águas Mineral-medicinais do Vimeiro

Por esta altura é evidente a mudança do foco das termas. Se em anos anteriores a publicidade das termas evidenciavam o glamour e todo o esplendor turístico das estâncias termais, agora com o turismo mais focado no sol e nas praias, as termas procuram um novo tipo de utente. A publicidade das termas demonstra o perfil dos utentes de Termalismo SOCIAL, e corresponde à tendência que se começou a verificar nas termas a partir da década de quarenta, época em que se instalou a crise no sector termal e estas deixaram de ter uma clientela fulgurante.

Com o facto de os tratamentos termais passarem a ser comparticipados, no seguimento da implementação de diversas medidas de segurança social, entre as quais, o acesso facilitado à saúde, pode afirmar-se que este motivo, juntamente com a preferência das camadas mais jovens por outros destinos de lazer, contribuiu para que o termalista tipo começasse a ser de uma faixa etária mais elevada e proveniente de classes socioprofissionais menos abastadas.

Assim, os termalistas clássicos têm, na sua maioria, idades compreendidas entre os sessenta e cinco e setenta e quatro anos e são, segundo a classificação determinada pelo ministério da saúde, pensionistas ou reformados. Frequentam as termas anualmente, para realizar os seus tratamentos de saúde e utilizam as instalações durante períodos de uma a duas semanas.

044 | PINTO, H., SERÉN, M., MANGORRINHA, J., & VINAGRE, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

045 | PINTO, H. & MANGORRINHA, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação.

046 | *Ibidem*

047 | PINTO, H., SERÉN, M., MANGORRINHA, J., & VINAGRE, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

048 | *Ibidem*

## 01.5.4 | TERMALISMO PORTUGUÊS SAÚDE E BEM-ESTAR



fig.039 | Planta piso 1 \_ Dos banhos do Vidago Palace

Desde o final dos anos 80 até à atualidade, assistimos a um período de recuperação, no qual se desenvolveram propostas de planos globais de reabilitação das estâncias termais. Estes planos consistiram maioritariamente na reabilitação do balneário, na consolidação da vertente hoteleira e no arranjo dos espaços exteriores.<sup>049</sup>

Em 2004, a nova Lei de Bases do Termalismo, reforçou esta tendência, numa altura marcada pela concessão salutogénica e neoliberal da saúde, em que este decreto-lei, reconheceu "as potencialidades destes espaços, alargou e legitimou inerentemente o âmbito de atuação dos espaços termais atraindo, desta forma, novos públicos com diferentes motivações para além da curativa".<sup>050</sup> O Decreto de Lei nº 142/2004 determinou assim um ponto de viragem no panorama termal nacional, substituindo o Decreto-lei de 17 de Abril de 1928, há muito desatualizado, que limitava o campo de atuação do termalismo a uma vertente essencialmente clássica.

A partir de 2004 passou-se a apostar mais numa vertente de bem-estar, reduzindo a sazonalidade e diversificando a oferta e a procura. Esta legislação contempla a utilização das águas para o bem-estar a par com uma utilização terapêutica mais clássica, alargando o conceito de termalismo a novos utilizadores, que procuram programas de lazer e bem-estar como forma de passar as férias ou repousar.<sup>051</sup>

Com a evolução do imaginário, atualmente o termalismo clássico entra em esquecimento e evolui para um termalismo de bem-estar, cada vez mais atrativo, "apelando" o aumento das procura dos destinos termais. Numa sociedade com preocupações crescentes para a manutenção de um estilo de vida equilibrado, esta ampliação descrita nos programas e serviços oferecidos pelas termas acompanhados com uma vertente lúdica cada vez mais variada, torna estes locais mais competitivos nas escolhas turísticas. Posto isto, surgem nas últimas décadas novos projetos em território português, que procuram conciliar os programas clássicos de terapia com as novas atividades de bem-estar e beleza corporal, restabelecimento físico e psíquico, resultando em novos programas arquitetónicos.<sup>052</sup> Na atualidade, aumenta a procura por tratamentos de prevenção ou regeneração e promoção da saúde e qualidade de vida, mais do que tratamentos curativos, multiplicando as ofertas e diversificando os clientes.<sup>053</sup>

A diversificação das atividades de lazer, para além das terapêuticas, constitui-se hoje como um fator determinante para a sobrevivência dos estabelecimentos termais. Mesmo que ainda existam muitos turistas de saúde que procuram o termalismo com objetivos de cura "é certo que, na vertente terapêutica, se destaca cada vez mais, a de recuperação e melhoria do estado físico geral e do bem-estar global".<sup>054</sup> O termalismo passa a associar-se não só à cura e ao repouso, mas a programas de "dieta e emagrecimento, atividades desportivas e controlo de dependências e vícios, como o álcool e o tabaco, quando não também rejuvenescimento e embelezamento; asseguram igualmente a rotura com os quotidianos, a quebra de rotinas, o lazer, como no turismo".<sup>055</sup>

049 | PINTO, H. & MANGORRINHA, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação.

050 | GUSTAVO, NUNO (2010). *Os Novos Espaços de Lazer, Turismo e Saúde em Portugal: O caso dos spa*. Coimbra.

051 | CARVALHEIRO, SARA LÚCIA RODRIGUES (2009). *Estudo Comparativo de textos online das estâncias termais portuguesas e alemãs*. Tese de Mestrado, Universidade de Aveiro.

052 | PINTO, H. & MANGORRINHA, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação.

054 | ALPOIM, MAFALDA (2010). *Análise à Procura Termal*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.

055 | *ibidem*



fig.040 | Pedras Salgadas \_ Parque Verde



fig.041 | Vidago Palace \_ Parque Verde



fig.042 | Pedras Salgadas \_ Exterior



fig.043 | Vidago Palace \_ Exterior

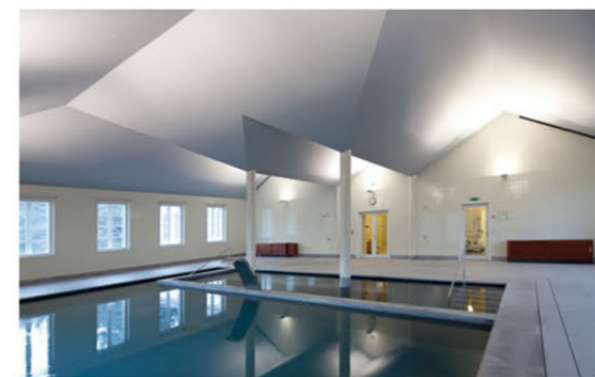


fig.044 | Pedras Salgadas \_ Piscina Interior

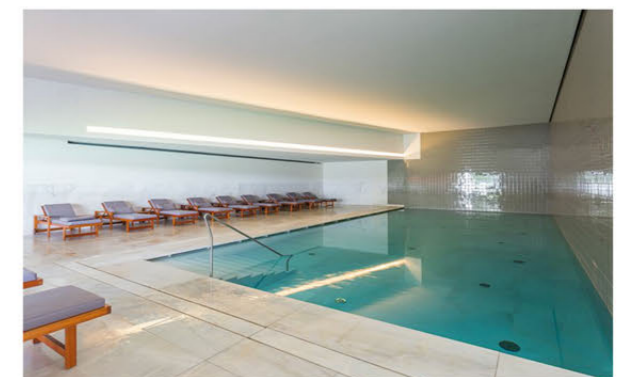


fig.045 | Vidago Palace \_ Piscina Interior





## 01.5.5 | TERMALISMO PORTUGUÊS CRONOLOGIA SÍNTESE

Com base na cronologia da página anterior, apresenta-se um gráfico representativo por década, do número de obras de valorização nas Termas Portuguesas, contextualizando as épocas termais.

Com este elemento torna-se perceptível a evolução ao longo do tempo, dos investimentos nas Termas, nestes destacando-se os picos de interesse nos anos oitenta do Séc.XIX e mais recentemente a partir do Séc.XXI.

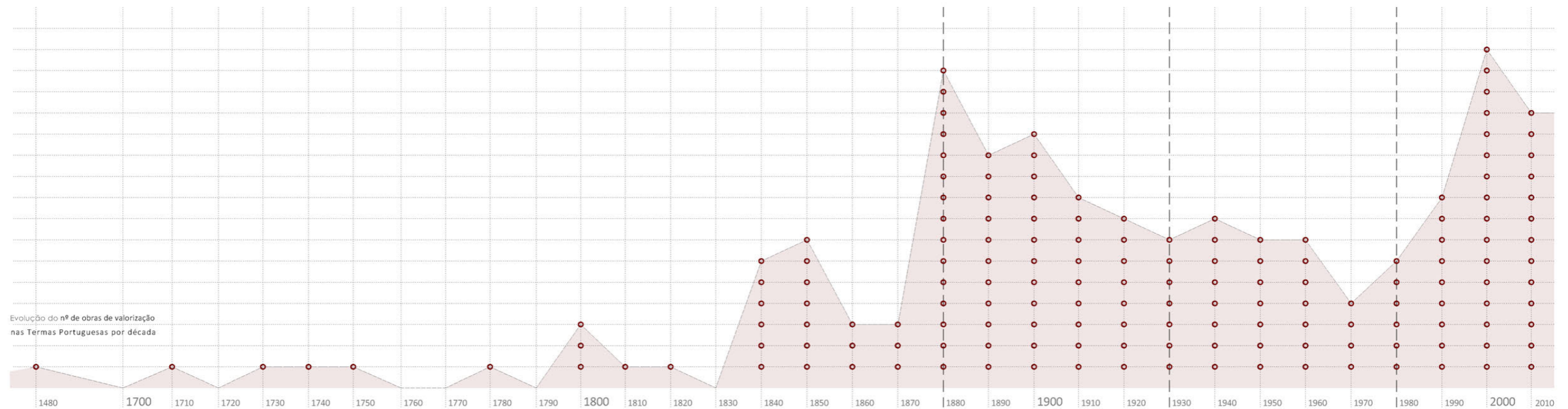


fig.045 | Gráfico representativo do número de obras de valorização das termas por década

## 01.5.5 | TERMALISMO PORTUGUÊS TERMAS COM ACTIVIDADE SUSPENSA

### NORTE

- VIANA DO CASTELO  
1. Termas de Melgaço  
2. Caldas de Monção

### BRAGA

3. Caldas do Gerês  
4. Termas de Caldelas  
5. Termas do Eirogo  
6. Caldas das Taipas  
7. Caldas de Vizela

### VILA REAL

8. Caldas de Chaves  
9. Termas de Carvalhelhos  
10. Termas de Vidago  
11. Fonte Campilho  
12. Termas de Pedras Salgadas  
13. Termas da Terronha  
14. Fonte Romana  
15. Caldas de Carlão  
16. Caldas de Moledo

### PORTO

17. Caldas da Saúde  
18. Caldas das Murtas  
19. Caldas de Canaveses  
20. Termas de S. Vicente  
21. Termas de Entre-os-rios

### CENTRO

- AVEIRO  
22. Caldas de S. Jorge  
23. Termas da Curia  
24. Termas do Vale da Mó  
25. Termas do Luso

### VISEU

26. Caldas de Aregos  
27. Termas do Carvalhal  
28. Termas de S. Pedro do Sul  
29. Caldas de Sangemil  
30. Caldas da Felgueira  
31. Banho de Alcáçache  
32. Água da Abrunhosa

### GUARDA

33. Caldas da Cavaca  
34. Termas da Longroiva  
35. Termas da Fonte Santa  
36. Caldas do Cró  
37. Águas Radium  
38. Caldas de Manteigas

### CASTELO BRANCO

39. Termas de Unhais da Serra  
40. Termas da Touca  
41. Termas de Monfortinho

### COIMBRA

42. Caldas de S. Paulo  
43. Termas do Bicanho  
44. Caldas da Amieira  
45. Banhos da Azenha

### LISBOA E VALE DO TEJO

- LEIRIA  
46. Termas Monte Real  
47. Termas Salgadas da Batalha  
48. Termas da Piedade  
49. Águas de Salir  
50. Águas da Serra do Bouro  
51. Águas Santas  
52. Caldas da Rainha

### LISBOA

53. Termas do Vimeiro  
54. TERMAS VALE DOS CUCOS  
55. Termas do Estoril  
56. Banhos da Póça  
57. Banhos de S. Paulo  
58. Águas de Alfama

### SAMTARÉM

59. Fagadosa de Mação  
60. Termas da Ladeira de Envendos

### ALENTEJO

- PORTALEGRE  
61. Fagadosa de Nisa  
62. Castelo de Vide  
63. Fagadosa de Marvão  
64. Termas do Monte da Pedra  
65. Termas da Sulfúrea

### BEJA

66. Termas de Moura  
67. Termas de S. João do Deserto

### ALGARVE

- FARO  
68. Caldas de Monchique

Portugal, apesar de registar um total de 68 equipamentos termais, apresenta actualmente apenas 44 destas em funcionamento. Muitos foram esquecidos com o passar do tempo, sendo as Termas Vale dos Cucos exemplo claro disso, consequência do abandono da actividade termal.

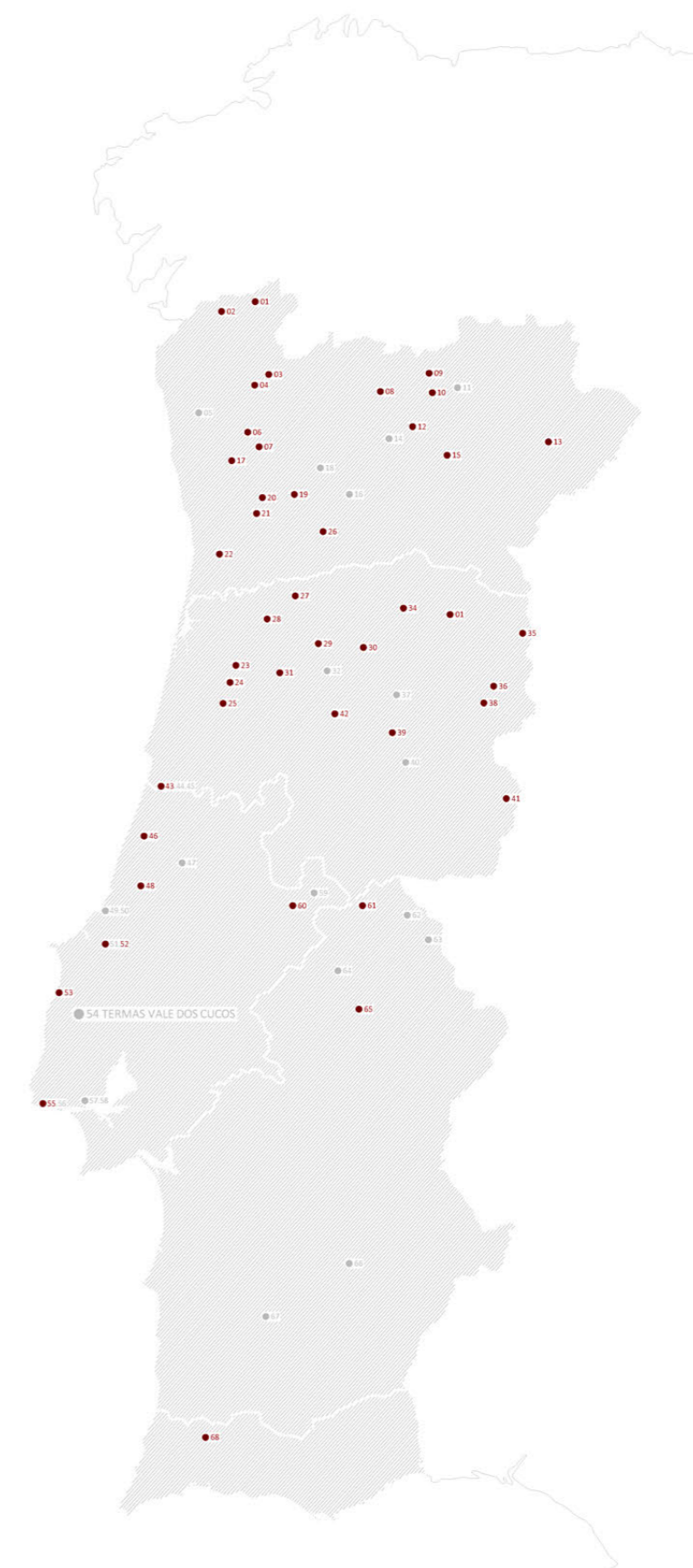


fig.046 | Mapa das Termas com actividade suspensa

## 01.6.1 | NOTAS DE REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA DE CAPÍTULO

- ALPOIM, MAFALDA (2010), *Análise à Procura Termal*, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.
- BARROS, VERA (2015), *Turismo em Portugal*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- CARVALHEIRO, SARA (2009), *Estudo Comparativo de textos online das estâncias termas portuguesas e alemãs*. Tese de Mestrado, Universidade de Aveiro.
- CUNHA, LICÍNIO, (2010), *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: os Primórdios*, in Fluxos e Riscos: Revista de Estudos Sociais vol. 1 nº 01 (2010), FCSEA - Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, ULHT - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- ESCADA, PATRÍCIA (1999), *Turismo termal e desenvolvimento em Monte Real*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra.
- FÜSTER, LUIS (1991), *Introducción a la teoría y técnica del turismo*, Madrid, Alianza Editorial.
- GINOUVÈS, RENÉ (1962), *Balnéotik: Recherches sur le bain dans l'antiquité grecque*, Paris: Editions de Boccard.
- GUSTAVO, NUNO (2010), *Os Novos Espaços de Lazer, Turismo e Saúde em Portugal: O caso das SPA*, Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra
- KERRIGAN, MICHAEL (2001), *Ancient Rome and Roman Empire*, London: BBC Worldwide.
- MANGORRINHA, JORGE (2000), *O lugar das termas: património e desenvolvimento regional: as estâncias termas da Região Oeste*, Lisboa: Livros Horizonte.
- MARTINS, MARIA (2009), *Aglomerados Termas Portugueses - Provento da sua Revitalização na Competitividade Urbana*, Porto: Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto.
- NARCISO, ARMANDO (1945), *Dias Médicos em Paris - notas de reportagem*, Lisboa: Editora Médica.
- ORTIGÃO, RAMALHO (1875), *Banhos de Caldas e Águas Minerais*, Lisboa: Clássica Editora.
- PINTO, ANA, & MEIRELES, FERNANDA, & CAMBOTAS, MANUELA (2002), *Cadernos de História da Arte*, Porto: Porto Editora.
- PINTO, HELENA & MANGORRINHA, JORGE (2009), *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*, Lisboa: Ministério da Economia e Inovação.
- PINTO, HELENA & SERÉN, MARIA, MANGORRINHA, JORGE, & VINAGRE, VALTER (2003), *Álbum das Termas*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PINTO, NUNO (2009), *Arquitetura termal portuguesa: benefícios da sua recuperação*, Tese de Mestrado, Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto.
- PITA, JOÃO (1998), *História da Farmácia*, Coimbra, Livraria Minerva Editora.
- QUINTELA, MARIA (2004), *Saberes e práticas termas: uma perspectiva comparada em Portugal e no Brasil*, in revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol.11, supl. 1, Rio de Janeiro.
- RAMOS, ADILIA (2001), *Termalismo/Turismo Termal - Contextos, Impactos, e Potencialidades*, Livro de Actas (do seminário Investigação em Turismo) (2003), Lisboa: Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo.
- RAMOS, ADILIA (2005) *O Termalismo em Portugal. Dos Fatores de Obstrução à Revitalização pela Dimensão Turística*, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.
- RODRIGUES, RUI (2011), *Estância termal. Espaço verde termal. Catalisador urbano das Caldas da Rainha*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra.
- ROTH, LELAND. M. (1999), *Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado*; 2ª Ed., Barcelona: Editorial Gustavo Gili SA.
- ROUTH, H. B., BHOWMIK, K. R., PARISH, L. C., WITKOWSKI, J. A. (1996), *Balneology, Mineral Water, and Spas in Historical Perspective*, in Clinics in Dermatology, Vol. 14, Issue 6.
- THOMAS, KEITH. (1988), *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais, 1500-1800*, São Paulo: Companhia das Letras.
- VARGAS, REMEDIOS LARRUBIA e GIL ANA LUQUE (2002), *Las estaciones termas en andalucía: de la explotación tradicional a la configuración de un nuevo producto turístico integral*, Cadernos de Turismo, Nº. 10 (2002) - Murcia: Servicio de Publicaciones, Universidad de Murcia.
- VIGARELLO, GEORGES (1988), *O Limpo e o Sujo - A higiene do corpo desde a Idade Média*, Lisboa: Editorial Fragmentos.
- ZUMTHOR, PETER. (2007), *Peter Zumthor: therme Vals*, Zurich: Verlag Scheidegger & Spiess AG.

## 01.6.2 | ICONOGRAFIA DE CAPÍTULO

- pag.005\_fig.001 | Mapa Europa Ocidental  
Fonte: Elemento produzido pelo Autor
- pag.008\_fig.002 | O "Batismo de Cristo"  
Fonte: © Piero della Francesca  
Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-batismo-de-cristo-piero-della-francesca/>
- pag.009\_fig.003 | Pintura demonstrativa das Termas de Caracala  
Fonte: © Virgilio Mattoni de la Fuente  
Disponível em: <https://europepmc.org/article/med/31667822>
- pag.009\_fig.004 | Planta das Termas de Caracala  
Fonte: © Paul Neff Verlag  
Disponível em: <https://arteculturas.com/termas-de-caracala/>
- pag.009\_fig.005 | corte Longitudinal das Termas de Caracala  
Fonte: Desconhecida  
Disponível em: <https://arteculturas.com/termas-de-caracala/>
- pag.010\_fig.006 | O Banho Medieval  
Fonte: © Jena Antithesis Christi et Antichrist  
Disponível em: <https://www.foliamagazine.it/15073-2/>
- pag.011\_fig.007 | Rudas Baths \_Budapest  
Fonte: foto de autor desconhecido  
Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/5288778438/>
- pag.011\_fig.007 | Planta Banho Islâmico  
Fonte: Autor desconhecido  
Disponível em: <https://www.foliamagazine.it/150-3/573>
- pag.012\_fig.009 | Cartaz Publicitário \_ Termas de Royat  
Fonte: © Thermes de Royat  
Disponível em: <http://www.e-tinerance.com/fr/royat-1-le-quartier-thermal-place-allard.php>
- pag.013\_fig.010 e 011 | Cartaz Publicitário \_ Termas de Royat  
Fonte: © Thermes de vichy  
Disponível em: <https://www.camille-vintage.com/en/advertising-postcards/728>
- pag.014\_fig.012 | Banhos de Praia \_ Anos 1900s  
Fonte: foto de autor desconhecido  
Disponível em: <https://otrococerto.com/2018/01/30>
- pag.015\_fig.013 a 016 | Termas Ais-Les-Bains França  
Fonte: Postais Ilustrados de Autor desconhecido  
Disponível em: <https://en.todocoleccion.net/postcards-ethnic/>
- pag.016\_fig.017 | Termas de Vals \_ Suíça  
Fonte: foto de autor desconhecido  
Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/~inventor-de-boas-obras-/1080862>
- pag.016\_fig.018 e 19 | Planta piso 1 e -1 das Termas de Vals  
Fonte: autor desconhecido  
Disponível em: <https://www.archdaily.com.01-15500/termas-de-vals-peter-zumthor>
- pag.017\_fig.020 | Termas de Vals \_ Suíça  
Fonte: foto de autor desconhecido  
Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/~inventor-de-boas-obras-/1080862>
- pag.017\_fig.021 | Esquiços de Peter Zumthor das Termas de Vals  
Fonte: © Peter Zumthor  
Disponível em: *therme Vals. Zurich: Verlag Scheidegger & Spiess AG*
- pag.021\_fig.022 | Portugal Continental  
Fonte: Elemento produzido pelo Autor

- pag.022\_fig.023 | Mapa Escolar de Portugal Continental 1962  
Fonte: © Porto Editora, lda  
Disponível em: [https://www.reddit.com/r/MapPorn/comments/40c1sg/os\\_school\\_map\\_of\\_continental\\_portugal\\_1962/](https://www.reddit.com/r/MapPorn/comments/40c1sg/os_school_map_of_continental_portugal_1962/)
- pag.024\_fig.024 | Mapa das Termas Portuguesas  
Fonte: © Turismo de Portugal  
Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/turismoportugal/90>
- pag.027\_fig.025 | Mapa das termas de Portugal Continental  
Fonte: Elemento produzido pelo Autor
- pag.028\_fig.026 | Mapa das características das águas termas  
Fonte: Elemento produzido pelo Autor
- pag.030\_fig.027 | Planta da Cidade Romana de Conímbriga  
Fonte: autor desconhecido  
Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/conimbriga-jardins-romanos>
- pag.031\_fig.028 e 029 | Ilustração do Banhos das Caldas da Rainha  
Fonte: autor desconhecido  
Disponível em: <https://turismodocentro.pt/caldas-da-rainha/456>
- pag.032\_fig.030 | Cartaz publicitário \_ Termas da Curia  
Fonte: © Turismo de Portugal  
Disponível em: <https://www.escriorioelafora.pt/vintage-posters/>
- pag.033\_fig.031 a 033 | Postal Ilustrado \_ Palace Hotel Vidago  
Fonte: Fonte: Postais Ilustrados de Autor desconhecido  
Disponível em: <http://vidagoimagens.blogspot.com/2015/>
- pag.034\_fig.034 a 036 | Cartaz publicitário \_ Praias de Portugal  
Fonte: © Turismo de Portugal  
Disponível em: <https://www.zeetle.pt/portugal+p%C3%B3steres>
- pag.035\_fig.037 | Cartaz publicitário \_ Águas Santas Carvalhelhos  
Fonte: © Águas Carvalhelhos  
Disponível em: <https://www.zeetle.pt/portugal+p%C3%B3steres>
- pag.035\_fig.038 | Cartaz publicitário \_ Águas do Vimeiro  
Fonte: © Águas do Vimeiro  
Disponível em: <https://www.zeetle.pt/portugal+p%C3%B3steres>
- pag.036\_fig.039 | Planta piso 1 \_ Dos banhos do Vidago Palace  
Fonte: autor desconhecido  
Disponível em: <https://arquitecturasdaude.com/2018/11/3sef>
- pag.037\_fig.040 a 042 | Pedras Salgadas  
Fonte: fotos de autor desconhecido  
Disponível em: <https://www.pedrasalgadaspark.com/pt/fotos/pedras-salgadas/>
- pag.037\_fig.043 a 045 | Vidago Palace  
Fonte: fotos de autor desconhecido  
Disponível em: <https://www.vidagopalace.com/pt/fotos/>
- pag.038\_fig.044 | Cronologia das obras de valorização das Termas  
Fonte: Elemento produzido pelo Autor
- pag.040\_fig.045 | Gráfico representativo do número de obras de valorização das termas por década  
Fonte: Elemento produzido pelo Autor
- pag.043\_fig.046 | Mapa das Termas com actividade suspensa  
Fonte: Elemento produzido pelo Autor

**02**

## 02 | A VIAGEM

- 02.1 | ENQUADRAMENTO HISTORICO
  - .1 | PRÉ REVOLUÇÃO INDUSTRIAL
  - .2 | REVOLUÇÃO INDUSTRIAL
  - .3 | PÓS REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

- 02.2 | VIAGEM COMO TERAPIA
  - .1 | DESTINOS TERMAIS

- 02.3 | PORTUGAL
  - .1 | PRÉ CAMINHOS DE FERRO
  - .2 | UMA VIAGEM EM 1875

- 02.4 | CAMINHOS DE FERRO
  - .1 | CONSTRUÇÃO DE UMA REDE FERROVIÁRIA
  - .2 | DEMOCRATIZAÇÃO DA VIAGEM
  - .3 | LINHAS DINAMIZADORAS DO TERMALISMO

- 02.5 | LINHA DO OESTE
  - .1 | POTENCIAL LINHA TERMAL

- 02.6 | NOTAS DE REFERÊNCIA
  - .1 | BIBLIOGRAFIA DE CAPÍTULO
  - .2 | ICONOGRAFIA DE CAPÍTULO

## 02.1.1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO PRÉ REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Na pré-história, a procura de alimentos e o escape a situações de perigo, em conjunto com a demanda de climas mais amenos, eram os grandes motivos em que assentavam o deslocar das populações humanas, e que com passar do tempo iriam dar origem aos pré-históricos povos nómadas.

A partir do período neolítico, com o desenvolvimento da agricultura, o homem foi mudando radicalmente o seu estilo de vida, uma vez que a agricultura permitia o fixar das comunidades humanas em um ou dois locais, ao longo do ano, conforme as necessidades agrícolas e eventualmente das migrações e pastagens para animais. A partir desta época, as causas das viagens passaram a ser progressivamente a troca de produtos diferenciados entre as esparsas comunidades, o que foi fomentando a criação de inúmeras infraestruturas de transporte, e que tornando mais fáceis as viagens, facilitou também a que pudessem ser realizadas por pessoas cujas motivações eram alheias às mercantis.<sup>056</sup>

Foram os gregos que de forma mais evidente, nos deixaram registo das viagens que fizeram por motivos de lazer, de que são exemplo as deslocações aos Jogos Olímpicos, a que acorriam milhares de pessoas. No apogeu do império romano, também as elites romanas, mesmo quando espalhadas no império, acorriam e frequentavam sempre que possível, os acontecimentos atléticos e religiosos. No que hoje se pode considerar já como verdadeiros “passeios turísticos”, eram também populares as viagens de ócio à Grécia e ao Egipto, e o seu especial culto ao corpo levava-os a percorrer as variadas estâncias termais que possuíam por toda a Europa. Com colapso do domínio romano do ocidente, em 476, o desaparecimento da estrutura e da ordem imperial, provocou enormes dificuldades à realização de viagens, que se tornaram mais difíceis e sobretudo mais perigosas. Apesar de tudo, as deslocações comerciais sempre continuaram e existiram, o que permitiu a alguns viajantes mais arrojados e corajosos, em viagens muitas vezes longas e demoradas, cheias de perigos e dificuldades, o deslocar a outras paragens, mais ou menos distantes. Em muitas delas, já não se regressava ao local de origem, seja por entretanto desistirem e se fixarem numa localidade, ou por infortúnio que lhes acontecesse durante o seu decorrer. De uma forma geral, estas deslocações eram sobretudo ligadas a motivos religiosos, e com a Idade Média tiveram um crescimento constante, ficando conhecidas as peregrinações motivadas pela crença e pela devoção religiosa, realizadas a santuários por toda a Europa, à Terra Santa e a Meca.<sup>057</sup>

A partir do séc. XV, em pleno Renascimento, as viagens já se voltam a fazer, também de uma forma crescente, pelo desejo de novidade e aventura, em que as epopeias ultramarinas vieram atear e estimular a curiosidade pelo conhecer de lugares longínquos. Os Portugueses, levados pela Fé, e dominando à época o conhecimento técnico da navegação, “da viagem”, atravessaram mares e oceanos, perigos e aventuras, e chegaram aos “quatro cantos” da terra, a lugares onde jamais um europeu, ou mesmo um ser humano haviam alcançado, dando “novos mundos ao mundo”, episódios meticulosamente descritos através nas palavras de Camões.



fig.047 | Os Descobrimentos \_ Império português



fig.048 | Pintura representativa do Grand Tour

Dois séculos mais tarde, surge na Grã-Bretanha, “centro de um império onde o sol nunca se punha”, um fenómeno social e cultural, a que hoje se chama de “Grand Tour”, originário da inquietação das classes aristocráticas, que se pretendiam afirmar enquanto refinadas e eruditas, e no querer aperfeiçoar o seu conhecimento e o domínio das culturas do império britânico, enquanto meio de educação e afirmação social. Desde o séc. XVII até ao séc. XIX, que aos filhos herdeiros de famílias abastadas, muitos deles jovens e eruditos, se estimulava e possibilitava o desejo de ir em busca de uma experiência cultural por meio da viagem a locais paradigmáticos do património universal. O realizar desta “viagem” pode até ser considerado como uma passagem ritual, em que depois do seu regresso se entrava na idade adulta, e em que a seu tempo, tomariam posteriormente a condução dos negócios e destinos familiares. Embora pudesse levar até à Grécia, ao Egipto, à Índia, e mesmo à China, na prática, tratava-se de um itinerário relativamente comum e estruturado, com duração de seis meses a dois anos, passando pelas grandes metrópoles culturais europeias e por locais onde as civilizações clássicas deixaram marcas de relevo, englobando França, Itália, Holanda e Alemanha.<sup>058</sup>

É precisamente esta prática na época do Iluminismo, do “Grand Tour”, termo francês para “Grande Volta”, mas que se pode entender também como “Grande Viagem”, que vários autores atribuem as origens do entendimento do termo “viagem”, tal como hoje é conhecido, enquanto fenómeno de deslocação de pessoas no território para fora das suas áreas de residência, de forma voluntária e motivada não só por enriquecimento cultural, mas também pela vertente lúdica a ela associada.

056 | ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (1995) *Concepts, Definitions and Clarifications for Tourism Statistics: a Technical Manual*. Madrid.

057 | CUNHA, L. (1997). *A Economia e a política do turismo*. McGraw-Hill, Portugal, Lda, Amadora.

058 | BARROS, J. (2002) *Realidade e ilusão do Turismo Português - Das Práticas do Termalismo à Invenção do Turismo de Saúde*. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa.

## 02.1.2 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO REVOLUÇÃO INDUSTRIAL



fig.049 | Ferro e Carvão © William Bell Scott

A partir dos meados do século XVIII, começam a surgir em Inglaterra muitos engenhos e invenções, muitos deles relacionados com o sector têxtil algodoeiro, que nesta altura tem um desenvolvimento de grande importância, com a introdução da máquina a vapor. A utilização desta nova fonte de energia tornou possível a substituição do "domestic system" pelo "factory system", isto é, o carácter da indústria modificou-se, pois a fição de algodão passou a fazer-se, na sua maioria, concentrada em estabelecimentos fabris e não em pequenas oficinas artesanais mais ou menos espalhadas pelas localidades. A invenção e constante aperfeiçoamento da máquina a vapor permitiu também o aumento da produtividade a custos mais reduzidos. A velocidade de rotação da máquina a vapor e o baixo custo da energia transformaram esta máquina num engenho de alta rendibilidade, a qual se tornou no símbolo da Revolução Industrial.

Nos meados do séc. XIX, a máquina a vapor conheceu novos aperfeiçoamentos e foi progressivamente adotada em todos os países em fase de industrialização. Com a utilização do vapor, a indústria siderúrgica também se transformou. Para além da sua aplicação à indústria têxtil algodoeira, a máquina a vapor substituiu a força animal no transporte, e surgem assim as primeiras *máquinas andantes*.

Consequência clara da Revolução Industrial foi não só uma concentração de unidades fabris nos meios urbanos, mas também a concentração da correspondente força laboral de que necessitavam e a que davam emprego e das suas famílias. Em paralelo, surgem e reforçam-se também toda uma série de atividades de apoio à atividade fabril, acrescentando mais os seus próprios trabalhadores e famílias. Esta nova realidade populacional junta-se assim às atividades e população já existentes nesses meios urbanos, pressionando, potenciando e alimentando o seu crescimento. Para além do aumento contínuo da população nos países que se industrializavam, registou-se a também uma alteração progressiva e irreversível da relação entre população rural e urbana. O aumento da densidade populacional urbana alterou as condições da vida humana no seio das cidades, traduzindo-se de forma crescente em poluição e constrangimentos higiénicos e salutareos.<sup>059</sup>

Neste período a produção é feita em larga escala, tirando partido da rapidez possibilitada pela força motriz da máquina a vapor. Tudo apela ao progresso, ao desenvolvimento, ao capitalismo, à tecnologia. O "homem burguês", ostentando a riqueza crescente de uma burguesia cada vez mais poderosa, ganha um novo mundo. Mas o "homem operário" é explorado, com um trabalho que consistia em tarefas monótonas e repetitivas, em que o ambiente em que trabalha é insalubre e as horas laborais claramente excessivas. Em consequência, com a evolução das consciências sociais e de classe no seio das classes operárias, surgem as reivindicações laborais, que levam assim ao criar dos primeiros sindicatos, e a serem reivindicados os direitos dos trabalhadores. Com a passagem do tempo e a evolução das mentalidades, a atividade sindical ganha fôlego e peso negocial, que o que permite a conquista de várias regalias sociais, entre as quais a diminuição das horas de trabalho e surge o tempo de pausa, um tempo para o homem descansar.<sup>060</sup>

Este novo tempo livre, ao libertar os operários do ritmo e esforço das horas de produção, permite-lhes e dá-lhes a liberdade de um tempo não monótono. O homem operário, ao usufruir deste tempo de ócio, e até da possibilidade de dedicar também a tarefas que lhe sejam mais prazerosas, ganha aos poucos a consciência de que o seu bem-estar e o tempo que lhe é destinado de extrema importância, até como contraponto às rotinas laborais. Esta nova realidade ou consciência vai expandir e firmar a democratização do lazer, e crescentemente, das atividades lúdicas na sociedade.

É nesta época que surge a consciência crescente de que os progressos da civilização, o desenvolvimento da industrialização e o crescimento desmedido das cidades poderiam ser responsáveis pela debilitação física aparente em grande parte nas populações urbanas, principalmente nas classes mais baixas. Paralelamente, surgem também grandes preocupações com o aumento de algumas perturbações psíquicas, como a melancolia e ansiedade. Como forma de dar resposta e combater estes males, os médicos, entre outras terapêuticas, começam a recomendar banhos terapêuticos em estâncias termais. Com os aparentes resultados positivos, esta prática passa a ser recomendada de forma crescente, favorecendo a emergência destes destinos. Posteriormente, é a adoção destas deslocações sem motivação terapêutica, enquanto hábito social, de atividade lúdica ou de lazer, que justifica um entendimento de que foram motivações higienistas estiveram na base da consciência da necessidade de viajar.<sup>061</sup>



fig.050 | Movimento operário Séc.XIX - Manifestação para criação dos sindicatos dos trabalhadores

059 | VIEIRA, A. (1982). *Os transportes públicos de Lisboa entre 1830 e 1910*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

060 | BARROS, V. (2015). *Turismo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

061 | BARROS, J. (2002). *Realidade e Ilusão do Turismo Português - Das Práticas do Termalismo à Invenção do Turismo de Saúde*. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa.

## 02.1.3 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO PÓS REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Nas décadas imediatamente anteriores ao aparecimento do comboio, as melhorias nas redes de estradas já proporcionavam razoável mobilidade para as práticas das viagens de lazer. Ainda no século XVIII, a melhoria das condições viárias e a normalização de carreiras regulares entre cidades com recurso a serviços de diligências, permitem a que cada vez mais pessoas se movimentem entre as povoações. Contudo, este é um desenvolvimento limitado, pois o transporte rodoviário da época não permitiam que os fluxos de viajantes fossem muito elevados. Além da reduzida oferta de carreiras e lugares, tratava-se de um transporte com um preço demasiado elevado para grande parte da população. Nesta época, as viagens eram vistas como "perigosas, cansativas, caras e lentas".<sup>063</sup>

Seria a classe burguesa, em crescente expansão, proprietária de fábricas e explorações agrícolas, a utilizadora principal destas carreiras, e a responsável pelo seu crescimento, que se iria constituir parte essencial dos turistas contemporâneos do século XIX. Enquanto classe em franco crescimento, esta possuía os pressupostos fundamentais para a realização de práticas turísticas, dinheiro e tempo livre. Além disso, tinha o desejo de seguir as modas da aristocracia, a classe social ainda dominante, e pioneira no ato de viajar sem finalidades utilitárias. Assim sendo, se em finais do século XVIII já são conhecidos com frequência assinalável relatos da aristocracia que viajava para temporadas em estâncias balneares ou termas e casas no campo, com o crescimento da burguesia quer na Inglaterra, quer noutros países onde a Revolução Industrial foi mais tardia, este fenómeno de deslocação sazonal viria a ser grandemente ampliado e incrementado.<sup>064</sup>

O século XIX foi um ponto de viragem precisamente neste aspeto, o da acessibilidade das viagens e do "viajar" crescentemente acessível. Com a aplicação da força motriz da máquina a vapor, à locomoção terrestre, com o aparecimento do comboio e da ferrovia, e à navegação marítima, com o navio a vapor, livre dos caprichos do vento, vieram profundas alterações no ato de viajar. O comboio, em especial, ao trazer a "democratização" da viagem, permitindo a que pessoas com menos dinheiro já tinham acesso a uma possibilidade de deslocações mais distantes, reveste-se de uma grande importância nesta viragem. O desenvolvimento do caminho-de-ferro, com a sua construção e expansão, em rede e capacidade, ao baixar o custo por viagem, tornou a sua utilização enquanto "meio de transporte", mais acessível a mais pessoas.<sup>065</sup> Ilustrando esta mudança, em Inglaterra, na década de 1820 uma viagem de diligência entre Londres e Brighton demorava seis horas e tinha um custo de 12 xelins. Com o comboio, o tempo de viagem baixou para duas horas e as tarifas para 3 xelins.<sup>066</sup>

Desde a inauguração do primeiro serviço de passageiros, nos anos 30 do século XIX, o transporte ferroviário conheceu uma notável e rápida expansão, primeiro na Inglaterra, mas rapidamente se seguiram outras nações, nomeadamente as europeias. Coincidente com este processo de rápido crescimento das redes ferroviárias foi a disseminação e reconhecimento pela sociedade, dos benefícios dos hábitos higienistas, de saúde e do bem-estar, também resultantes do ato de viajar, de ir a banhos nas termas, do contacto com a natureza, que refresca o pensamento e injeta uma nova energia no corpo cansado e desgastado do quotidiano, tornando-se num símbolo de purificação e libertação.<sup>067</sup>



fig.051 | Cartaz Publicitário \_ Sud-Express

**CHEMINS DE FER DE PARIS-LYON-MÉDITERRANÉE**

A PARTIR DU 15 NOVEMBRE 1904  
RELATIONS DIRECTES ENTRE  
**S<sup>t</sup>. PETERSBOURG, VIENNE ET LA RIVIERA FRANÇAISE**  
EN CORRESPONDANCE AVEC LE TRAIN DE LUXE JOURNALIER  
**VIENNE, NICE, CANNES EXPRESS**  
EN 1<sup>re</sup> CLASSE SANS CHANGEMENT DE VOITURE DE S<sup>t</sup>. PETERSBOURG A CANNES  
ENTRE S<sup>t</sup>. PETERSBOURG ET VIENNE SUDBAHNHOF  
VOITURES-LITS 1<sup>re</sup> & 2<sup>es</sup> CLASSES

**HORAIRE**

DEPARTS	ARRIVÉES	DEPARTS	ARRIVÉES
de S <sup>t</sup> -PETERSBOURG	de CANNES	de S <sup>t</sup> -PETERSBOURG	de CANNES
6.00	11.15	11.15	6.00
8.25	1.00	1.00	8.25
5.25	1.25	1.25	5.25
7.00	3.10	3.10	7.00
11.10	5.20	5.20	11.10
2.50	11.10	11.10	2.50
2.15	11.15	11.15	2.15

pour réserver ses places à l'avance et pour les renseignements s'adresser aux Agences de la C<sup>ie</sup> Int<sup>re</sup> des Wagons-Lits

**S<sup>t</sup>. PETERSBOURG**, S. Prospekt, Noviky, S<sup>t</sup>. PETERSBOURG, Embourge de Grande (Grand-Bretagne) et à la gare.  
**VIENNE**, D. Kärntnerstrasse et 9, Kärntnerstrasse (Grand-Bretagne).  
**VIENNE**, au Centre de la C<sup>ie</sup> des Wagons-Lits et à la gare.  
**VERONA**, au Centre de la C<sup>ie</sup> des Wagons-Lits et à la gare.  
**MILAN**, Agence de la C<sup>ie</sup> des Wagons-Lits, Grand-Bretagne et à la gare.  
**SÈRES**, M. Grand-Frères, Galerie Mazzini et au Centre de la C<sup>ie</sup> des Wagons-Lits à la gare.  
**SAP-RIENS**, M. Borelli et Heywood, via Victor-Emmanuel et Agence Cook, via Victor-Emmanuel et à la gare.

**LONDRES**, M. Ed. C. Berry, The English Bank, VICTORIA, Centre des Wagons-Lits à la gare.  
**PARIS**, Agence Cook et H. Armand, Victor-Emmanuel.  
**NISSY-SUR-SEINE**, Agence des Wagons-Lits au Grand-Bretagne et à la gare Charles III.  
**BOULOGNE**, Succursale de la Banque Populaire de France.  
**NICE**, Avenue Marconi, N. 2.  
**CANNES**, Agence Dubouche, R. Vial, 9, Rue de la Gare, Agence Cook, 2, Rue de la Gare, et M. C. E. Cook, 7, Rue Félix-Faure 800 0000.

fig.052 | Cartaz Publicitário \_ Chemins de Fer

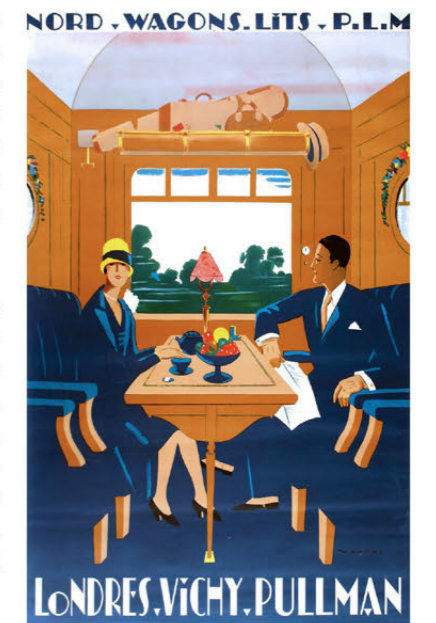


fig.053 | Cartaz Publicitário \_ Le Train Bleu



02.2.1 | A VIAGEM COMO TERAPIA  
DESTINOS TERMAIS



fig.054 | Cartaz Publicitário - Midland Railway



fig.055 | Cartaz Publicitário - Chemins de Fer

Como se referiu no capítulo anterior, é no séc. XVIII que a viagem ao encontro do termalismo começa a despontar, tendo o seu apogeu no séc. XIX. Nessa época a "cura termal" correspondia a um determinado período de tempo em que se fazia um tratamento com água termal, que implicava a ida e permanência nos locais destinados a estas práticas. A esta cura termal estava assim, praticamente sempre relacionada com a deslocação, com uma "viagem".

Armando Narciso designa estas deslocações como o primeiro movimento das viagens "da cura e do prazer". No entender deste autor era necessário uma mudança de ares, o que implicava uma viagem, o que normalmente se traduzia para a maioria traduzia-se numa saída da cidade para o campo.

*"A viagem da cura e do prazer estava associada à mudança de ares necessária à manutenção da saúde, interligada com a cura termal, sobretudo para aqueles que vivem nas cidades..."*<sup>068</sup>

Esta ideia é-nos também transmitida por Ramalho Ortigão no seu guia *Banhos de Caldas e Águas Minerais*, sendo referido por este autor que a melhor parte do tratamento era a necessária mudança de rotina, e em que quanto maior fosse a distância entre a estância termal e o local de residência, melhor seria o resultado do tratamento termal, pois para este, eram também evidentes as propriedades curativas do distanciamento das rotinas.

*"O viajante é durante a viagem uma personagem integrante do quadro, uma parte dele..."*<sup>069</sup>

*"Quantas enfermidades se não curam unicamente pelo efeito das viagens! Porquê? Porque as viagens têm esta dupla vantagem: Para os grandes trabalhadores fatigados por um excesso de contensão no emprego das suas faculdades, as viagens operam como um doce calmante, são o repouso nas suas atividades..."*<sup>070</sup>

Esta noção da viagem curativa insere-se no contexto da conceção da saúde e da doença vigente no século XIX, muito associada à noção da natureza como sanatório. Mais do que "passar estadas no campo", na montanha, a ida a ares ou banhos-de-mar, são as termas que serão descritas e publicitadas como estâncias de cura, através das suas águas e dos seus ares, perante uma sociedade cada vez mais ávida e disponível do ócio e do lazer.

068 | NARCISO, A. (1944) *Investigação Científica e Medicina Social na Termas*, Editora Médica, Lisboa, pag.15

069 | ORTIGÃO, R. (1875), *Banhos de Caldas e Águas Minerais*, Livraria Universal, Porto, p.100-102.

070 | *ibidem*

02.3.1 PORTUGAL  
PRÉ CAMINHOS DE FERRO

Na entrada do séc. XIX, em Portugal, a disponibilidade dos meios e vias de transporte e comunicações era ainda incipiente, sendo estes precários e arcaicos, com pouca evolução desde os tempos da Idade Média.

"os caminhos terrestres eram intransitáveis, não havia hospedarias, a segurança era precária na época e viajar em Portugal era arriscado, moroso, incômodo e dispendioso sendo apenas reservado a poucos."

"(...) os eixos fundamentais dos transportes portugueses eram constituídos pela navegação de cabotagem na orla marítima e pela navegação fluvial."

Joaquim Serrão\_1962



fig.056 | Mapa das estradas e vias militares de Portugal continental\_ 1847

## PORTUGAL 02.3.2 UMA VIAGEM EM 1875



fig.055



fig.056 \_ fig.055 e 056 | Mala-Posta meio de transporte do Séc.XIX.

A Mala-Posta também conhecida como diligência, foi um serviço de transporte de passageiros e da mala do correio. Consistia numa carruagem puxada por duas parelhas de cavalos. Em percursos longos, os cavalos eram mudados diversas vezes em estações preparadas para o efeito.

Em 1859, através da abertura de uma nova estrada, a mala-posta fazia a carreira Lisboa-Porto em 34 horas, viagem anteriormente efetuada em mais de sete dias.

(...) D. Pedro V (...) partiu do Carregado, na manhã de 18 daquele mês. (...) No primeiro dia da viagem almoçou nas Caidas da Rainha, jantou em Leiria e dormiu em Condeixa. No dia imediato entrou em Coimbra às 5:30 da manhã, (...) foi pernoitar em Oliveira de Azeméis. A 20, pelas 10:30 da manhã, chegou por fim a Vila Nova de Gaia [...].<sup>070</sup>

070 | FERREIRA, G. A Mala-Posta em Portugal. Lisboa, 1946.

A obra de Ramalho Ortigão, *Banhos de Caldas e Águas minerais*, cuja primeira edição remonta a 1875, constitui um precioso inventário das ocorrências das águas minerais naturais em Portugal continental. Este documento bibliográfico retrata verdadeiramente "Uma viagem nostálgica pelas termas de Portugal". Mais do que um guia de viagem, este importante testemunho apresenta as principais estâncias e águas termais em Portugal e a forma como se viajava no final do séc. XIX.

A data desta obra apresenta uma excelente oportunidade para observar a situação termal portuguesa em vésperas das inaugurações sucessivas de várias linhas de caminhos-de-ferro, que se verificaram nos anos imediatamente a seguir. Em 1875, a rede ferroviária portuguesa restringia-se às ligações de Lisboa para Vila Nova de Gaia, Beja e à linha do Leste, que provia a ligação internacional para Madrid. Para além de traçar o panorama global das estâncias termais do séc. XIX em Portugal, esta importante obra bibliográfica é leitura de referência e foi ponto de partida dos variados autores consultados sobre esta temática. Como tal, procedeu-se à leitura integral e da análise dessas obras, de que resultam as interpretações que se seguem.

Na época em que Ramalho Ortigão fez a sua viagem, a maioria das estâncias termais são edifícios modestos, muitas vezes, são apenas pequenas e simples edificações em madeira destinadas aos banhos propriamente ditos; e em vários casos não existem até quaisquer edifícios próprios de banhos, sendo estes ministrados nas casas de habitantes locais, em tinhas de madeira. Das iniciativas de construção de edifícios especificamente destinados para banhos, refere-se que boa parte delas ocorre na primeira metade do século XIX, sendo iniciativas de alguns investidores locais ou dos próprios municípios.

As termas com melhores condições em termos de infraestruturas para banhos, coincidem com aquelas em que o autor explica que têm um fácil acesso por via rodoviária, fluvial ou marítima. Identifica-se também o destaque oferecido à solução que o comboio oferecia na época, se bem que para um número muito reduzido de termas. A esmagadora maioria das termas referidas não oferece soluções de alojamento coletivo, sendo o aluguer de casas e quartos a única opção. Das termas que proporcionam a oferta hoteleira aos visitantes, contam-se apenas as Caldas de Vizela (duas unidades), Caldas das Taipas (uma unidade), Luso (duas unidades), Vidago (dois hotéis) e Caldas da Rainha (um hotel).

Em jeito de conclusão sobre as inestimáveis informações retiradas da obra de Ramalho Ortigão, releva-se, que à entrada para o último quartel do século XIX, o país já dispunha de uma relativamente numerosa oferta de estabelecimentos termais, mas que estes apresentavam condições de utilização muito limitadas, quer relativamente aos próprios banhos, quer relacionadas com as edificações destinadas para o alojamento dos visitantes e utilizadores.

As termas que disponibilizam melhores condições para a estadia e a distração são precisamente aquelas em que o autor considera possuírem boas condições de acessibilidade, tanto para lá chegar, como para o efetuar excursões a partir da estância às redondezas, pelo que se depreende que as ligações através de estradas em bom estado foram determinantes para o crescimento original de umas termas em relação a outras.



fig.057 | Capa Banhos de Caldas e Águas minerais \_ (1ª Edição) 1875

"(...)progressivamente os caminhos-de-ferro rasgaram, galgaram as entranhas da terra por toda a parte como uma extensa teia de aranha,(...)"

Ana Matos\_2013

## CAMINHOS DE FERRO

### 02.4.1 CONSTRUÇÃO DE UMA REDE FERROVIÁRIA

É a partir de 1850, que em Portugal se começa então o processo sistematizado de renovação das estradas, e é também a altura em que se inicia a preparação para a construção da primeira linha de caminho-de-ferro, que seria inaugurada em 1856 (Lisboa - Carregado).

A melhoria da mobilidade nessa época, assentava sobretudo em objetivos de melhorar as trocas comerciais, que até então se faziam por estradas em péssimo estado, mas principalmente, pelos rios principais e por via marítima entre Porto, Lisboa e Algarve. No início, o tráfego de passageiros aparenta até ser um objetivo secundário, mas que anos mais tarde, com a evolução dos tempos, possibilitou e levou ao despertar das viagens de comboio.

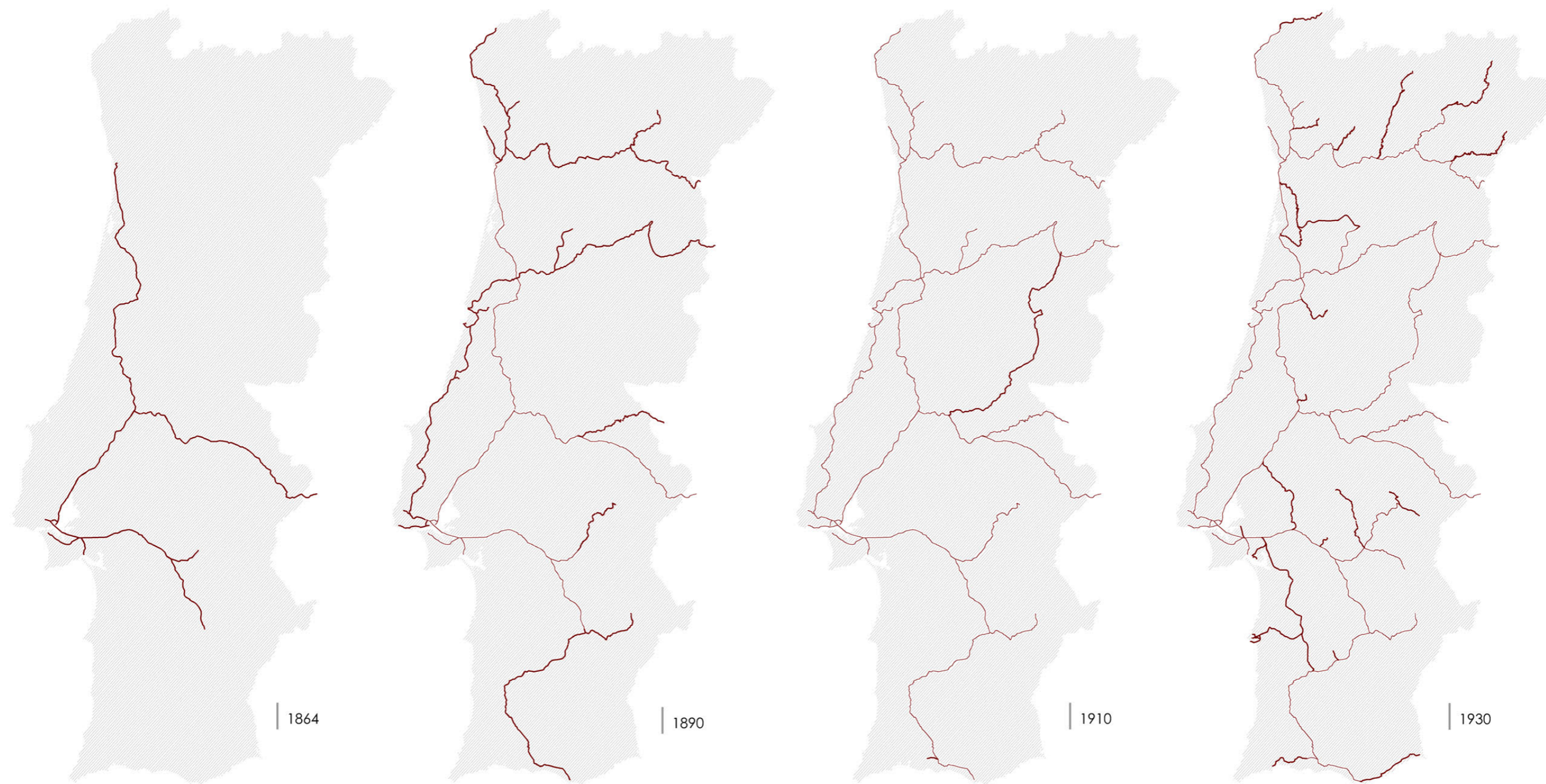


fig.058 | Mapas da evolução do caminhos de ferro de Portugal continental

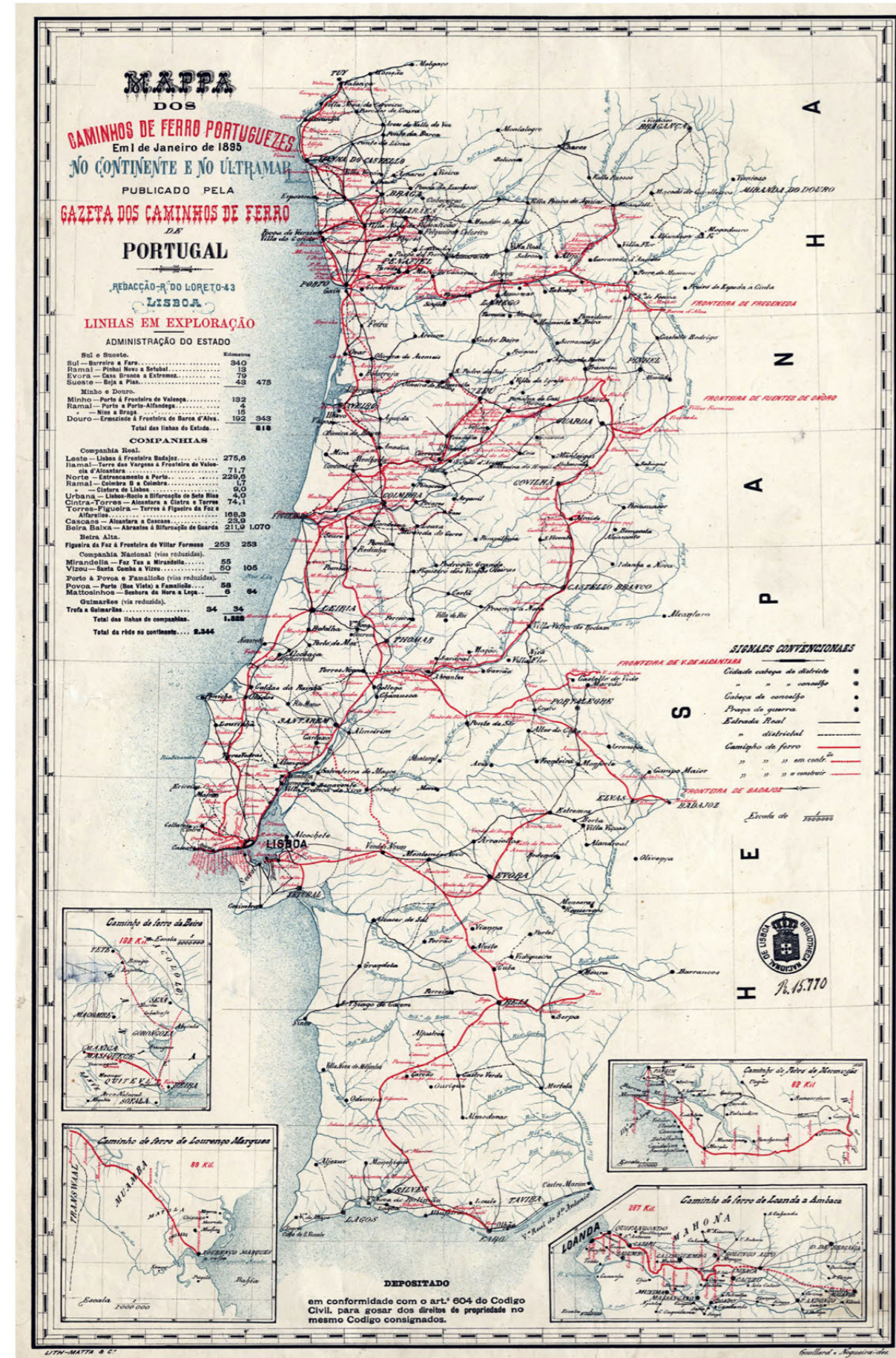


fig.059 | Mapa dos caminhos de ferro portugueses - 1895

## 02.4.1 CAMINHOS DE FERRO CONSTRUÇÃO DE UMA REDE FERROVIÁRIA

Foi Costa Cabral quem decretou a futura existência do primeiro caminho-de-ferro em Portugal, entre Lisboa e Espanha, a ser construído pela Companhia das Obras Públicas. No entanto, a instabilidade sociopolítica da segunda metade da década de 1840 anulou esses esforços, que só seriam retomados pelo governo saído do golpe de 1 de Maio de 1851, onde pontificou Fontes Pereira de Melo. Para este governante, os melhoramentos materiais sobretudo em vias de transporte e caminhos-de-ferro, eram assuntos incontornáveis e vitais para o país, a tratar com carácter de urgência, procurando-se desta forma o aproximar de Portugal às restantes nações da Europa.<sup>071</sup>

Ao longo da segunda metade do século XIX, seriam construídas várias linhas de caminhos-de-ferro interligando a todas as províncias nacionais. Em 1856, a Companhia Central Peninsular, de Hardy Hislop, faz a ligação de Lisboa ao Carregado. Em 1861 são construídas as linhas que ligam o Barreiro a Vendas Novas e a Setúbal. Em 1859, chega a Portugal D. José de Salamanca, que irá promover o completar as linhas de Leste em 1863 e da Linha do Norte em 1864. Estas seriam entregues depois para a sua exploração comercial à Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguesas, que em 1877 já chega ao Porto e que em 1880 inaugura o Ramal de Cáceres. Mais a norte, as Linhas do Minho e Douro seriam concluídas em 1882 e 1887, respetivamente.<sup>072</sup>

No Alentejo, a Southeastern of Portugal Railway Company liga Vendas Novas a Évora em 1863 e a Beja em 1864. Depois de uma atribulada rescisão contratual, o Estado levaria a via-férrea a Estremoz em 1873, chegando a Pias no ano 1887 e ao Algarve em 1889. Para cruzar o centro do País, seriam criadas as linhas da Beira Alta e da Beira Baixa, sendo a primeira inaugurada pela Companhia da Beira Alta em 1882, e a segunda em 1893.<sup>073</sup>

Na Estremadura foi também construída a chamada Linha do Oeste, que ligava Lisboa à Figueira da Foz, e desta teria um ramal de ligação a Coimbra. Abrangendo também um ramal de ligação a Sintra, foi inaugurada na sua totalidade em 1888. Além destas grandes vias, foram construídos alguns ramais e caminhos-de-ferro de importância secundária, a Linha do Porto, com ligação à Póvoa do Varzim e a Famalicão em 1881; a Linha de Guimarães em 1884, a Linha do Tua em 1887, o Ramal de Viseu em 1890 e o Ramal de Cascais em 1895.<sup>074</sup>

Pela extensão e abrangência de ramais que aqui se referiu, facilmente se pode ter a noção de que introdução do caminho-de-ferro, logo nos seus primeiros anos de funcionamento, alterava claramente o paradigma da mobilidade portuguesa.

071 | MATOS, A. (2009). Caminhos-de-ferro e turismo em Portugal (Final do século XIX e primeiras décadas do século XX). V Congresso História Ferroviária.  
072 | ibidem  
073 | ibidem  
074 | ibidem

## CAMINHOS DE FERRO DEMOCRATIZAÇÃO DA VIAGEM

Em Portugal, à semelhança da restante Europa, o caminho-de-ferro tornou as viagens mais rápidas, mais seguras, mais cómodas e sobretudo, muito mais acessíveis. Estes aspetos, juntamente com as campanhas publicitárias de promoção de locais de interesse turístico, proporcionou o alargamento e o acesso da viagem turística, desde as elites às classes médias, contribuindo também assim, de forma significativa, para o desenvolvimento dos destinos termais.

É evidente o desenvolvimento das estâncias termais depois da implementação do caminho-de-ferro no território Português. As termas que já existiam expandiram e melhoraram os seus espaços termais e as instalações a elas associadas, e onde apenas existiam águas termais e algumas barracas para banhos, construíram-se novas e sofisticadas termas, com edificações complementares a elas ligadas, para melhor atrair e receber os aquistas que chegavam às estações das prósperas cidades termais.

*"...as vias férreas acabaram por ser responsáveis por uma certa democratização das viagens do lazer (...). O comboio naquela época permitiu que um maior número de famílias pudessem usufruir dos benefícios termais, dos ares das montanhas e piqueniques fora de portas das urbes industrializadas e higienicamente precárias. (...)"*<sup>075</sup>

*"Naqueles tempos era de comboio que se ia banhos (...). O comboio, esse novo meio de locomoção deu a conhecer novos territórios, paisagens e destinos. (...)"*<sup>076</sup>



fig.060 | Cartaz Publicitário \_ Banhos e águas termais 1940

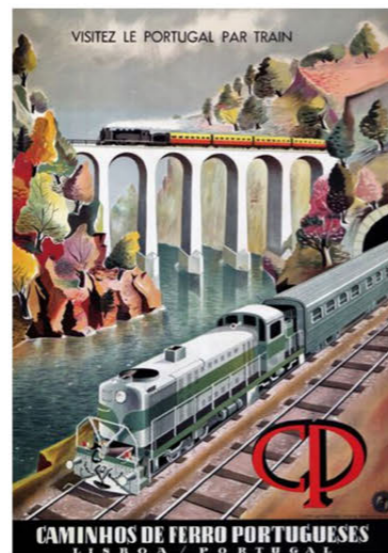


fig.061 | Cartaz Publicitário \_ Comboios de Portugal 1960

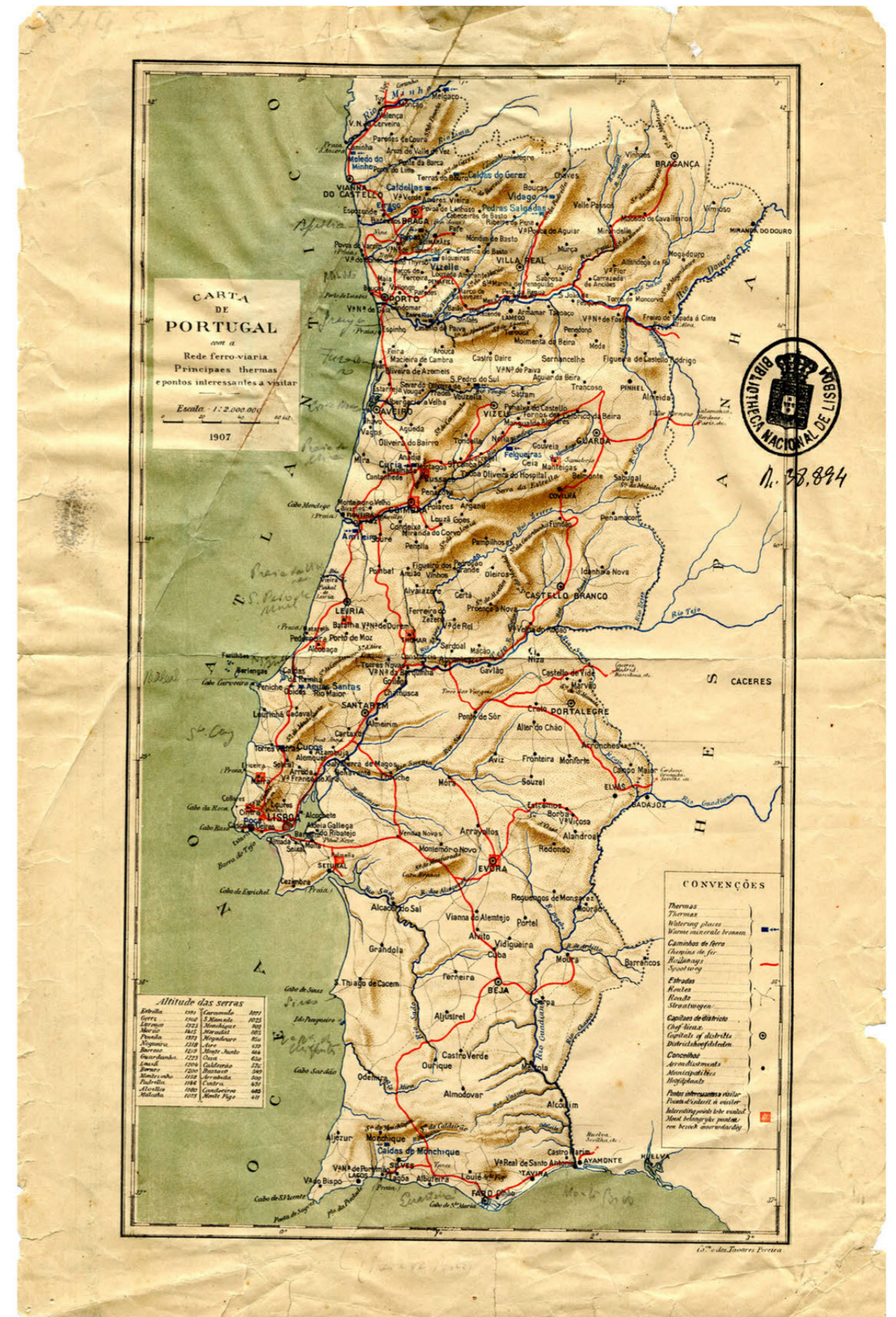


fig.062 | Carta de Portugal com a rede ferro-viária e principais termas \_ 1907

075 | LOUSADA, M. (2010). *Viagem e Turismo em Portugal 1850-1926*. Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República

076 | *idem*

## CAMINHOS DE FERRO

### 02.4.3 LINHAS DINAMIZADORES DO TERMALISMO

O desenvolvimento dos transportes terrestres “*quer pelo aparecimento das primeiras linhas do caminho-de-ferro, quer pelos arranjos e construção de estradas seguidas pelas diligências*”, nas décadas finais do século XIX, proporcionou, como atrás se referiu, um período de grande expansão do termalismo no território nacional.

Como atrás se indicou, constatou-se que os modestos Banhos ou Termas que se situavam nas áreas de influência de linhas ferroviárias, localizados em zonas próximas de estações ferroviárias, foram aqueles onde se verificou o aumento da procura. Do Centro ao Norte de Portugal, são vários os novos destinos Termais a surgir na sequência da chegada das linhas de Caminho de Ferro, tal como abaixo se referencia.

- A **Linha do Norte**, que já estava totalmente concluída desde 1877, veio permitir o desenvolvimento das **Termas do Luso, Vale da Mó e da Cúria** para os viajantes e aqistas provenientes do Porto e Lisboa.

- A **Linha do Minho**, que se estendia até Valença desde 1882 e com ligação internacional para Tui desde 1886, asseguraria ligações até às **Termas das Caldas de Eirôgo, Termas de Moção, Termas de Melgaço**.

- A **Linha da Beira Alta**, concluída em 1882, e que liga com a **Linha do Norte** na cidade da Pampilhosa, levou à ampliação das já existentes **Termas do Luso** em 1893, para responder ao aumento da procura das suas águas, potenciado pela inauguração da nova linha de caminho-de-ferro.

- A **Linha do Douro**, terminada em 1887, fez chegar o comboio ao Pocinho, que por sua vez veio possibilitar motivar o desenvolvimento das **Termas Entre-os-Rios, S. Vicente e das Caldas de Aregos**.

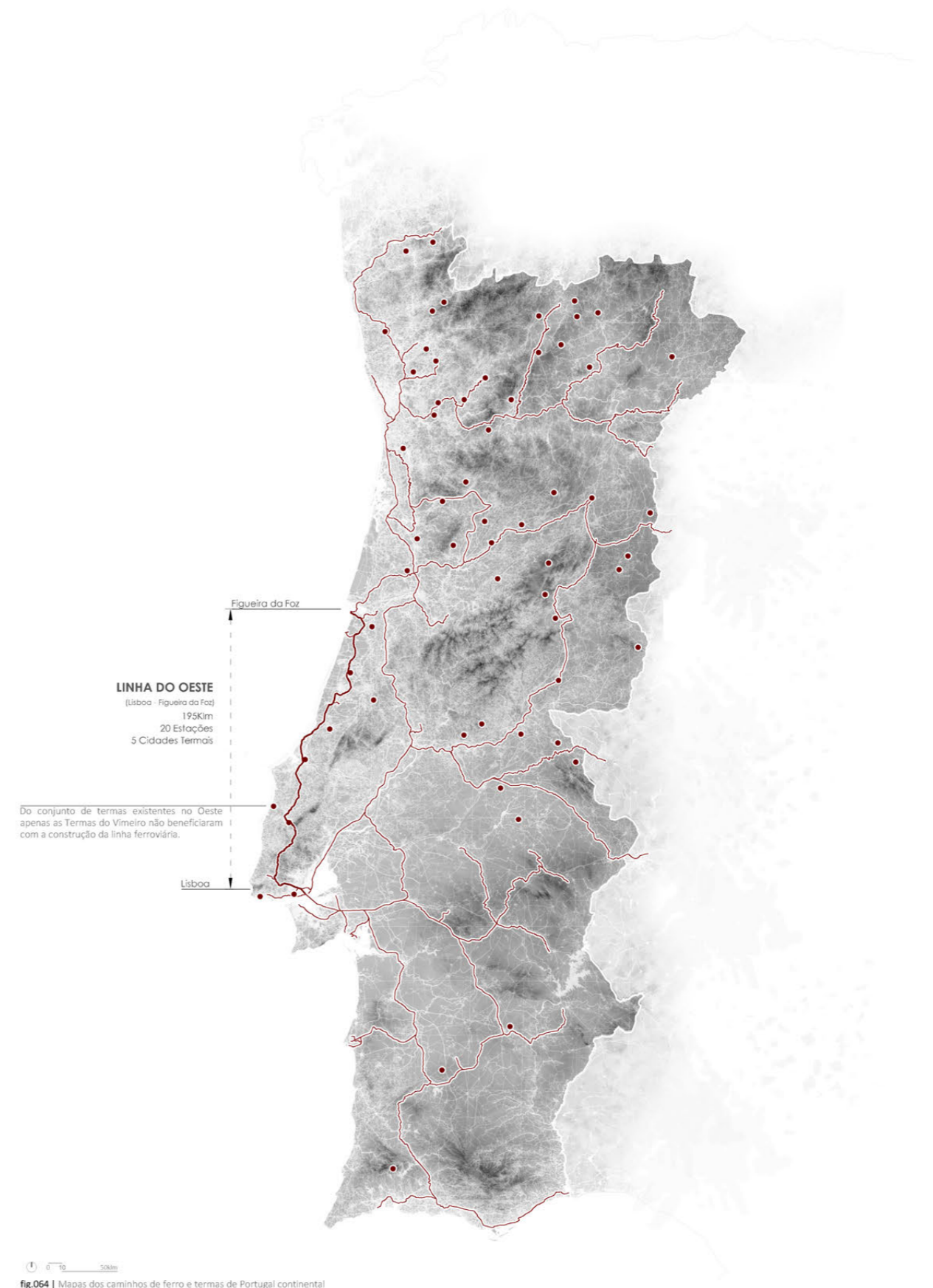
- A **Linha do Corgo**, inaugurada até às **Pedras Salgadas** em 1907, entroncava com a linha do Douro na Régua e daí seguindo para o Porto. Tendo em linha de conta que as **Pedras Salgadas** já eram referidas como local com boa afluência por parte de utilizadores, mesmo que o acesso se efetuasse por intermédio de diligência ou da mala-posta, sabe-se que a chegada do comboio dinamizou o acesso e potenciou a fama que esta estância termal já possuía.

- **Linha do Oeste**, sendo totalmente concluída em 1888, revela-se enquanto um exemplo paradigmático na relação que a ferrovia estabelece com as termas do seu território, pois potenciou decisivamente a ligação às **Termas do Vale dos Cucos, Caldas da Rainha, Termas da Piedade, Monte Real e Amieira** que têm nas suas imediações os **Banhos da Azenha** e as **Termas do Bicanho**. Antes da introdução do caminho-de-ferro na região Oeste, apenas as **Termas de Caldas da Rainha** eram reconhecidas como tendo procura assinalável. Pode-se assim justificar que foi a introdução do transporte ferroviário neste território que teve um efeito importante e decisivo para o maior afluxo às termas já existentes, e ao surgimento de novas estâncias, pela boa acessibilidade e pelo custo acessível que assim se permitia às populações, em particular à população residente na capital lisboeta.



fig.063 | Chegada a Figueira da Foz - Linha do Oeste

077 | CAVACO, C (1979). O turismo em Portugal: aspectos evolutivos e espaciais, Centro de Estudos Geográficos – Universidade de Lisboa.



## 02.5.1 LINHA DO OESTE POTENCIAL LINHA TERMAL

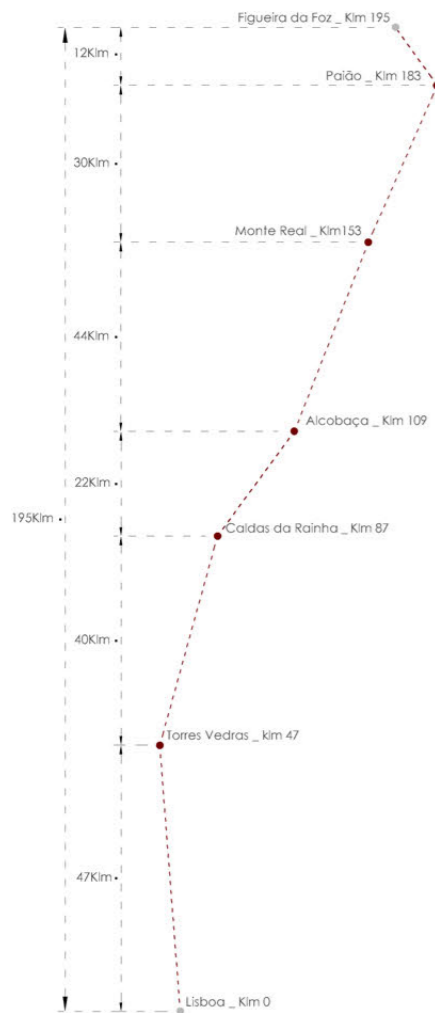


fig.065 | Linha do Oeste \_ Distancias entre cidades Termiais

O comboio é um meio de transporte que na atualidade atravessa uma fase em que parece estar a ser votado ao esquecimento e é considerado por muitos um modo de viajar obsoleto. O moderno automóvel e o avião trouxeram até nós novos modos de viajar, pela mobilidade permitida e pelo alcance proporcionado. Se com o automóvel é facto aceite a consciência social da mobilidade com ele adquirida, também todos conhecemos as vantagens de viajar em avião, com a rapidez, economia de tempo, comodidade, preços cada vez mais acessíveis, com o mercado crescente das companhias low-cost.

Atualmente, as viagens, são confundidas, isto é, praticamente vistas e entendidas, apenas como o destino para o qual queremos chegar, atribuindo-se pouca relevância e ao interesse no modo de viajar. Hoje vamos diretamente de um ponto ao outro, esquecendo completamente o que existe nesse intervalo que separa os dois destinos. Neste sentido, considero que seria importante o poder voltar às origens da viagem e tornar o modo de viajar numa experiência mais completa, que integrando as deslocações aos destinos, possibilite em viajar mais devagar, sem pressas de chegar, tirando partido do que "existe" no caminho.

Esta dissertação propõe assim o realizar de uma viagem por terra, uma viagem pelos carris dos caminhos-de-ferro do Oeste, viagem esta que se equaciona enquanto uma viagem às origens, uma viagem mais lenta nos comboios de outrora fascinantes, e que desta forma se faça apelo aos sentidos, aos aromas, aos sons particulares deste meio de transporte e das belas paisagens até chegar ao seu lugar de destino.

### PORQUE NÃO IR ATE ÀS TERMAS DE COMBOIO E FAZER UMA VIAGEM COMO ANTIGAMENTE?

Como se referiu anteriormente, a linha do Oeste, às portas de Lisboa, foi em tempos um motor do desenvolvimento conjunto das estâncias termais na região Oeste. Este eixo ferroviário que liga Lisboa a Torres Vedras, passa em seguida por Bombarral, Óbidos, Caldas da Rainha, Alcobaça, Marinha Grande, Leiria e Figueira da Foz. Aqui tem ligação ao ramal para Coimbra, e ao ramal que liga à Pampilhosa, onde entronca com a linha do Norte.

O futuro da Linha do Oeste é de momento incerto, pois apesar de em tempos se ter revelado um forte e importante elemento de uma paisagem e estruturante na economia regional, com a evolução dos tempos e dos transportes, veio a perder progressivamente o sua relevância na mobilidade regional.

De forma a reverter o progressivo abandono desta infraestruturas, motiva-se assim a importância de enaltecer e redescobrir as vantagens de restabelecer ligações com o vasto território rico em águas termais.

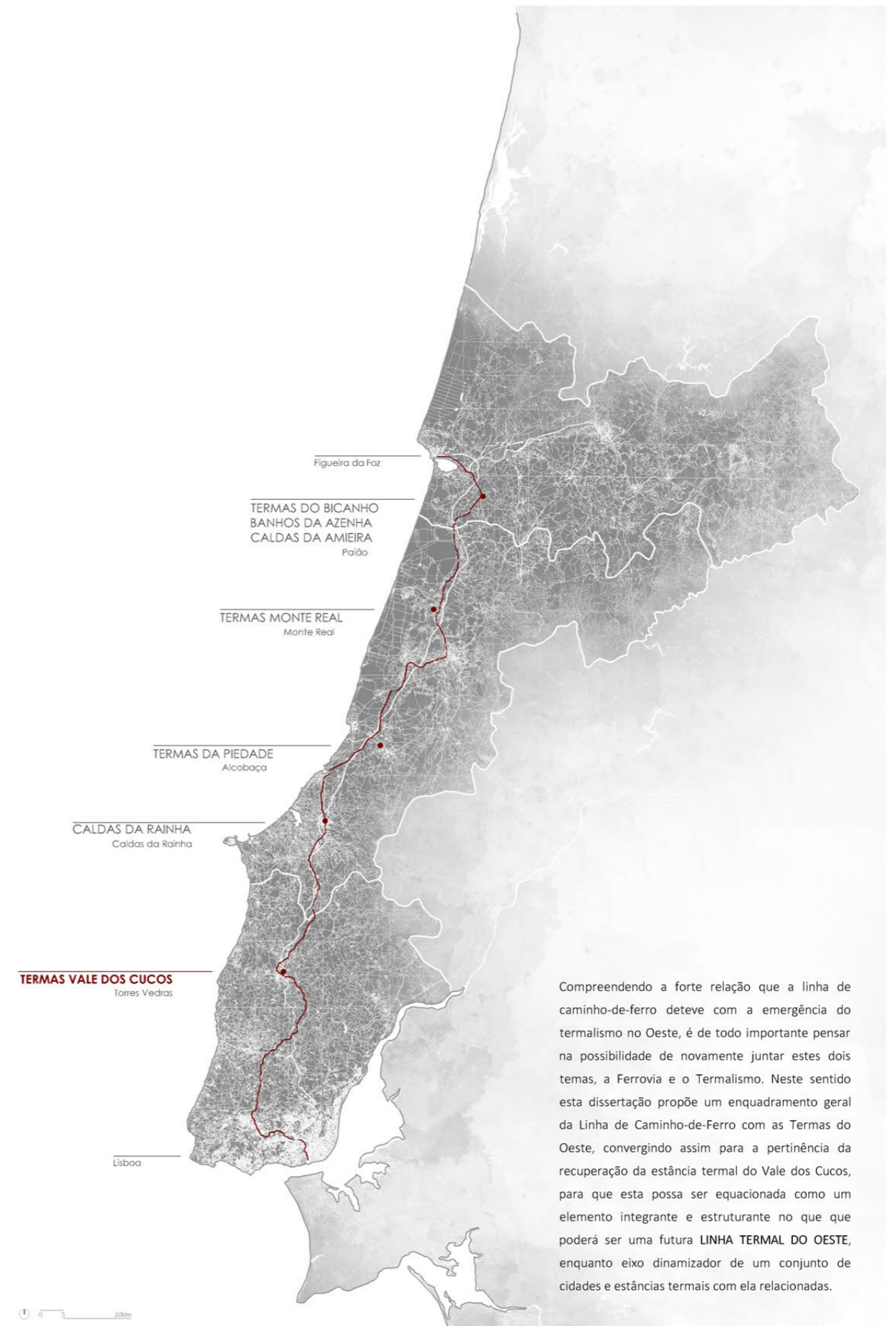


fig.066 | Linha termal dos Oeste

Compreendendo a forte relação que a linha de caminho-de-ferro deteve com a emergência do termalismo no Oeste, é de todo importante pensar na possibilidade de novamente juntar estes dois temas, a Ferrovia e o Termalismo. Neste sentido esta dissertação propõe um enquadramento geral da Linha de Caminho-de-Ferro com as Termas do Oeste, convergindo assim para a pertinência da recuperação da estância termal do Vale dos Cucos, para que esta possa ser equacionada como um elemento integrante e estruturante no que poderá ser uma futura LINHA TERMAL DO OESTE, enquanto eixo dinamizador de um conjunto de cidades e estâncias termais com ela relacionadas.



## 02.5.1 | NOTAS DE REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA DE CAPÍTULO

- BARROS, VERA (2015), *Turismo em Portugal*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- CAVACO, CARMINDA (1979), *O turismo em Portugal: aspectos evolutivos e espaciais*, Centro de Estudos Geográficos - Lisboa: Universidade de Lisboa.
- CUNHA, LICÍNIO (1997), *A Economia e a política do turismo*, Amadora: McGraw-Hill Portugal, Lda.
- CUNHA, LICÍNIO (2010), *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: os Primórdios*, in Fluxos e Riscos: Revista de Estudos Sociais vol. 1 nº 01 (2010), FCSEA - Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, ULHT - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- BARROS, JOSÉ (2002), *Realidade e Ilusão no Turismo Português - Das Práticas do Termalismo à Invenção do Turismo de Saúde*, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- BARROS, VERA GOUVEIA (2015), *Turismo em Portugal*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- LOUSADA, MARIA ALEXANDRE (2010), *Viajantes e Turistas. Portugal 1850-1926*, LISBOA: CNCCR - Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.
- MATOS, ANA CARDOSO (2009), *Caminhos-de-ferro e turismo em Portugal (Final do século XIX e primeiras décadas do século XX)*, V Congresso História Ferroviária, Palma de Mallorca.
- NARCISO, ARMANDO (1944), *Investigação Científica e Medicina Social na Termas*, Lisboa: Editora Médica.
- ORTIGÃO, RAMALHO (1875), *Banhos de Caldas e Águas Minerais*, Porto: Livraria Universal.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (1995), *Concepts, Definitions and Clarifications for Tourism Statistics: a Technical Manual*, Madrid.
- RAMOS, ADILIA (2005) *O Termalismo em Portugal. Dos Fatores de Obstrução à Revitalização pela Dimensão Turística*, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.
- VIEIRA, ANTÓNIO (1982), *Os transportes públicos de Lisboa entre 1830 e 1910*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

## 02.5.2 | ICONOGRAFIA DE CAPÍTULO

- pag052\_fig.047** | Os Descobrimientos \_ Império português  
Fonte: Ilustração de Autor desconhecido  
Disponível em: <https://www.e-cultura.pt/efemeride/705>
- pag053\_fig.048** | Pintura representativa do Grand Tour  
Fonte: Ilustração de Autor desconhecido  
Disponível em: <https://amusearte.wordpress.com/o-turismo-2/>
- pag054\_fig.049** | Ferro e Carvão  
Fonte: © William Bell Scott  
Disponível em: <https://amusearte.wordpress.com/o-turismo-2/>
- pag055\_fig.050** | Movimento operário Séc.XIX  
Fonte: Fotografia de Autor desconhecido  
Disponível em: <https://sinpropias.com/a-origem-dos-sindicatos/>
- pag056\_fig.051** | Cartaz Publicitário  
Fonte: © Sud-Express  
Disponível em: <http://presenteepassado.blogspot.com/sud-express>
- pag056\_fig.052** | Cartaz Publicitário  
Fonte: © Chemins de Fer  
Disponível em: <https://grandquebec.com/paris-chemin-fer/>
- pag057\_fig.053** | Cartaz Publicitário  
Fonte: © Le Train Bleu  
Disponível em: <https://www.pinterest.pt/474566879479159782/>
- pag058\_fig.054** | Cartaz Publicitário  
Fonte: © Midland Railway  
Disponível em: <https://www.pinterest.pt/317433473717055241/>
- pag058\_fig.055** | Cartaz Publicitário  
Fonte: © Chemins de Fer  
Disponível em: <https://www.pinterest.fr/510314201496342980/>
- pag060\_fig.056** | Mapa das estradas e vias militares de Portugal continental \_ 1847  
Fonte: © C. F. B. de (cartógrafo)  
Disponível em: <https://am.uc.pt/bib-geral/nabaisconde/item/44390>
- pag063\_fig.057** | Capa *Banhos de Caldas e Águas minerais*  
Fonte: © Magalhães e Moniz Editores
- Disponível em: <https://in-libris.com/products/banhos-de-caldas-e-aguas-minerais-1?variant=281965372>
- pag064\_fig.058** | Mapas da evolução do caminhos de ferro de Portugal continental  
Fonte: Elemento produzido pelo Autor
- pag066\_fig.059** | Mapa dos caminhos de ferro portugueses \_ 1895  
Fonte: © Gazeta dos Caminhos de Ferro de Portugal  
Disponível em: (Biblioteca Nacional Digital) <https://purl.pt/3367>
- pag068\_fig.060** | Cartaz Publicitário \_ Banhos Termas 1940  
Fonte: © Comboios de Portugal  
Disponível em: <https://www.pinterest.pt/MyLisbon/vintageesignportugal/>
- pag068\_fig.061** | Cartaz Publicitário \_ 1960  
Fonte: © Comboios de Portugal  
Disponível em: <https://www.pinterest.pt/pin/372109987938718740/>
- pag069\_fig.062** | Carta de Portugal com a rede ferroviária e principais termas \_ 1907  
Fonte: © António Tavares Pereira (cartógrafo)  
Disponível em: (Biblioteca Nacional Digital) <https://purl.pt/22214>
- pag070\_fig.063** | Chegada a Figueira da Foz \_ Linha do Oeste  
Fonte: Fotografia de Autor desconhecido  
<https://bibliotecaentroncamento.wordpress.com/2017/10/26/>  
Disponível em: 161-anos-dos-caminhos-de-ferro-em-portugal/
- pag071\_fig.064** | Mapas dos caminhos de ferro e termas de Portugal continental  
Fonte: Elemento produzido pelo Autor
- pag072\_fig.065** | Linha do Oeste  
Fonte: Elemento produzido pelo Autor
- pag073\_fig.066** | Linha termal dos Oeste  
Fonte: Elemento produzido pelo Autor

**03**

## 03 | O LUGAR

03.1	UM LUGAR DE ÁGUAS
.1	PROVENIENTES DA SERRA DE MONTEJUNTO
03.2	TORRES VEDRAS
.1	O CONSELHO
.2	A CIDADE
03.3	LUGAR DAS NASCENTES
.1	O SÍTIO DO CARPINTEIRO
03.4	PRIMEIRA NOTÍCIA DO LUGAR
.1	MEMÓRIAS PAROQUIAIS
03.5	O LUGAR DOS CUCOS
.1	O VALE
.2	ORTOFOTOMAPA DO LUGAR DOS CUCOS
.3	PLANTA DO LUGAR DOS CUCOS
03.6	NOTAS DE REFERÊNCIA
.1	BIBLIOGRAFIA DE CAPÍTULO
.2	ICONOGRAFIA DE CAPÍTULO

### 03.1 | UM LUGAR DE ÁGUAS

"Isto é um LUGAR de águas... tudo o que aqui se vê deve-se às águas. As águas que aqui vemos nascer, diziam os entendidos que vêm do topo da Serra de Montejunto. Sabe onde fica?"

Sr. José Ramiro, 2018  
(Antigo funcionário das termas)



fig.067 | Fotografia Aérea \_ Vale da Serra do Montejunto

## 03.1.1 | UM LUGAR DE ÁGUAS PROVENIENTES DA SERRA DE MONTEJUNTO

Do ponto de vista morfoestrutural, as águas dos Cucos são naturalmente formadas na "Bacia sinclinal do Bombarral". Esta, por sua vez, faz parte da unidade morfoestrutural designada por "Bordadura Ocidental", esta instala-se nas margem continental a oeste da Península Ibérica, correspondendo sensivelmente à área denominada de Região Oeste já anteriormente foi referida.

"A ÁGUA É O VEÍCULO DA NATUREZA"<sup>078</sup>

Águas dos Cucos adquirem as suas propriedades terapêuticas num processo geológico natural. Este trata-se de um fenómeno muito anterior à existência humana e que é visível à superfície no Lugar dos Cucos. As águas infiltram-se nos solos permeáveis descendo até grandes profundidades onde elevam a sua temperatura. Ao percorrer o sub-solo adquirem a mineralização que lhes dá as propriedades terapêuticas.

Para melhor esclarecer este fenómeno transcreve-se a explicação feita por José António Neiva Vieira na sua publicação "História das Termas dos do Vale dos Cucos":

"Estas nascentes dos Cucos são nascentes artesianas e a sua existência deve-se aos deslocamentos da área tifónica de Matacões. Águas meteóricas infiltram-se através dos calcários do Jurássico médio da Serra de Montejunto, descem com as camadas impermeáveis a grandes profundidades (choffat diz descem a cerca de 720 metros de profundidade), onde elevam a sua temperatura, que na emergência atinge 40,1 graus para Cucos Modernos, atravessam depósitos de salgema e outros depósitos, adquirindo assim a sua mineralização e radioactividade, e é no vale dos Cucos que encontram as falhas que lhes permitem atingir a superfície."<sup>079</sup>

Estas águas fazem um longo percurso subterrâneo através da porosidade das rochas calcárias Montejunto e do Cabeço (J3a,b). No Vale dos Cucos surgem à superfície nas camadas do Cabeço, com a forma aproximada de um losângulo orientado N-S com 2000 m de comprimento por 900 m de largura, atravessado por 3 importantes falhas e outras menos importantes suas associadas, de onde surgem as várias nascentes do Vale dos Cucos.<sup>080</sup>

078 | Leonardo di ser Piero da Vinci

079 | VIEIRA, J.(1964), História das Termas do Vale dos Cucos, Separata de O Médico n.º 676, Tipografia Sequeira, Porto, pag.4

080 | ANDRADE, C., (1937) Os vales submarinos portugueses e o diastrófia das Berlengas e da Estremadura. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa, pag.236.

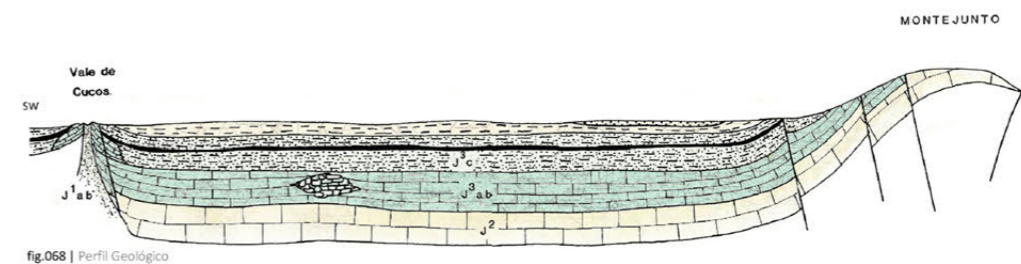


fig.068 | Perfil Geológico

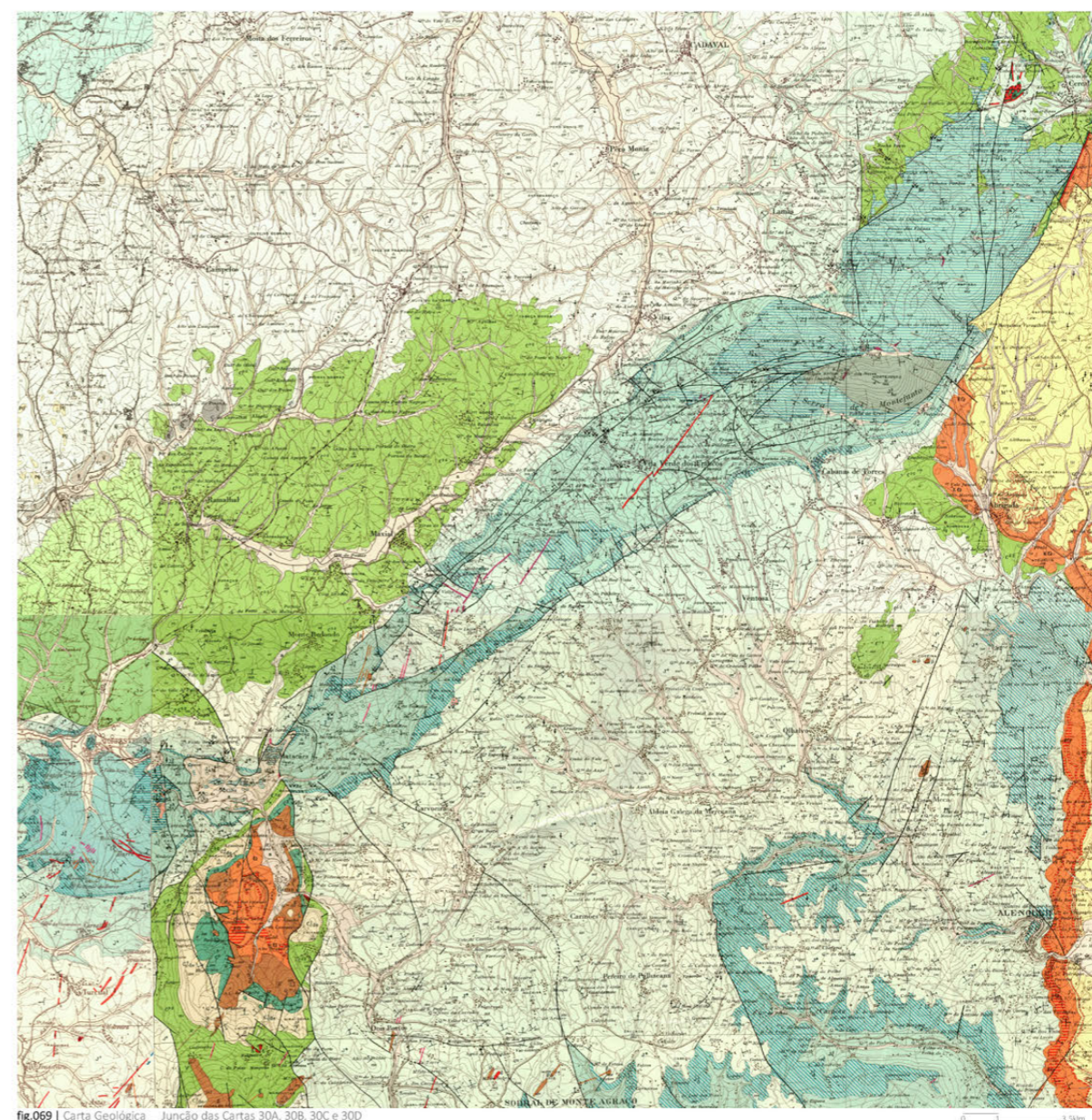


fig.069 | Carta Geológica - Junção das Cartas 30A, 30B, 30C e 30D

### 03.1.1 | UM LUGAR DE ÁGUAS PROVENIENTES DA SERRA DE MONTEJUNTO

Do ponto de vista morfoestrutural, as águas dos Cucos são naturalmente formadas na "Bacia sinclinal do Bombarral". Esta, por sua vez, faz parte da unidade morfoestrutural designada por "Bordadura Ocidental", esta instala-se nas margem continental a oeste da Península Ibérica, correspondendo sensivelmente à área denominada de Região Oeste já anteriormente foi referida.

"A ÁGUA É O VEÍCULO DA NATUREZA"<sup>078</sup>

Águas dos Cucos adquirem as suas propriedades terapêuticas num processo geológico natural. Este trata-se de um fenómeno muito anterior à existência humana e que é visível à superfície no Lugar dos Cucos. As águas infiltram-se nos solos permeáveis descendo até grandes profundidades onde elevam a sua temperatura. Ao percorrer o sub-solo adquirem a mineralização que lhes dá as propriedades terapêuticas.

Para melhor esclarecer este fenómeno transcreve-se a explicação feita por José António Neiva Vieira na sua publicação "História das Termas dos do Vale dos Cucos":

"Estas nascentes dos Cucos são nascentes artesianas e a sua existência deve-se aos deslocamentos da área tífónica de Matacões. Águas meteóricas infiltram-se através dos calcários do Jurássico médio da Serra de Montejunto, descem com as camadas impermeáveis a grandes profundidades (choffat diz descem a cerca de 720 metros de profundidade), onde elevam a sua temperatura, que na emergência atinge 40,1 graus para Cucos Modernos, atravessam depósitos de salgema e outros depósitos, adquirindo assim a sua mineralização e radioactividade, e é no vale dos Cucos que encontram as falhas que lhes permitem atingir a superfície."<sup>079</sup>

Estas águas fazem um longo percurso subterrâneo através da porosidade das rochas calcárias Montejunto e do Cabeço (J3a,b). No Vale dos Cucos surgem à superfície nas camadas do Cabeço, com a forma aproximada de um losangolo orientado N-S com 2000 m de comprimento por 900 m de largura, atravessado por 3 importantes falhas e outras menos importantes suas associadas, de onde surgem as várias nascentes do Vale dos Cucos.<sup>080</sup>

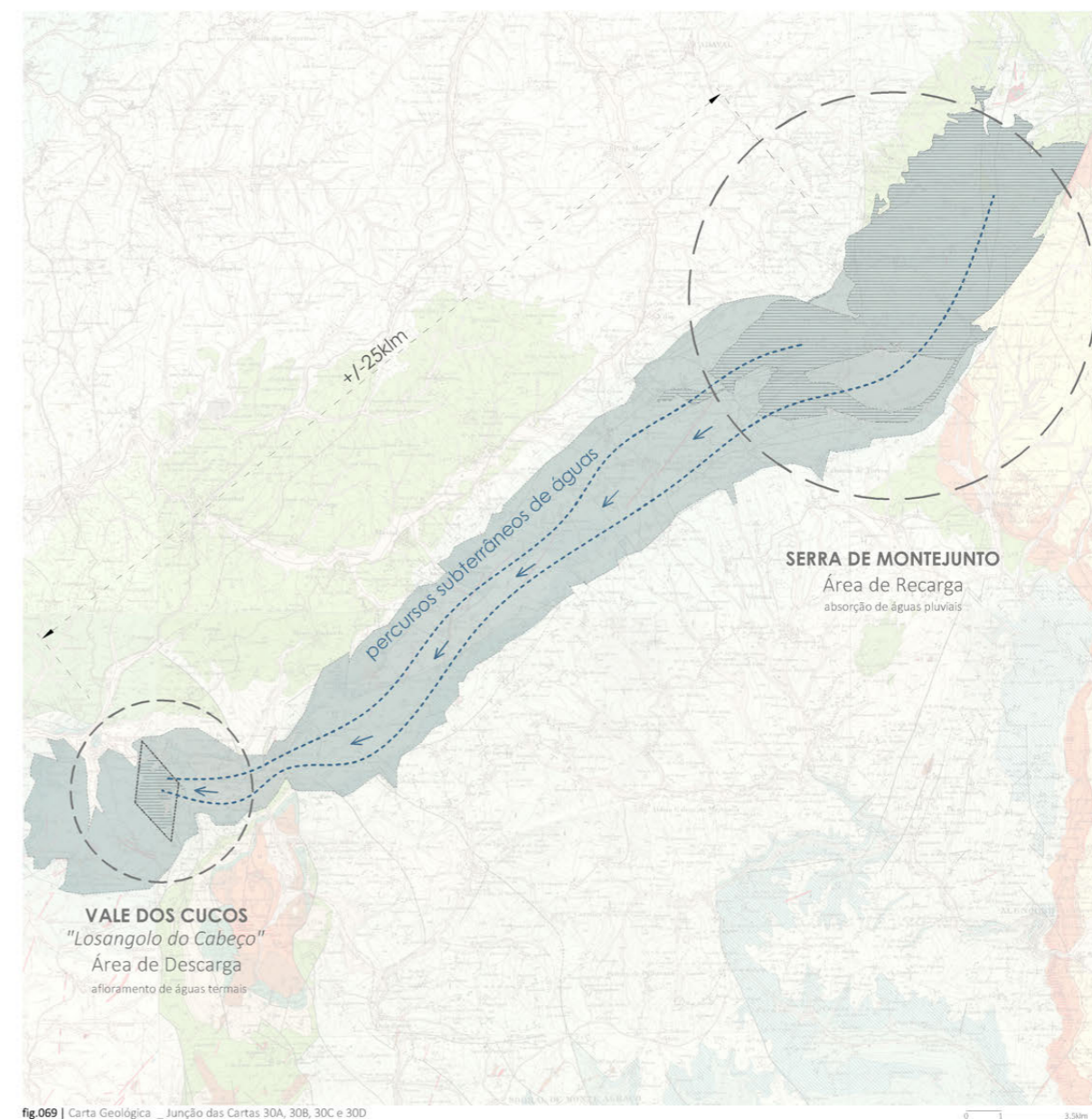
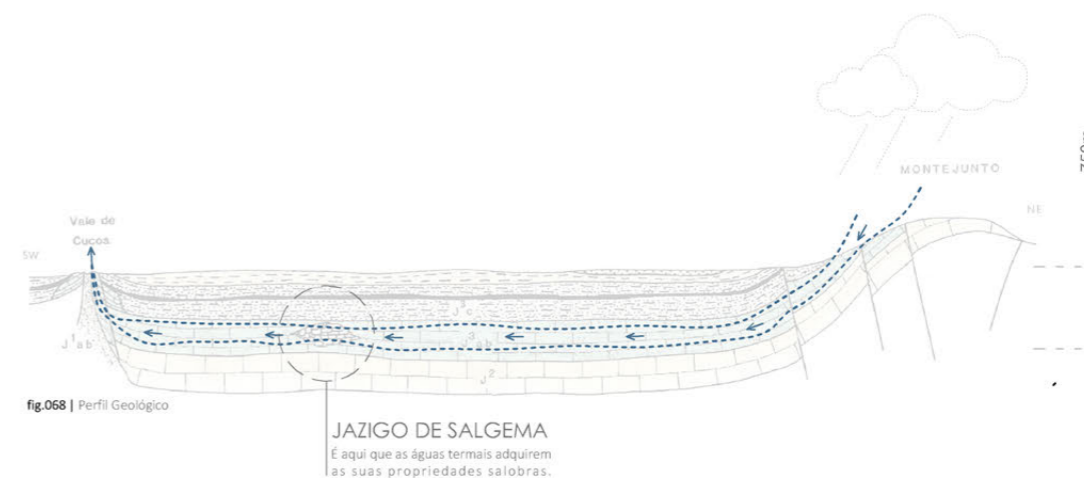


fig.069 | Carta Geológica - Junção das Cartas 30A, 30B, 30C e 30D

078 | Leonardo di ser Piero da Vinci

079 | VIEIRA, J.(1964), História das Termas do Vale dos Cucos, Separata do O Médico n.º 676, Tipografia Sequeira, Porto, pag.4

080 | ANDRADE, C., (1937) Os vales submarinos portugueses e o diastrófico das Berlengas e da Estremadura. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa, pag.236.



fig.070 | Planta dos distritos de Lisboa, Leiria e Coimbra. Destaque do concelho de Torres Vedras e vias de comunicação, respectivamente Linha ferroviária do Oeste e Atoestrada N°8

Torres Vedras é sede do mais extenso município do Distrito de Lisboa, com 407,15 km<sup>2</sup> de área. Este município é limitado a norte pelo município da Lourinhã, a nordeste pelo Cadaval, a leste por Alenquer, a sul por Sobral de Monte Agraço e Mafra e a oeste pelo oceano Atlântico.

Sensivelmente a 41 km a nordeste de Lisboa, é servida pela linha de caminho de ferro desde 1886 e pela autoestrada A8 desde 1993, sendo estes os principais eixos de ligação da região Oeste, o que permite afirmar Torres Vedras como um ponto de ligação de proximidade relevante na área metropolitana de Lisboa.

Neste concelho podemos contar com a existência de várias águas termais e minerais de importante relevância a nível nacional. A Norte no limite do concelho localiza-se as termas do Vimeiro, referência nacional de águas minerais engarrafadas. Sensivelmente ao centro deste território na proximidade da cidade de Torres Vedras estrategicamente encaixadas no vale que do rio Sizandro encontramos as termas Vale dos Cucos, marco de referência nos tratamentos de reumatismo.

Nesta investigação destaca-se as Termas Vale dos Cucos pela sua localização e proximidade com a cidade de Torres Vedras e os já referidos eixos de ligação que permitem uma fácil deslocação por todo território da região Oeste, que se encontra fortemente ligada com a cidade de Lisboa.

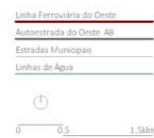
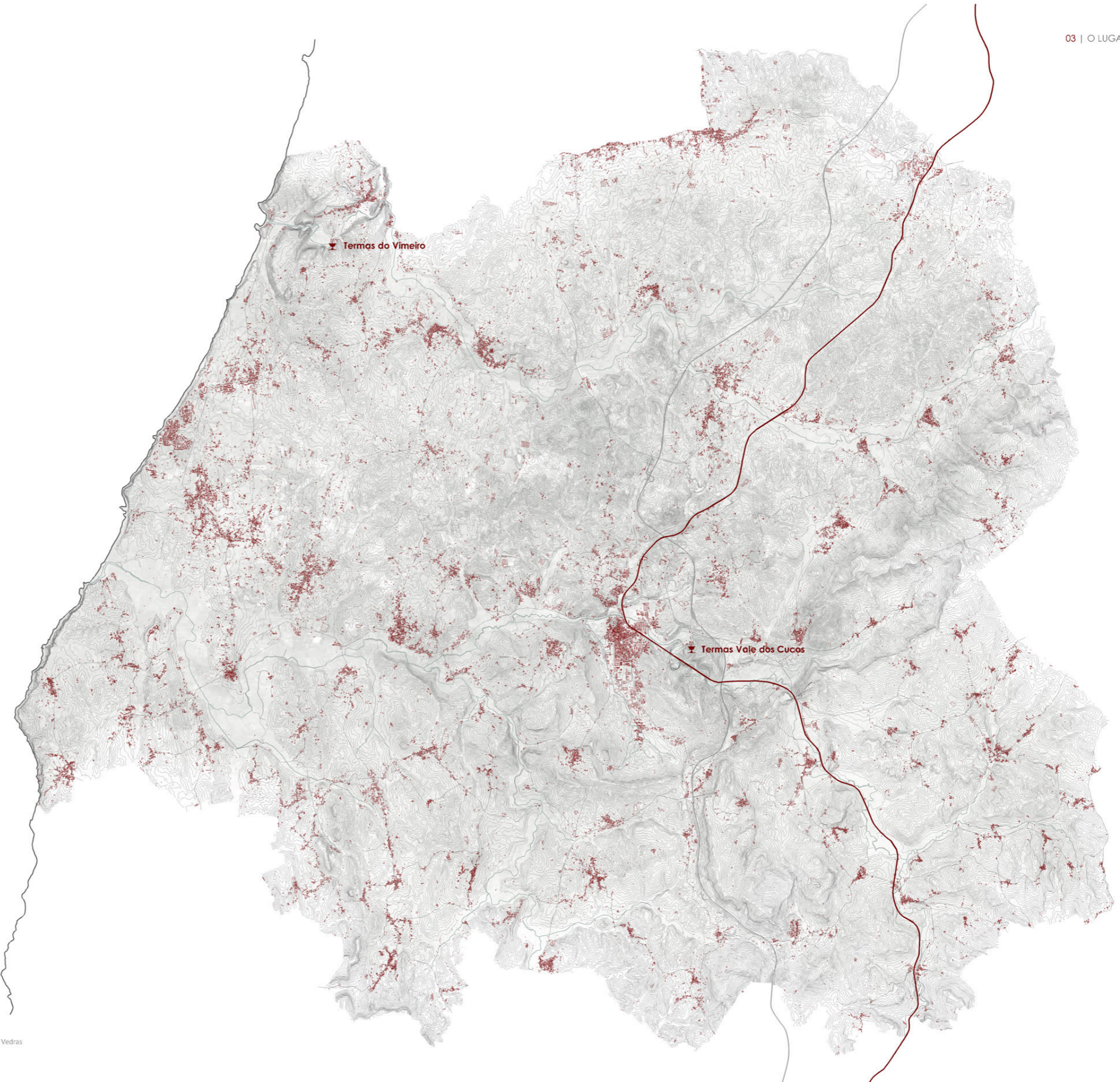


fig.071 | Planta do Concelho de Torres Vedras



"TORRES - VEDRAS, cujo nome é derivado por corruptela da expressão Turres Veteres, da baixa latitude, é uma das mais antigas vilas (agora cidade) de Portugal. No tempo da dominação árabe os mouros estimavam-a muito pelos bons ares, em virtude dos quais muitas pessoas se recolhiam nela em ocasiões de pestes e de contágios, e ainda pela fertilidade dos seus campos, vinhas, hortas e pomares"

Ramão Ortigão\_1875



fig.072 | Fotografia Aérea \_ Cidade de Torres Vedras





03.3 | LUGAR DAS NASCENTES

"As nascentes dos Cucos ficavam junto da Eira do Carpinteiro e do Moinho do Carpinteiro, denominações perdidas julgo que á mais de século, mas que ainda figuram no mapa que possuímos mandado tirar por Muiguel Lourenco Peres a 1787"<sup>081</sup>

Sabe-se que partir século XVIII, vários populares, sem prescrição médica, tomavam banho nestas nascentes junto do moinho (azinha) do carpinteiro, pois atribuíam-lhes características milagrosas. Os doentes escavavam nos nateiros do rio, junto à margem, onde brotavam as águas termais e enterravam-se na lama quente e ali ficavam várias horas, dizendo que tais práticas lhes aliviava as maleitas. Terá sido essa utilização espontânea de muitos populares que terá despertado a atenção do médico Máximo Moniz de Carvalho que a partir do ano de 1746 terá começado a prescrever as águas e lamas medicinais dos Cucos.<sup>082</sup>

081 | VIEIRA, J. (1964). História das Termas do Vale dos Cucos, Separata do O. Médico n.º 676, Tipografia Sequerra, Porto, pag.4  
082 | *ibidem*

fig.073 | Mapa da Quinta da Machêa do ano 1787

### 03.4.1 PRIMEIRA NOTÍCIA DO LUGAR MEMORIAS PAROQUIAIS

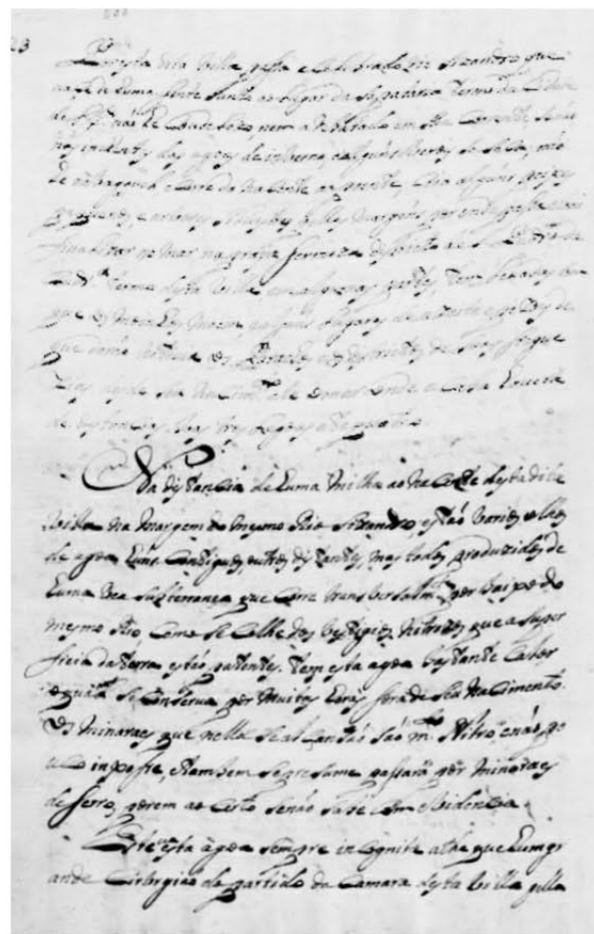


fig.074 | Memórias Paroquiais, vol.37 n.º79 pag.888

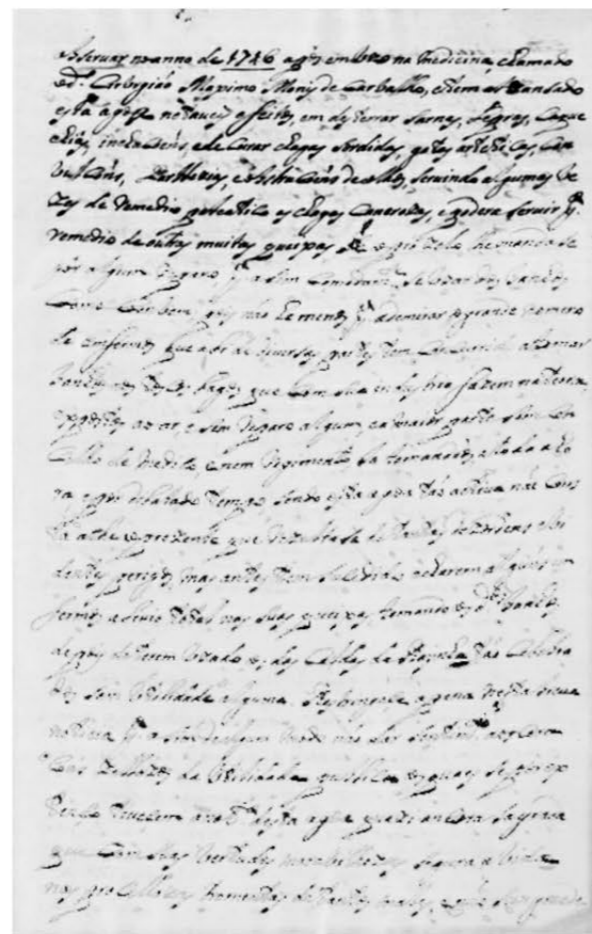


fig.075 | Memórias Paroquiais, vol.37 n.º79 pag.889

É no *Dicionário Geográfico*<sup>020</sup> de 1758 do Padre Luís Cardoso que surge a primeira referência documentada referente a este LUGAR, é nas *Memórias Paroquiais* referentes à então Vila de Torres Vedras podemos ler a seguinte notícia;

"Na distância de uma milha ao nascente desta vila na margem do mesmo rio Sizandro estão vários olhos de água, uns contíguos, outros distantes mas todos produzidos de uma veia subterrânea que corre transversalmente por baixo do mesmo rio, como se colhe dos vestígios nitrosos que à superfície da terra estão patentes. Tem esta água bastante calor o qual se conserva por muitas horas fora do seu nascimento. Os minerais que nela se alcançam são muito nitro e não pouco enxofre e também se presume passará por minerais de ferro, porém ao certo se não sabe com evidência. Esteve esta água sempre incógnita até que um grande cirurgião do partido da comarca desta vila por a observar no ano de 1746, a poz em caso de medicina, chamado o dito cirurgião Máximo Moniz de Carvalho e tem alcançado esta água notáveis efeitos em desterrar sarnas, lepras, caquechias, inchações e de curar chagas sórdidas, gotas artéricas, convulsões, paralisias e obstruções de olhos, servindo algumas vezes de remédio paliativo às chagas cancerosas e poderá servir de remédio para outras muitas queixas."<sup>083</sup>

De facto é no ano de 1758 na referida publicação que surge a primeira referencias documentada das Águas Dos Cucos. Ainda assim defende-se que os antecedentes da utilização das águas minerais dos Cucos são levados para um passado histórico mais longínquo, sendo provável que as águas dos Cucos e as suas capacidades terapêuticas fossem conhecidas pelos Romanos, pois tal se trata de um fenómeno geológico muito anterior á existência humana e facilmente observado á superfície.

José António Neiva Vieira na sua publicação "*História das Termas dos Cucos*", reforça a teoria da probabilidade do utilização das Águas dos Cucos pelos Romanos, dizendo e comprovando que os Romanos teriam povoado a área da Quinta da Macheia e Vale dos Cucos, e prova disso são os vestígios de ocupação Romana descobertos em 1959 "quando se procedia à surriba de um terreno para plantação de vinha, e a uma profundidade de um metro e meio, apareceu a superfície quadrada de uma pedra, que depois de convenientemente descavada e retirada se revelou um cipo rectangular com 1,25m de altura, sob o qual se encontraram tijolos de fabrico romano."<sup>084</sup> Estando comprovado que os Romanos ocuparam as proximidades do Lugar dos Cucos e sabendo-se a importância que os romanos atribuíam ao termalismo, não seria de estranhar que estes teriam sido os primeiros banhistas do Vale dos Cucos.

fig.076 | Dicionário geográfico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiros, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas.

Esta publicação surge da seqüências das Memórias Paroquiais de 1758 inserem-se numa prática setecentista de inquérito tendo como objectivo obter um maior conhecimento do território. As Memórias Paroquiais de 1758 são o resultado de um inquérito realizado a todas as paróquias de Portugal resultando numa das obras mais completas da historiografia portuguesa.

083 | CARDOSO, L. (1758). *Dicionário geográfico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiros, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*, vol.37 n.º79 pag.888,889

084 | VIEIRA, J.(1964). *História das Termas do Vale dos Cucos, Separata de O Médico n.º 676, Tipografia Sequeira, Porto, pag.4*

## 03.5.1 | O LUGAR DOS CUCOS O VALE

Deste lugar reza a lenda que é ali naquele vale que todos os anos no início da Primavera, ouvia-se pela primeira vez o cantar de um Cuco, lenda esta que dá nome a este lugar. É a sensivelmente a dois quilómetros a sudeste da cidade de Torres Vedras, nos terrenos pertencentes á quinta da Machêa, na margem esquerda do rio Sizandro, que encontramos o Lugar dos Cucos no vale do mesmo nome, Vale dos Cucos. Para melhor descrição deste Lugar transcrevo José António Neiva Vieira, já anteriormente referido, antigo proprietário deste lugar.

*"É neste vale ameno, onde o rio Sizandro se espraia depois de entalhar o seu leito, ao contornar a serra de Machêa, nos calcários do Cabaço, entre montanhas, que brotam as nascentes dos Cucos."<sup>085</sup>*

*"É suave e melancólico o ambiente; respira-se um ar puríssimo, aromatizado pelos matagais onde vegetam o tojo e o carrasco. Em redor do parque arborizado onde se encontram as Termas, pequenas colinas cobertas de matagais, de árvores ou de vinhedos limitam uma bacia quase circular, abrigada dos ventos e com temperatura média no Verão de 25 graus centígrados, com um microclima temperado quente, sêco e saudável."<sup>086</sup>*

*"Do alto do morro dos Cucos a 110 metros de altitude ou do ponto mais alto da serra de Machêa a 162 metros de altitude, que protegem o vale do lado sul, avista-se a vila de Torres Vedras e seu castelo e um panorama tipicamente estremenho: colinas onduladas cobertas de vinhedos, manchas de arvoredo, pequenas matas, salpicadas de casas brancas e com moinhos no alto dos cabeços."<sup>087</sup>*

Na sua Tese de mestrado em medicina, Avelino José Vieira sobrinho de José Gonçalves Dias Neiva, proprietário deste lugar, também tece os melhores elogios ao lugar dos Cucos, descrevendo-o como abrigando da injúria dos ventos acrescentando ainda que naquele lugar

*"parece que a natureza caprichou em reunir todas as condições naturais indispensáveis a uma estância hidromineral."<sup>088</sup>*

O mesmo autor destaca ainda a saúde dos locais, dizendo que por ali *"são desconhecidas as epidemias, e a tuberculose ainda lá não lançou os seus tentáculos sinistros, como o atestam os habitantes das regiões circunvizinhas, entre os quais não são raros os indivíduos de avançada idade e de robusta compleição."<sup>089</sup>*

Apresentado uma proximidade física da cidade de Torres Vedras este lugar contrastante com a tranquilidade de um lugar remoto. O somar de aspectos climáticos, paisagísticos e geológicos fazem deste local um verdadeiro paraíso permitindo a implantação uma verdadeira estância de repouso e de cura pelas águas.

085 | VIEIRA, J. (1964). História das Termas do Vale dos Cucos, Separata de O Médico n.º 676, Tipografia Sequeira, Porto, pag.3

086 | *ibidem*

087 | *ibidem*

088 | VIEIRA, A. (1914). Termas do Cucos, Dissertação Inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Porto, Porto, pag.25

089 | *ibidem*



fig.077 | Fotografia Aérea \_ Vale dos Cucos

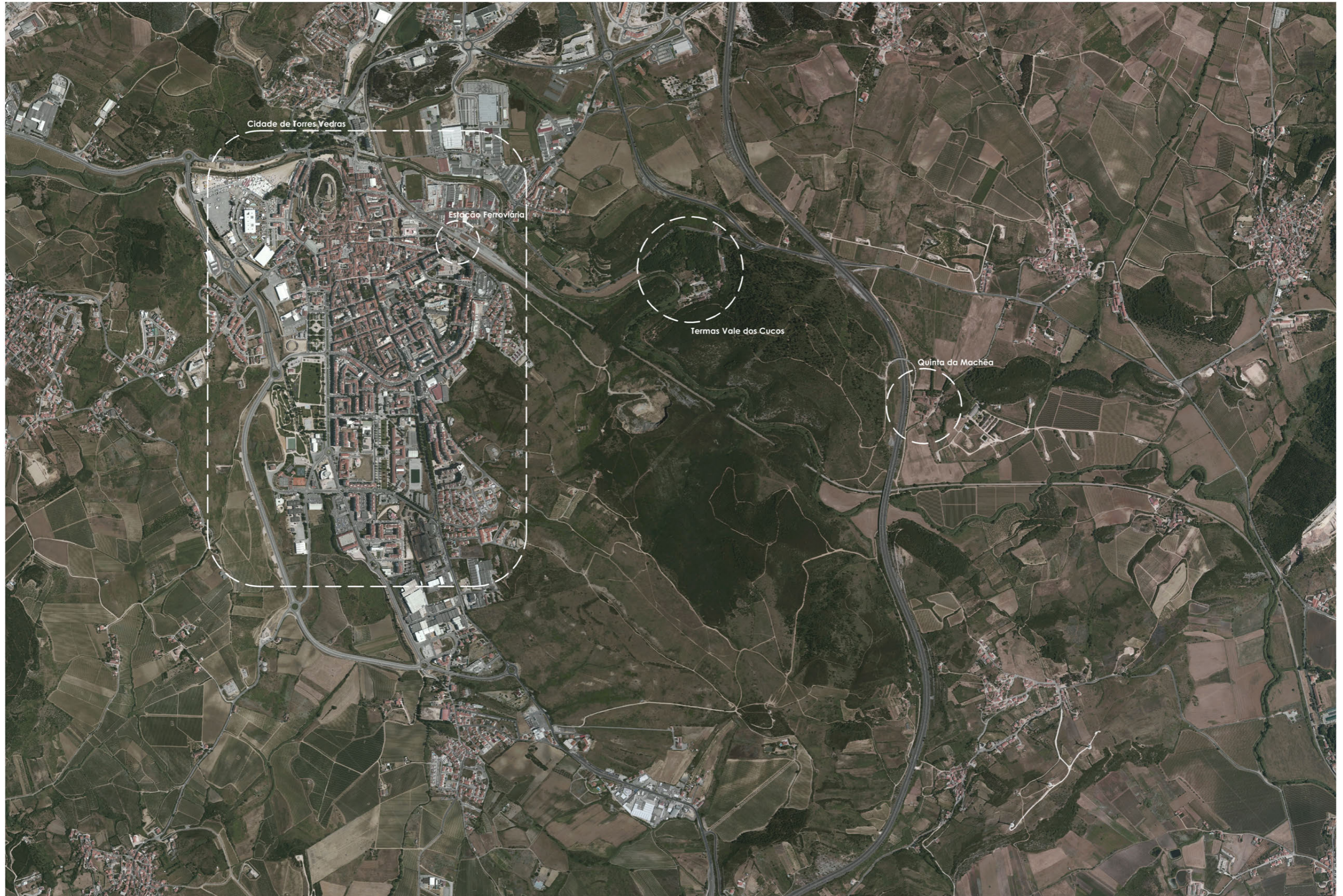


fig.078 | Ortofotomapa \_ Cidade de Torres Vedras, Vale dos Cucos e área envolvente



fig.078 | Planta de Torres Vedras e Termas do Vale dos Cucos

## 03.6.1 | NOTAS DE REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA DE CAPÍTULO

ANDRADE, CARLOS (1937), *Os vales submarinos portugueses e o diastrafismo das Berlengas e da Estremadura*, Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

CARDOSO, LUÍS (1758), *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*, Lisboa: Officina Sylviana.

MANGORRINHA, JORGE (2000), *O lugar das termas: património e desenvolvimento regional: as estâncias termais da Região Oeste*, Lisboa: Livros Horizonte.

VIEIRA, ANTÓNIO (1914), *Termas do Cucos*, Dissertação Inaugural Porto: Faculdade de Medicina do Porto.

VIEIRA, JOSÉ (1964), *História das Termas do Vale dos Cucos, Separata de O Médico n.º 676*, Porto: Tipografia Sequeira.

## 03.6.3 | ICONOGRAFIA DE CAPÍTULO

pag081\_fig.067 | Fotografia Aérea \_ Vale da Serra do Montejunto  
Fonte: fotografia de drone capturada pelo autor

pag083\_fig.068 | Perfil Geológico \_ Montejunto Cabeço (Vale dos Cucos)  
Fonte: © Carlos Freire de Andrade  
Disponível em: *Os vales submarinos portugueses e o diastrafismo das Berlengas e da Estremadura*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa

pag083\_fig.069 | Carta Geológica \_ Cartas 30A, 30B, 30C e 30D  
Fonte: © Laboratório Nacional de Energia e Geologia  
Disponível em: Biblioteca Luís Verney \_ Universidade Évora

pag084\_fig.070 | Fotografia Aérea \_ Cidade de Torres Vedras  
Fonte: fotografia de drone capturada pelo autor

pag085\_fig.071 | Planta de Localização do conselho de Torres Vedras  
Fonte: Elemento produzido pelo Auto

pag085\_fig.072 | Planta de do Conselho de Torres Vedras  
Fonte: Elemento produzido pelo Auto

pag088\_fig.073 | Mapa da Quinta da Machêa de 1787  
Fonte: Digitalização do Autor  
Disponível em: **Arquivo Particular de José Neiva (actual Proprietario das Termas do Vale dos Cucos)**

pag090\_fig.074 | *Memorias Paraquiais*, vol.37 nº79 pag.888  
Fonte: © Luis Cardoso  
Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?tid=4241903>

pag090\_fig.075 | *Memorias Paraquiais*, vol.37 nº79 pag.889  
Fonte: © Luis Cardoso  
Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?tid=4241903>

pag091\_fig.076 | Capa do *Memorias Paraquiais* Tomo I  
Fonte: Fotografia de Autor desconhecido  
Disponível em: <https://genealogiafb.blogspot.com/2014/12/diccionario-geografico-ou-noticia.html>

pag093\_fig.077 | Fotografia Aérea \_ Vale dos Cucos  
Fonte: fotografia de drone capturada pelo autor

pag094\_fig.078 | Ortofotomapa \_ Cidade de Torres Veras, Vale dos Cucos e área envolvente  
Fonte: Google maps  
Disponível em: <https://www.google.pt/maps/@39.0868776,-9.2316292,5230m/data=!3m1!1e3>

pag096\_fig.079 | Planta da cidade de Torres Vedras e do Vale dos Cucos  
Fonte: Elemento produzido pelo Auto

pag098\_fig.080 | Planta geral das Termas do Vale dos Cucos  
Fonte: Elemento produzido pelo Auto

(seguidamente)

## || TERMAS VALE DOS CUCOS

### 04 | OS PROPRIETÁRIOS

#### ○ PASSADO das Termas

A história das pessoas que fizeram a história das Termas do Vale dos Cucos

### 05 | AS TERMAS

#### ○ PRESENTE

Levantamento arquitectónico e fotográfico do legado construído.

### 06 | PROJECTO

#### Uma possibilidade de FUTURO

Proposta de projecto de reestruturação arquitectónica para as Termas do Vale dos Cucos.

UÉvora | 2020

Rui Miguel Carvalho Silvestre